

Regiane Aparecida Rossi Hilkner

C2
R-381

CIGANOS: PEREGRINOS DO TEMPO



RITUAL, CULTURA E TRADIÇÃO.

**Universidade Estadual de Campinas - Unicamp
Programa de Pós-Graduação em Multimeios - IA**

2008

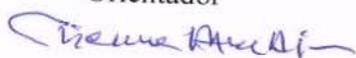
Regiane Aparecida Rossi Hilkner

**CIGANOS, PEREGRINOS DO TEMPO:
RITUAL, CULTURA E TRADIÇÃO.**

Este exemplar é a redação final da Tese defendida
pela Sra. Regiane aparecida Rossi Hikner e
aprovada pela Comissão Julgadora em 30/07/2008.

Prof. Dr. Etienne Ghistain Samain

Orientador



Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Multimeios do
Instituto de Artes da UNICAMP para
obtenção do Título de Doutor sob
orientação do Prof. Dr. Etienne G.
Samain.

**Universidade Estadual de Campinas -Unicamp
Programa de Pós-Graduação em Multimeios - IA.**

2008.

UNIDADE BC
Nº CHAMADA: _____
T/UNICAMP _____
V. _____ EX. _____
TOMBO BCCL 80570
PROC 76-148-09
C _____ D X
PREÇO 11,00
DATA 10-03-09
~~BIB~~

Cód. Lt 436352

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ARTES DA UNICAMP

H549c	Hilkner, Regiane Aparecida Rossi. Ciganos: Peregrinos do Tempo - Ritual, cultura e tradição. / Regiane Aparecida Rossi Hilkner. – Campinas, SP: [s.n.], 2008. Orientador: Etienne G Samain. Tese(doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. 1. Ciganos. 2. Corpo-Memória. 3. Dança. 4. Peregrinação. 5. Sara Kali. I. Samain, Etienne G. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título. (em/ia)
-------	--

Título em inglês: "Gypsies: Pilgrims of the time - Ritual, culture and tradition."

Palavras-chave em inglês (Keywords): Gypsies, Body-memory, Dance, Pilgrimage.
Sara Kali.

Titulação: Doutor em Multimeios.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Etienne G Samain.

Prof. Dr. Ronaldo Entler.

Prof. Dr. Marcius César Soares Freire.

Prof. Dr. Severino Antônio Moreira Barbosa

Profª. Drª. Claudia Regina Alves Prado Fortuna

Prof. Dr. Crispim Antônio Campos

Profª. Drª. Regina Pollo Muller

Data da defesa: 30-07-2008

Programa de Pós-Graduação: Multimeios.

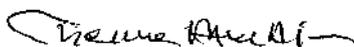
Regiane Aparecida Rossi Hilkner

**CIGANOS, PEREGRINOS DO TEMPO:
RITUAL, CULTURA E TRADIÇÃO.**

Este exemplar é a redação final da Tese defendida
pela Sra. Regiane aparecida Rossi Hilkner e
aprovada pela Comissão Julgadora em 30/07/2008.

Prof. Dr. Etienne Ghistain Samain

Orientador



Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Multimeios do
Instituto de Artes da UNICAMP para
obtenção do Título de Doutor sob
orientação do Prof. Dr. Etienne G.
Samain.

**Universidade Estadual de Campinas -Unicamp
Programa de Pós-Graduação em Multimeios - IA.**

2008.

UNIDADE BC
Nº CHAMADA: _____
UNICAMP
V. _____ EX. _____
TOMBO BCCL 80570
PROC 16-148-09
C _____ D X
PREÇO 11,00
DATA 10-03-09
~~BLIB~~

Cód. Lt 436352

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ARTES DA UNICAMP**

H549c	Hilkner, Regiane Aparecida Rossi. Ciganos: Peregrinos do Tempo - Ritual, cultura e tradição. / Regiane Aparecida Rossi Hilkner. – Campinas, SP: [s.n.], 2008. Orientador: Etienne G Samain. Tese(doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. 1. Ciganos. 2. Corpo-Memória. 3. Dança. 4. Peregrinação. 5. Sara Kali. I. Samain, Etienne G. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título. (em/ia)
-------	--

Título em inglês: "Gypsies: Pilgrims of the time - Ritual, culture and tradition."

Palavras-chave em inglês (Keywords): Gypsies, Body-memory, Dance, Pilgrimage, Sara Kali.

Titulação: Doutor em Multimeios.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Etienne G Samain.

Prof. Dr. Ronaldo Entler.

Prof. Dr. Marcius César Soares Freire.

Prof. Dr. Severino Antônio Moreira Barbosa

Profª. Drª. Claudia Regina Alves Prado Fortuna

Prof. Dr. Crispim Antônio Campos

Profª. Drª. Regina Pollo Muller

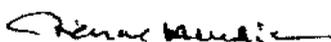
Data da defesa: 30-07-2008

Programa de Pós-Graduação: Multimeios.

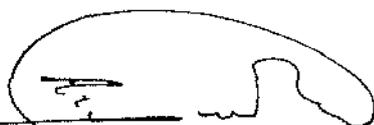
Instituto de Artes

Comissão de Pós-Graduação

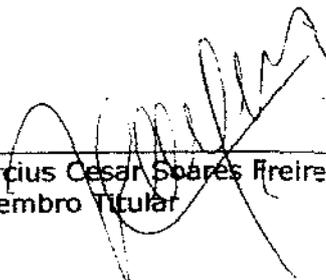
**Defesa de Tese de Doutorado em Multimeios, apresentada pela
Doutoranda Regiane Aparecida Rossi - RA 921153 como parte dos
requisitos para a obtenção do título de Doutor, perante a Banca
Examinadora:**



Prof. Dr. Etienne Ghislain Samain
Presidente/Orientador



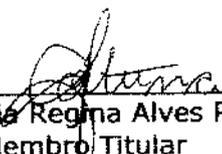
Prof. Dr. Ronaldo Entler
Membro Titular



Prof. Dr. Marcio Cesar Soares Freire
Membro Titular



Prof. Dr. Severino Antonio Moreira Barbosa
Membro Titular



Profa. Dra. Claudia Regina Alves Prado Fortuna
Membro Titular

200905468

A quem partiu

Maria Della Volpe Rossi

A quem chegou

Mauro Hilkner

A quem está chegando

Aléxia Rossi Hilkner

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Laerte, a quem devo seguir o exemplo de humildade e trabalho.

À minha mãe, Marlene, pela sua doce companhia.

Ao meu irmão, Flávio, meu carinho, respeito e gratidão.

Ao Professor Doutor, Etienne Samain, orientador que alia à sua sensibilidade, um comprometimento profissional e humano com o orientando.

Aos Professores Doutores Severino Antônio Moreira Barbosa, Ronaldo Entler e Cláudia Prado Fortuna, sem os quais nada disso teria sido possível. A minha gratidão se confunde com a admiração e profundo respeito que lhes dedico.

Aos Professores Doutores, Crispim Antônio Campos e Marcius Freire pela disponibilidade e atenção a mim oferecidas.

Às amigas Ericka Correa Vitta, Gabriela Raeder e Lília Torres pelo apoio e incentivo decisivos.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Múltiplos Meios, pelo carinho e respeito com o qual sempre me receberam.

Aos ciganos, peregrinos do tempo.

Será uma quimera pensar numa sociedade que reconcilie o poema e o ato, que seja palavra viva e palavra vivida, criação de comunidade e comunidade de criação?

Octávio Paz, 1982.

RESUMO

Pesquisar as manifestações da cultura cigana é sempre um empreendimento ambicioso, pois se constitui em uma prática polissêmica, que traz diversas possibilidades de interpretação, considerada ao mesmo tempo exótica, artística, religiosa, entre outras definições. Esta pesquisa procurou inicialmente focar apenas um de seus aspectos: o corpo cigano enquanto uma construção social que, ao expressar-se, agencia memórias. No entanto, como nos ensina a poesia, não existem pré-caminhos... O caminho se faz ao caminhar. Ciganos, unidade complexa, mosaico étnico. Ritmos e imagens. Materialidade e significação. Assim, o corpo-memória foi abordado no complexo universo cigano. Os capítulos deste trabalho nasceram e cresceram em função dessa complexidade cigana que impossibilita a fragmentação. Neste contexto, o objeto central de análise, ao longo do percurso de estudo e pesquisa, deslocou-se para além do corpo-memória, fazendo-se necessário um aprofundamento do *ethos*¹ cigano, suas histórias, memórias, crenças e em especial a sua crença maior: Sara Kali. Para tanto, buscou-se em uma constelação harmônica apresentar os Ciganos - livres de estereótipos (Primeiro Capítulo). Ciganos peregrinos que juntam as vozes, mesmo pertencentes a diferentes tribos: muitas vozes em uma única voz, muitos mundos, dentro de um mesmo mundo – o Mito de Sara Kali (Segundo Capítulo). E por fim, o que antes era o início: ciganos que escrevem e reescrevem o texto da própria existência, pela poesia e ritual da dança (Terceiro Capítulo). Incorporada à área da Antropologia Visual e movida pela intenção de fazer das imagens fotográficas e dos relatos de alguns atores sociais, objeto de reflexão e ponto de partida e de chegada de todo o processo de constituição da identidade cigana, este estudo objetivou demonstrar não somente os elementos culturais dos ciganos, que os aproximam ou os distanciam da cultura predominante, mas nos preocupamos em verificar como organizam suas memórias impressas em seus corpos, uma vez que, mesmo espalhados pelo mundo, apresentam-se como grupo com marcada identidade.

Palavras-Chave: Ciganos, Corpo-Memória, Dança, Peregrinação, Sara-Kali.

¹Entende-se por *ethos*, o estilo de ser, relacionado à performance, ao sentido estético e comportamental das tribos ciganas.

ABSTRACT

To search the characteristics of gypsy culture is always an ambitious task since it brings a variety of meaning and possibilities for interpretation for it is considered exotic, artistic, religious, among other. This research, initially, sought to focus only one of its aspects: the gypsy body as a social construction which by expressing itself brings out memories. However, as poetry teaches us, there are no pre-paths... The path is to walk. Gypsies, a complex unit, ethnic mosaic. Rhythms and images. Materiality and meaning. Thus, the body-memory was addressed in the complex gypsy universe. The chapters of this work flourished and grew in the light of such complexity of the gypsy people that is completely impossible to be fragmented. In this context, the central object of analysis, along the route of study and research, went beyond the body-memory, making it necessary deepening the gypsy ethos [1], their stories, memories, beliefs and in particular their greatest belief: Sara Kali. In order to achieve this, a harmonious constellation was blended in presenting the Gypsies - free of stereotypes (First Chapter). Gypsies pilgrims who gather their voices, even belonging to different tribes: many voices in one only voice, many worlds within the same world - the myth of Kali Sara (Second Chapter). At last, what was once the beginning: gypsies who write and rewrite the text of their own existence through the ritual of poetry and dance (Third Chapter). Incorporated into the area of Visual Anthropology and driven by the intention of making photographic images and reports of some social actors, the subject of reflection and point of departure and arrival of the whole process of formation of Roma identity, this study aimed to demonstrate not only the cultural elements of Roma, that can be nearer or farther from its own predominant culture, but we care to verify how they organize their memoirs printed in their bodies because, even around the world, they present themselves as a group with marked identity.

Key-words: Gypsies, Body-Memory, Dance, Pilgrimage, Sara Kali.

RROMÁLE

Muntele este alcatuit in roma din formatiuni calcarose formandu in urna procesului de incredipe a scoartei. Mare a sa declarată rezervație atorită speciilor fluturi lungi pot lua telecabina, carel facen aflat pe coama panoramă muntelui, Braşovia sau drumul pentru maşină au ridicat statui împre ionate în şapte oraşe ale vechii ungarii. Piatra a fost adusă, cu ajutorul unor funiculare, din Valea Cetăţii, Priveliştea din vârful Tâmpei oferă o splendidă asupra oraşului, iar în silvic al Braşovului, treptele lui Gabony, drumul Cavalerilor, vechi din vremea arpadiene. Pentru majoritatea cetăţenilor Braşovului, această statuie bucăţi. În soclul a fost aruncat în aer de către Armata română, după ce cetăţii de la iepure. Cei neobişnuiţi cu drumeţiile legătura între puţin de trei minute. Zilele senine se poate observa întreaga tară a Bârsei statuia doborâtă o furtună înspre oraş, sfărâmându-se în urma procesului de încreţire a scoarţei deterioreze. Ruinele rezultate au rămas pe munte până pe acest munte în dreapta terasei, asigurându-le iluminatul artistic pe timp de Sara Kali se poate ajunge pe mai multe căi: există cele Astăzi se mai păstrează doar terasa ce oferă o superbă panoramă asupra oraşului şi iar, pentru a preveni efectul intemperiiilor, (statuia a fost) dotată u țara noastră, păsări şi plante rare crucea voinicului, obsiga bârsană care se găsesc urme ale căzilor de piatră pentru răcit sticle în mica peşteră. În anul Sara Kali (statuia a fungi) Consiliul coloană având aşezat pe capitel un personaj înfăţişând un arcaş din (statuia a timpul) dinastiei ma rămas ca fiind statuia lui ducele care a condus Sara Kali triburile maghiare în. Costul fital pentru înălţare s-a ridicat la spre comemorarea evenimentului. Astfel, în anul Pădurarului de la poale şi au fost îndepărtate de autorităţi. Astăzi, capul statuii se a ridicat înăuntru o cruce de marmură, iar în a remontat este naturală, d de animale urşi, râşi, lupi, din totalul speciilor din serpentine, tăiate în iar pe mai există doar fundaţia soclului literele ce compun numele municipiului documentele spun că un anume .

Această- paratrăsnet: Romas, Intemperilo, Marmură- numele, Noastră, Sar Kali.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES.

Figura 1- Rota Migratória	2
Figura 2- A Cigana	42
Figura 3- Esquema de Classificação: grupos e subgrupos ciganos.....	48
Figura 4-Acampamento Cigano	68
Figura 5- Anúncio de Escravos Ciganos.....	70
Figura 6- Ciganos: um mosaico étnico.....	102
Figura 7- Lilith Guerreira.....	192
Figura 8 - Lilith: a mãe do todos os ciganos.....	192

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1- Diálogos ciganos.....	3
Fotografia 2- Nomadismo cigano	8
Fotografia 3- O Espelho	12
Fotografia 4- Mão Kalderash.....	28
Fotografia 5- Mães Calóns	30
Fotografia 6- Jovens Calóns.....	31
Fotografia 7- A Dança do Retorno.....	32
Fotografia 8- Ciganos Kalderashs	52
Fotografia 09- Cigano Matchuara.....	53
Fotografia 10- Ciganas Lovaras	54
Fotografia 11- Cigana Tchurara	55
Fotografia 12- Ciganos Vlach Romani	56
Fotografia 13- Ciganos Sinti ou Manouch.....	57
Fotografia 14- Ciganas Calóns.....	58
Fotografia 15- O Preconceito	69
Fotografia 16- Experimento humano.....	72
Fotografia 17- Esteio.....	73
Fotografia 18- Ritual no Campo de Concentração.....	74
Fotografia 19- O extermínio.....	75
Fotografia 20- A vergonha.....	76
Fotografia 21- Auschwitz.....	77
Fotografia 22 - A última viagem.....	81
Fotografia 23- Chelmo.....	82

Fotografia 24- Divieto de Scarico.....	82
Fotografia 25- Em memória da dor.....	82
Fotografia 26- Fyua:A Bandeira Cigana	100
Fotografia 27- O vurdón.....	107
Fotografia 28- O entalho	107
Fotografia 29- Liberdade cigana	107
Fotografia 30- Fyua: Nomadismo	107
Fotografia 31- Fé cigana.....	110
Fotografia 32- Ritual Tkang.....	123
Fotografia 33- Saintes Maries de La Mer	124
Fotografia 34- A multidão.....	125
Fotografia 35- A partilha	125
Fotografia 36- Violino em Saintes Maries	126
Fotografia 37- Uma dança	126
Fotografia 38- Cavaleiros de Sara Kali	127
Fotografia 39- O desfile	128
Fotografia 40- A cripta.....	129
Fotografia 41- Interior da cripta.....	130
Fotografia 42- Um Manto para Sara	131
Fotografia 43- Uma coroa para Sara.....	132
Fotografia 44- Velas para Sara.....	132
Fotografia 45- O início	133
Fotografia 46- A espera de Sara	133
Fotografia 47- Admiração	134
Fotografia 48- Sara em Procissão.....	134

Fotografia 49-A Procissão	135
Fotografia 50- Canções para Sara	136
Fotografia 51- O padre	136
Fotografia 52- O padre	136
Fotografia 53- Sara na praia	137
Fotografia 54- Tchuraras na praia	138
Fotografia 55- O retorno à cripta	139
Fotografia 56- O acampamento	141
Fotografia 57- O novo vurdón	141
Fotografia 58- Ciganos e seus vurdóns	142
Fotografia 59- A arte cigana	143
Fotografia 60- O presente, o passado e o futuro	144
Fotografia 61- Contribuições para Sara	144
Fotografia 62- Ciganos e gadjês	145
Fotografia 63-Slava de gerações	148
Fotografia 64- De mãe para filha	149
Fotografia 65- Unidade ritual na diversidade tribal	150
Fotografia 66- Sara Kali	151
Fotografia 67- Peregrinos do tempo	154
Fotografia 68- Cigana peregrina	155
Fotografia 69- O encontro	156
Fotografia 70- Ritual Hiuan	157
Fotografia 71- A Dança do Júbilo	158
Fotografia 72- Dança em Saintes Maries	159
Fotografia 73- Optcha!	160

Fotografia 74- Louvor à Sara	165
Fotografia 75- Orações à Sara.....	165
Fotografia 76- Dança Lovara.....	166
Fotografia 77- Dança Circular Masculina.....	166
Fotografia 78- A cartomante.....	167
Fotografia 79- Altar de Sara.....	167
Fotografia 80- Peregrinação moderna.....	168
Fotografia 81- Sara em andor moderno.....	168
Fotografia 82- Unidade ritual em Santos.....	169
Fotografia 83- Devolução dos mantos de Sara.....	169
Fotografia 84- Família Tchurara.....	172
Fotografia 85- Dança Geratriz	175
Fotografia 86- Dança Conservação	177
Fotografia 87- Para Lilith e Bel Karrano.....	182
Fotografia 88- A fogueira.....	183
Fotografia 89- Equilíbrio.....	184
Fotografia 90- Esperança.....	184
Fotografia 91- Cigana Kalderash em Ritual	185
Fotografia 92- Adão e Lilith.....	186
Fotografia 93- Felicidade.....	187
Fotografia 94- A preparação.....	190
Fotografia 95- O Ritual Geratriz.....	190
Fotografia 96- Reação.....	192
Fotografia 97- Força e liberdade	192
Fotografia 98- Ritual da Transformação.....	194

Fotografia 99- Altivez.....	194
Fotografia 100- Alegria.....	194
Fotografia 101- Impulso e ascensão	194
Fotografia 102- Dança Ritual da Vida.....	196
Fotografia 103- A vida em movimento.....	196
Fotografia 104- A menarca.....	198
Fotografia 105- Dança da União.....	203
Fotografia 106- Dança do Luto.....	204
Fotografia 107- A dor.....	205
Fotografia 108- Segredo e magia.....	207
Fotografia 109- Bela Kalderash.....	214
Fotografia 110- Marcas do clã	217
Fotografia 111- Uma marca	218
Fotografia 112- Na nuca	219
Fotografia 113- O esteio	220
Fotografia 114- Marca Manouch.....	221
Fotografia 115- Marca de proteção.....	222
Fotografia 116- Beleza Tchurara.....	225
Fotografia 117- Sorrisos Kalderashs.....	226
Fotografia 118- Mãe Kalderash.....	226
Fotografia 119- O brinco.....	227
Fotografia 120- Anéis de liderança.....	228
Fotografia 121- Gestual de reconhecimento	244

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Quem são estes peregrinos?	1
A Imagem-memória: fatos e fotos.....	7

PRIMEIRO CAPÍTULO

Ciganos: um mosaico étnico.....	35
1.1 - O Mosaico.....	46
1.2 - O caminho pela narrativa cigana.....	64
1.2.1 - Vida de Cigano.....	68
1.2.2 - Mitos e Nomadismo.....	83
1.2.3 – Tecendo memórias.....	85
1.2.4 - O idioma.....	86
1.2.5 - A Religião.....	88
1.2.6 - As Tribos.....	90
1.3 - Apresentando Mosaico.....	93
1.3.1 - Sujeitos e Procedimentos.....	93

SEGUNDO CAPÍTULO

A Slava de Sara Kali: a unidade ritual na diversidade tribal.....	110
2.1 – A Slava : Símbolo do Encontro Cigano.....	111
2.2 –O local do Encontro : Saintes Maries de La Mer.....	123
2.3 – A data do Encontro : 24 de Maio.....	130
2.4 - No acampamento.....	146
2.4.1 -De volta à narrativa.....	151
2.4.2 -Santa Sara Kali.....	151
2.4.3 -A Festa de Santa Sara.....	153
2.4.4 -Dia 24 de maio.....	161
2.5 - A Slava no Brasil	164

TERCEIRO CAPÍTULO

A memória corporificada.....	172
3.1 - “O céu é meu teto, a terra minha pátria e a dança a minha religião”. 175	
3.2 – “Um grito que ecoa no tempo e no espaço”.....	182
3.2.1- As Danças Rituais.....	188
3.2.1.1 – A Dança da Vida	195
3.2.1.2 – A Dança Menarca	197
3.2.1.3 – A Dança da União	199

3.2.1.4 - A Dança do Luto	203
3.3- "Meu corpo minha história, meu corpo minha memória".....	234
3.4- Corpo e Palavra – Inseparáveis : a narrativa sobre o corpo.....	241
3.4.1 – Indumentárias Ciganas.....	249
CONSIDERAÇÕES FINAIS	257
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	263

INTRODUÇÃO

QUEM SÃO ESSES PEREGRINOS?

“Caminharei a minha ciganice por estes e outros mundos, ainda que nesta caminhada fira os meus pés nas pedras das estradas”.

Esmeralda Semioch¹

As primeiras notícias sobre andarilhos que perambulavam pelo mundo, surgiram em 1322, quando estes, então na Ilha de Creta, foram chamados de “raça chan”. Mais tarde, já no final do século XIV, ouve-se falar de uma gente de pele morena, coberta com panos coloridos, enfeites dourados e andar descalço que caminhavam juntos, sempre em frente, com suas crianças, velhos e cães em suas carroças. Nessa ocasião lhes era dado o nome de “cinjaribe”. E, assim, através dos tempos e pelo mundo afora, sempre se ouviu falar de andarilhos, saltimbancos, violinistas, leitores de sorte... Os ciganos.

Eles já foram chamados de sarracenos, tártaros, gregos, egípcios, boêmios, termos usados no século XV para classificar os grupos nômades. Na Valáquia foram escravizados e chamados de “atsingani”. Na Europa, surgem em cortejo como os remanescentes da perdida corte da Babilônia.

Chan, romiti, atsingani, egípcios, boêmios, membros da corte da Babilônia foram então chamados por onde passavam, vindos da Índia, fugidos do domínio muçulmano. O nome que passam a ter depois, em definitivo,

¹Cigana pertencente ao clã Lovara.

ciganos, seria derivado do egípcio, mas de forma influenciada pela história da Espanha, em especial pelos povos da Catalunha - os gitanos. São conhecidos também como zingaros, sobretudo na Itália, derivado de "zingari", originário das formas latinas usadas na Idade Média.

Pela interpretação e derivativos de seus nomes, pode-se afirmar a origem do povo cigano. *"Saíram da Índia, caminhando em uma única direção e originária do Sind e Punjab. Foram para o Afeganistão, para a Pérsia, para a Romênia, Ásia Menor, entrando na Europa pela Grécia"*. (HUIZINGA, 1984, p. 28).

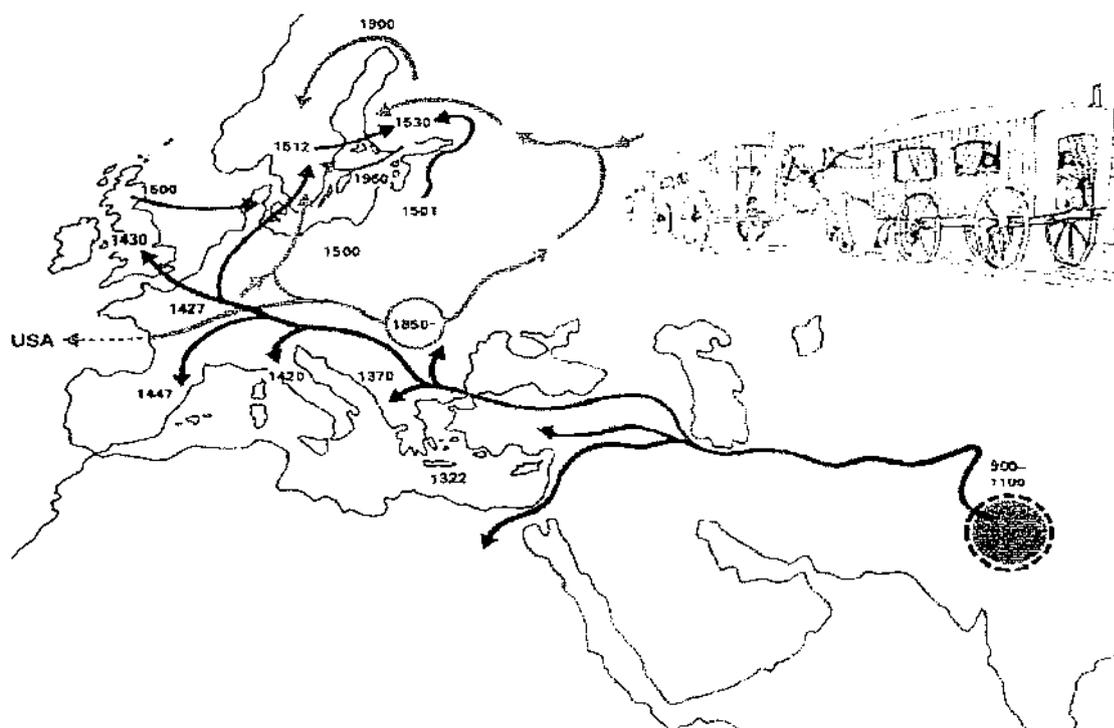


Figura 1-Rota migratória dos ciganos: da Índia, para Oriente, Europa e América. As cores das setas correspondem a cada grupo cigano. A seta preta corresponde ao Grupo *Rom*, seta vermelha ao grupo *Sinti* ou *Manouch* e seta verde corresponde ao grupo *Calón*.

Seguiam com seus trajes hindus, rasgados pelas andanças, suas danças, a quiromancia, suas tatuagens, seu idioma - o romani - enfim, com suas memórias marcadas em seus corpos.

O idioma romani é um dialeto complexo, falado, ágrafo. Apresenta um sistema fonológico autônomo, ou seja, uma língua independente dos idiomas dos países pelos quais viveram e percorreram. No entanto, palavras próximas ao sânscrito remetem pesquisadores à afirmação de que a origem dos ciganos é a Índia. Mas seu local de origem não é um elemento de preocupação para os ciganos: para eles o ir e vir é nada mais do que a possibilidade do encontro.

Assim, essa linguagem própria e exclusiva constitui-se como uma das maneiras dos ciganos manterem-se vivos, unidos, com suas tradições preservadas. A cultura dos ciganos é transmitida oralmente. A pátria do cigano é a sua língua e seu continente a extensão da memória dos seus ancestrais.



Fotografia 1 - Ciganas de diferentes faixas etárias conversam em torno de tradicional fogueira. Momento que se repete todas as noites em acampamento cigano. Saintes Maries de la Mer, 2004

O Idioma é tão importante para a história e memória cigana que sobre ele, poetizam:

<u>Cib marí</u>	<u>Nossa língua</u>
Kamáva tu cib marí. Tu saí bravalí ta cororí sar jamén. Kántu sam bibaxtalé ménge tu déssa le láu par te rovás, kántu sam kontán ménge tu déssa le láu par te sas, kántu si-amén bróxa te garavássa men tu, cib marí, déssa ménge ne vast.	Amo você, nossa língua. Você é rica e pobre como nós. Quando estamos tristes você nos dá as palavras para chorar, quando estamos contentes você nos dá as palavras para nos alegrar quando temos que nos esconder você, nossa língua, nos ajuda.
But pirdál ménca pren sa le dromá do vélto, sálas i jag da maré giljá, ma kaná andrén kaíá džungalé pláse kaj cidéna men le gadžé tu meréssa ne písla óni divés, sar jamén.	Você viajou junto a nós ao longo das estradas do mundo, era o fogo das nossas canções, e agora nestes terrenos insalubres que os gadjôs nos reservam você morre um pouco a cada dia, como nós.
Se našavássa tu nínge jamén sam našadé. Šunén cavalé, šun ternibén, maré puré Rom mukjén-le ménge kajá šukár, gulí cib. Na bistarás la, sikavás la kaj maré cavé, indžarás la sémpar ménca sar o kórkoro braválimo ke si.	Se te perdermos nós também estaremos perdidos. Escutem, rapazes, escute, juventude, os nossos velhos ciganos nos deixaram esta bela e doce língua. Não a esqueçamos, ensinemos aos nossos filhos, conservemos sempre conosco como o único tesouro que nos pertence.

Como o idioma romani é um idioma de reconhecimento e manutenção da memória e etnia cigana, ao longo deste estudo obtivemos a permissão para a apresentação da tradução² e da versão – sonoridade - do dialeto para

²A tradução do idioma romani para a língua portuguesa foi realizada pela pesquisadora que, como cigana, domina o dialeto.

a língua portuguesa somente em poesias e orações “*Tergimém u Diehl*” (Poesias para Deus).

Percebemos, assim, que os ciganos pertencem durante séculos a uma cultura ágrafa, sem escrita, sem literatura própria. É um povo de tradição oral. Isso é fato. No entanto, acrescentamos a essa perspectiva um outro olhar: o povo cigano como um povo fundamentalmente de tradição corporal. E é com base na tradição oral e corporal dos ciganos que se embasou este estudo objetivando a reconstrução desta história compartilhada. Histórias vividas em diferentes lugares do mundo, em diferentes espaços e funções.

Ciganos vivem a condição de itinerância e de suas conseqüências. A tentativa de resgatar essa história, de aprender com ela resulta do desejo de compreender como uma identidade se constrói nesse nomadismo...

Com o intuito da reconstrução da saga cigana, ressalvamos neste trabalho os elementos constitutivos do universo cigano. Para tanto, utilizamos a metodologia da História Oral.

A História Oral passou a ser mais do que uma decisão técnica ou de procedimento ou um roteiro para o processo detalhado e preciso de transcrição da oralidade cigana, mas a possibilidade da identificação, através dessa oralidade, de interpretações qualitativas da realidade étnica, histórica, cultural e social do universo cigano.

Assim, o interesse pelas narrativas, no interior desta pesquisa, decorreu da possibilidade da obtenção e desenvolvimento de conhecimentos e da fundamentação de análises com base na criação de fontes inéditas ou novas. Ao se interessar pela oralidade, procuramos destacar e deixar como

centro de sua análise a visão e versão das experiências mais profundas dos seus atores sociais: os ciganos.

Segundo afirma o historiador Henry Rousso (1996), a memória, no sentido básico do termo, é a presença do passado. A memória é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto toda memória é, por definição, "coletiva", como sugere Maurice Halbwachs, sociólogo francês da escola durkheimiana.

Nesse contexto, Halbwachs (1999, p. 54) considera ainda que:

[...] a história tem sido quase sempre uma história das feridas abertas pela memória, não sendo no fundo senão uma manifestação, entre outras, das interrogações atuais e palpitantes sobre certos períodos que "não passam": é uma forma de expressão da memória coletiva, um dos vetores pelos quais se transmite e se reconstrói o passado [...].

Michael Pollack, em publicação intitulada "Memória e identidade social" (1992), apresenta a História Oral essencialmente, como o registro da memória viva, embora etérea, de uma comunidade, de uma família, de uma pessoa. É esta sua natureza que lhe confere o fascínio e a singularidade. Porque efêmeros são os gestos, as expressões, as inflexões da fala, os sentimentos, ou seja, as linguagens do corpo e da alma, na altura em que se usam e se

trocam dentro de um sistema de relações sociais e culturais. A sua força vem da sua subjetividade, e o seu poder da autenticidade do narrador. A História Oral é o registro da transmissão do conhecimento, feita através da sutileza da língua falada.

A História Oral registrou a memória viva, carregando emoções e sentimentos. Muitas destas memórias são chamadas de "subterrâneas", porque ficam à margem da história oficial. Através deste esforço de pesquisa e da constante utilização de registros visuais dialogando com os de depoimentos construíram-se imagens do passado muito mais abrangentes e dinâmicas.

No âmbito desta pesquisa, a utilização da História Oral, representou um duplo papel de valor antropológico e histórico. A oralidade foi para além da mera redescoberta de costumes e hábitos, da recriação de ambientes e momentos familiares e coletivos, mas a narrativa de histórias pessoais, familiares e coletivas, escondidas ou suprimidas, possibilitou a reabertura de alguns capítulos da história e saga cigana.

Neste contexto, a História Oral foi um aporte importante na orientação deste estudo para a superação da dicotomia entre vozes e imagens, uma vez que abriu a possibilidade de se trabalhar com fontes variadas: das narrativas às fontes imagéticas orientando o diálogo entre elas.

A Imagem-Memória: fatos e fotos.

A linguagem para os ciganos é a dimensão de sua existência. Ressoam no universo cigano nomes e verbos. Seus gestos têm rastros de

signos. Sua história, seus medos, seus desejos, suas lutas e os seus amores não podem ser separados de suas vozes³.

Em cada testemunho revelado e em cada imagem fotográfica associada e compartilhada, afloram histórias de muitas vidas, subvertendo o silêncio.



Fotografia 2 - O Vurdón (o carroção), mais do que um meio de transporte, representa a casa e o nomadismo cigano. A mulher no comando do Vurdón, indicia viuvez e, neste papel assumirá a família, até que seu filho complete 14 anos, idade em que passará a chefiar a família na ausência do pai. O termo adolescente não existe para os ciganos, da infância para a responsabilidade adulta. O menino com os animais demonstra que esse processo se iniciará em breve. Constitui-se desde a infância o espírito nômade, porém responsável. Fotografia pertencente ao arquivo pessoal do cigano Majur Manouch. A autoria da mesma é, para ele, desconhecida e supõe que seja da década de 30.

³Parágrafo inspirado e adaptado do livro *A Utopia da Palavra: Linguagem, poesia e educação: algumas travessias*. Barbosa, Severino Antônio, 2002, p. 33. Referimo-nos neste, momento a linguagem verbal.

Neste trabalho enfatizamos a importância que os testemunhos fotográficos adquiriram quando somados aos depoimentos orais. As imagens serviram de ponto de partida, para a recuperação de lembranças de um passado adormecido. As imagens testemunharam o que as palavras não disseram.

Vale ressaltar, no entanto, que as fotografias⁴ assumiram um papel mais amplo do que um mero meio para se trazer a tona lembranças adormecidas. Foram imagens fotográficas que tais como textos e artefatos culturais, acrescentaram novas dimensões, permitindo um aprofundamento da compreensão do universo simbólico cigano.

A “indução ao pensar”⁵ presente nas fotografias utilizadas, foi conectada aos dados da tradição oral e a memória dos grupos ciganos estudados e acrescentou novas dimensões à interpretação de sua história cultural, permitindo, também o aprofundamento da compreensão de seu universo simbólico. Atrevemo-nos a dizer que as imagens exprimem sistemas de atitudes pelos quais os ciganos definem-se, incutem e veiculam suas identidades e podem ser considerados textos a serem lidos nas entrelinhas.

As fotografias assumiram, portanto, um amplo significado na vida da sociedade pesquisada, pois ali continham partículas inesquecíveis de sua história de vida. Mesmo imagens de cenas alegres encontraram-se, para muitos ciganos, carregadas de nostalgia e tristes lembranças: a tristeza da ausência...

⁴A maioria absoluta das fotografias apresentadas no decorrer deste trabalho faz parte do acervo pessoal e familiar dos sujeitos envolvidos na pesquisa: pesquisadora e pesquisados.

⁵Samain, 1998, p.128.

Assim, as presenças e as ausências contam neste registro visual. Um laço invisível une a todos. Essas imagens adquiriram um significado especial para os ciganos, como ágrafos, na medida em que são detalhes concretos e visíveis de seu próprio passado, de sua história. Diante dos olhos, tiveram, mesmo para os ciganos mais jovens, uma única imagem: a imagem da memória coletiva que é aquela da memória não retratada, mas pressentida por todos aqueles que um dia "ouviram falar" da experiência vivida por estes peregrinos do tempo...

O perfil identitário cigano se constrói, portanto, em movimentos peregrinos, migratórios, nômades, mesmo para aqueles ciganos já sedentarizados, uma vez que, cada cigano carrega suas lembranças pessoais, porém, ele está inserido em um contexto, vive em uma sociedade, e é nessa realidade que ele consolida suas lembranças. A memória individual sofre influências das diversas memórias que os rodeiam. Estas diversas memórias constituem a memória coletiva, que garante a identidade do cigano, como pertencente a um determinado clã.

Pollack (1989) ao caracterizar a relação entre memória e identidade, define que a memória é um fenômeno construído (consciente ou inconsciente) como resultado do trabalho de organização (individual ou socialmente). Sendo um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivamente, é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou um grupo em sua reconstrução de si. Halbwachs (2004, p. 76), numa intenção maior de estudar a memória coletiva tece considerações:

Em que liames os homens do presente se apoiam para recuperarem o caminho de volta ao passado? Que elos se alojam entre passado e presente para que deles possamos chegar ao que chamamos de memória? Não só liames e elos entre passado e presente, mas entre as diversas concepções acerca do passado. Para se ter uma memória coletiva é preciso interligar as diversas memórias dos indivíduos que fazem parte do grupo identificado como proprietário daquela memória.

Assim, a memória individual não está isolada, o suporte em que se apoia encontra-se relacionado às percepções produzidas pela memória coletiva. Recordar, trazer à tona um passado vivido ou aprendido é, também, nos dizeres de Henry Rousso (2002, p.95), “[...] *revisitar uma história das feridas coletivas e compartilhadas abertas pela memória*”.

Para muitos ciganos foi sofrido remexer no fundo dos baús em busca de antigas fotos – passaportes para o passado. Tocar nas feridas... No entanto, as fotografias emergiram como um “incentivo” alimentando a narrativa, aguçando a recuperação das lembranças, reconstituindo fragmentos do cotidiano.

A explicação dada a cada uma das imagens foi considerada como uma extensão da narrativa e, neste contexto, o narrador se apresentou como o guardião da memória e depositário das lembranças de cada um.

De cada foto e fato outros nomes foram surgindo, cobrando-nos uma revisão da história oficial sobre a saga cigana, reabilitando a identidade e recuperando parte da memória.

As fotografias apresentadas no decorrer deste trabalho, longe de um instrumental imaturo, ou mera ilustração tiveram por finalidade apresentar a própria memória, instrumento para análise, como forma de se aprofundar o conhecimento da sociedade cigana, ampliando, também, sua visão. Assim, não se objetivou o registro fotográfico como imagem fiel do real, na qual o esforço de interpretação estaria na direção de um realismo positivista, sem deixar pistas para uma compreensão mais subjetiva e ideológica das imagens.



Fotografia 3-Cigano que se vê e é visto no desempenho de uma das características centrais da identidade cigana: a musicalidade, característica compartilhada pela criança ao fundo com o violão. Fotografia pertencente ao acervo pessoal de Ivan Yacovivh. Autoria desconhecida. Romênia 1953.

Compreender as imagens, mergulhar nas imagens. Aprofundar-se no conhecimento do passado e no afeto da memória. Pensar sobre, pensar na

descontinuidade, pensar no nomadismo, na singularidade cigana e na singularidade fotográfica. Pensar: estrutura cognitiva ligada à compreensão das imagens, uma vez que, estas nos oferecem lógicas e operações cognitivas. “[...] *fotografia que induz ao pensar e torna-se pensativa*” (SAMAIN, 1998, p.128). Fotografia que confronta... Essa é a perspectiva em que se baseou este trabalho. Perspectiva de Roland Barthes⁶ que possui uma teoria ampla sobre a imagem fotográfica.

Studium e *Punctum* são dois conceitos distintos e fundamentais da imagem fotográfica estabelecidos por Barthes. “*Studium se refere a uma leitura da imagem com critérios e objetivos definidos*”. (ENTLER, 2006, p.07) “[...] *algo que se apresenta ao intelecto como campo e objeto de estudo, como terreno de um saber e de uma cultura que posso compreender, desvendar e enunciar nos moldes da ciência*” (SAMAIN, 1998, p. 125), e :

A esse segundo elemento que vem contrariar o *studium* chamarei então *punctum*; pois *punctum* é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte - e também lance de dados.

(BARTHES, 1984, p. 46)

Decorrente da própria imagem o *punctum* constitui-se como um detalhe que mobiliza involuntariamente o afeto. O *punctum* não está relacionado às

⁶Roland Barthes (1915-1980) semiólogo, sociólogo, filósofo e crítico literário francês.

intenções do fotógrafo, mas depende do leitor/espectador se sentir ferido, atingido pela imagem:

[...] enquanto algo que se oferece ao meu afeto como um detalhe que me transpassa existencialmente, me fere, me comove ou me anima, como um silêncio que me fascina e me perturba ao mesmo tempo.

(SAMAIN, 1998, p. 127)

A proposta teórica de Albert Piette⁷ também fundamentou este estudo, em especial, sobre a audaciosa apresentação de um olhar revisitado, re-trabalhado sobre o *punctum* de Barthes, ou seja, Piette (1996) não apresenta apenas o detalhe que mobiliza o “meu afeto e comoção”, mas acrescenta um novo olhar fundamentado no “modo menor da realidade” que possui grande valor antropológico.

Nesta perspectiva, Piette valoriza as descobertas dos elementos importantes nas imagens fotográficas, elementos notáveis, da “parte menor” com ímpar qualidade. Traços imprevistos, escondidos, capazes de promover um novo ponto de vista. Imagens secundárias ou marginais: gestos, objetos, pessoas exteriores à ação principal, ricos em significados e interpretações.

⁷ Albert Piette, nascido em 1960 na Bélgica, é professor de antropologia e sociologia. Desenvolve estudos acerca das questões de observação e ação, especialmente na esfera religiosa. Destina-se, sobretudo a descrever e analisar os detalhes das imagens fotográficas e das situações, o que ele chama de “O modo menor da realidade”.

E, seduzidos por essas interpretações, resgatamos neste estudo, acontecimentos, fragmentos da prática, da vida, das conversas, dos encontros e dos desencontros. Como na construção de uma grande ponte onde cada pedra é fundamental para a construção do arco que a sustenta, cada fragmento foi uma peça importante na produção de sentidos. Esses emergiram de um passado revisitado.

Objetivamos, pois, a apresentação de imagens como uma representação dotada de particularidades e nuances que remetem às questões ideológicas do universo simbólico, cultural dos ciganos, ou como conceitua Piette (1996, p. 32) “[...] *uma abstração conceitual, singular, de cenas, lugares e momentos, partindo sempre de pequenos e relevantes detalhes*”.

Portanto, entende-se a fotografia como um objeto de estudo, dotado de uma linguagem própria como todo sistema de representação. Uma grande fonte de dados, para a compreensão da dinâmica das tribos ciganas. As manifestações das memórias resgatadas pelas imagens e narrativas expressaram sua maneira de conceber e estar no mundo.

As narrativas percorreram caminhos sinuosos, rompendo barreiras. Apesar de serem de forte natureza emotiva e carregada de juízo de valor, elas permitiram, pela multiplicidade de nuances, reconstruir parte da saga cigana, sua origem, seus mitos e ritos.

Considerando-se que a narrativa é um método de organização da percepção, do pensamento, da memória da ação e que ela nos permite resgatar a experiência vivida, a narrativa associada às imagens fotográficas

foi o fio e o desafio deste trabalho... A narrativa e a imagem foram objeto, método e o conteúdo.

Para buscar “ancoragem” às narrativas, este estudo foi organizado em Três Capítulos, nos quais se interagiram olhares acadêmico-científicos e relatos ciganos associados às imagens fotográficas apresentadas no corpo deste trabalho. Três versões, três olhares, três capítulos construindo e revisitando sentidos.

No **“Primeiro Capítulo”**, apresentamos uma visão histórico-científica sobre a etnia cigana, descaracterizando o estereótipo cigano, o cigano típico. Estabelecemos bases para um novo olhar. Ciganos pertencem a diversos clãs com princípios fundamentados em aspectos divergentes. As narrativas, as fotografias ofereceram-nos histórias de vida de diferentes clãs, muitas vezes compartilhadas pelo mito cigano de Santa Sara Kali⁸. Ofereceram-nos, também, condições para se detectar as diferentes versões para um mesmo fato, muitos dos quais já se encontram “metamorfoseados” por interferências das visões não-ciganas, romanceadas e preconceituosas.

Viajante que anda muito, de lugar em lugar, quando chega a uma nova terra tem sempre muitas histórias para contar das pessoas que conheceu em cada parada. Ele traz muitas histórias do caminho. Tem as experiências dos seus muitos lugares.

Camponês que lida com a terra, que vê o sol nascer e se pôr dia a dia no mesmo horizonte conhecido, tem muitas histórias para contar. Conta as

⁸Santa Sara Kali, padroeira do povo cigano. Seu mito remonta o início do cristianismo. Será discutido amplamente no segundo capítulo deste trabalho.

histórias das pessoas que nasceram e morreram ali, daquelas que moram e ali convivem, e daquelas que chegaram, pernoitaram e se foram, das quais nem ficou o nome, somente as histórias que contou. Esse tem a experiência do lugar.

Ao se encontrarem, o viajante ouve as histórias do camponês, precisa saber os costumes daquele lugar antes de sentir-se seguro para comer, beber e repousar. O camponês precisa saber as notícias dos lugares distantes que não conhece para traçar seu mapa de viagem, para compreender melhor, por contraste, o lugar em que vive. Eles contam suas histórias, choram e riem delas. Na partida, cada um tem sua história modificada. Não são mais os mesmos...

As histórias compartilhadas nesta pesquisa partem desse confronto do nômade cigano para o leitor sedentário gadjô (não cigano) com o intuito da transformação, da aprendizagem mútua. Ouvir múltiplas vozes se fez oportuno neste estudo, com o intuito de compartilhar vivências e histórias de diferentes tribos, espaços e lugares. Todos os sujeitos desta pesquisa são ciganos pertencentes às sete tribos⁹ ciganas existentes.

Como pesquisadora e cigana, inicialmente busquei na tradição tribal o início do processo de coleta de dados. Os patriarcas são os “guardiões da memória” e “detentores da sabedoria”.

⁹As tribos ciganas são: Kalderash, Matchuara, Lovara, Tchurara, Vlax Romani, Sintí ou Manouch e Calón

As narrativas, portanto, partiram prioritariamente destes sábios idosos e se deslocaram posteriormente para as idosas (matriarcas), seguidas pelos relatos de homens e mulheres adultos.

A utilização dos idosos em métodos de pesquisa da História Oral é considerada figura-chave na constituição da memória compartilhada, como afirma Halbwachs, (2004, p.70):

Se nossas verdades se baseiam nos relatos de nossos ancestrais, o idoso ganha um papel importante na construção de nossa memória, pois sua própria existência revela uma época, ele é a prova viva de um quadro temporal que não vivenciamos.

Ainda, segundo Halbwachs, geralmente, é na medida em que a presença de um parente idoso está de algum modo impressa em tudo aquilo que nos revelou de um período e de uma sociedade antiga, que ela se destaca em nossa memória não como uma aparência física um pouco apagada, mas com o relevo e a cor de um personagem que está no centro de todo um quadro que o resume e o condensa.

Recorremos, também, como citado, a outros sujeitos de pesquisa: ciganos de diferentes faixas etárias, pois, como sabemos experiência não é tempo. Experiência, de acordo com o pesquisador espanhol Jorge Larrosa, que há algum tempo dedica-se ao tema como ferramenta para suas análises

no campo pedagógico, é o que acontece ao sujeito, “*é um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, se prova e que pode ser captada enquanto uma reflexão do sujeito sobre si mesmo*”. (2001, 39).

O sujeito da experiência é um território de passagem, um sujeito passional, que desenvolve uma responsabilidade em relação ao outro. O saber da experiência se dá na relação entre conhecimento e vida humana, ou seja, o que o sujeito adquire, como alguém que vai respondendo ao que lhe acontece ao longo da vida e no modo como dá sentido ao que lhe acontece: experiência, pois para cada um a experiência é singular e irrepetível. Essa experiência advinda de tempos vividos entrecortados¹⁰ - que regula seus ritmos de vida itinerante, suas continuidades ou descontinuidades – e de lugares diferentes, é também uma experiência singular, que engendra modos de ser e de habitar o mundo, identidades culturais, sociais e históricas.

A narrativa foi se impondo como uma necessidade do próprio trabalho encontrar o seu caminho teórico-metodológico. Ao desenvolvê-la muitas histórias foram evocadas, algumas sendo abandonadas e outras registradas. Trata-se, assim, nesse trabalho de uma viagem de formação, de constituição.

Pela ação de rememorar e de transformar as memórias em narrativas, para mim e para o outro, foi possível indiciar elementos, pistas por onde caminhar na interpretação e na apropriação de modos informados desse

¹⁰Os tempos vividos entrecortados são signos temporais, expressão das histórias de ciganos nômades e da sua forma de construção de pertencimento a uma identidade específica.

vivido, dar sentidos às histórias vividas e narradas, utilizando as contribuições de Benjamin, Larrosa e o pensamento de Bakhtin.

Contudo para atingir os outros, o narrador precisa ter o talento para seduzir a audiência a continuar ouvindo suas histórias de modo que tenha prazer com ela e que possa, por meio dela, se instruir. O talento para narrar está em baixa porque, segundo Benjamin (1985), estamos perdendo a experiência como lugar da aprendizagem.

Considerando que a narrativa é um método de organização da percepção, do pensamento, da memória, da ação e que ela nos permite resgatar a experiência vivida é, necessário, pois, reivindicar a experiência, dando-lhe dignidade uma vez que tem sido menosprezada na racionalidade clássica moderna, na filosofia e na ciência. Nesse trabalho a narrativa é tomada como argumento de constituição de identidade.

Ao ouvir as histórias fomos compreendendo a constituição pessoal estabelecidas nas relações de alteridade vivenciadas nas tribos ciganas em que os membros se constituem pelas vozes dos outros. Experiências em diferentes países, em uma vivência nômade, mesclada pela influência e preconceitos estabelecidos pelas sociedades sedentárias.

A narrativa tem muitas versões. Ela é parte da própria novela de constituição da identidade que ao ser descrita, vai fazendo sentido e ao ser revisitada vai levando a outros sentidos. Muitas vezes a narrativa cigana teve um sentido privado não compreendido.

Assim, ao narrar as histórias, os sujeitos envolvidos descreveram o que surgia imediatamente à lembrança. Sem materiais para detalhar os contornos dos acontecimentos focalizados. Essas narrativas forneceram elementos para começar um processo de significação dos aspectos constitutivos do universo cigano. Essas escritas iniciais e relatos orais mostraram a necessidade de compor um quadro mais completo das histórias ciganas incorporando os tempos do nomadismo e a sedentarização.

Cobrir todo esse percurso obrigou-os a fazer um levantamento dos documentos e fotografias de que dispunham e a fazer, também, um inventário de seus (guar)dados, que vieram a ser dados dessa pesquisa.

No procedimento de inventariar os (guar)dados passaram “horas a fio” sentados com suas caixas – seus baús – entre papéis e objetos que lhes trouxeram à lembrança os diversos lugares pelos quais passaram e que produziram os mais diversos sentidos para a sua trajetória. Os materiais eram muito variados: adereços, jóias, desenhos registrados em folhas de papel rascunho, meias folhas, pedaços rasgados de qualquer tipo de papel feitos em encontros, em peregrinações, fotografias... Todos manuseados para desvendar histórias contidas. Em alguns momentos, puseram-se a descrever histórias que recordavam e perguntavam-se por que as suas memórias os traíam e traziam *flashes* de um certo tempo, depois de outro, e ainda voltavam ao primeiro e recomeçavam novamente. Todos os “arquivos” pareciam estar à espreita de um toque, na tentativa de dialogar com seus sentidos “caleidoscópicos”. Procuraram algumas das pessoas com as quais conviveram durante essa trajetória, para uma conversa que preenchesse

lapsos de memória ou completasse os sentidos da história ou que simplesmente respondesse questões que a história suscitava. Retomemos a “memória coletiva”, segundo Halbwachs (2004 p.75-76):

[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. As lembranças podem ser recuperadas quando ao entrar em contato com as lembranças de outros sobre pontos comuns em nossas vidas acabamos por expandir nossa percepção do passado, contando com informações dadas por outros integrantes do mesmo grupo. Todo este processo de construção da memória passa por um referencial que é o sujeito.

Realizamos entrevistas, conversas, um *flash back* prazeroso que não se constituiu no árduo trabalho de pesquisa, mas roteiros que eram corrompidos pelo tom e movimento de prosa. Aproveitando o momento e o movimento estabelecidos, solicitamos uma intervenção dos sujeitos: que organizassem as fotografias que lhes foram apresentadas da maneira como

lhes alcançassem significação¹¹. Essa solicitação cumpriu outra função: a percepção de que a história do outro faz parte da sua experiência.

Contextualizaram as fotos como pertencentes a um rito sagrado e como o único momento de união entre as diversas tribos – a Slava de Sara Kali¹². A narrativa permeou a construção da organização, oferecendo pistas e lições. E enquanto os sentidos das lições não eram produzidos, mais narravam procurando na narrativa as não-compreensões.

Artesanalmente recortaram as fotografias, como se buscassem em cada imagem o “modo menor da realidade”, proposto por Piette (1996). Concluíram o trabalho o qual se constituiu como um grande “Mosaico Étnico”. Naquele momento não houve distinção entre tribos, todos irmanados em louvor a Sara Kali e como já citado, era similar “a construção de uma ponte, onde cada pedra é fundamental para a construção do arco que a sustenta”.

Impossível seria não apresentar o Mito de Sara Kali. E, por este motivo dedicamos o “**Segundo Capítulo**” deste trabalho, ao grande Mito e Rito cigano.

Os ciganos, embora pertencendo a uma única etnia, ao longo dos séculos de migrações deixaram de ser um povo unido e homogêneo, dividindo-se em grupos e subgrupos. Enquanto algumas tribos denotam forte

¹¹ Desta dinâmica, ocorrida em 24 de maio de 2006, (que será abordada detalhadamente no decorrer do Primeiro Capítulo deste trabalho) participaram ciganos das tribos: *Sinti ou Manouch, Kalderash, Calón, Vlax Romani*. Foram distribuídas fotos (de autoria da pesquisadora) e estes as organizaram de acordo com o que lhes fizessem sentido. As fotografias apresentam ciganos de distintas tribos durante o Ritual de Sara Kali (Padroeira Cigana), em 2004, na França.

¹² “Slava”, palavra do dialeto romani que significa “Festa Sagrada”. A Festa Sagrada de Sara Kali é o único momento em que os ciganos das diversas tribos se encontram e convivem pacificamente. O encontro que propiciou a dinâmica citada acima, só foi possível, pois ocorreu no dia 24 de maio, dia da Slava.

vocação ao nomadismo, outras cederam à sedentarização, gerando contrastes que marcaram significativamente esses grupos. Há diferenças na conservação das tradições e dos costumes e nas condições sócio-culturais que extrapolam a simples incapacidade de viverem pacificamente, exceto nos dias 24 e 25 de maio, momentos ritualísticos, no domínio do mito e participação do rito destinado à Slava de Sara Kali, em Saintes Maries de la Mer, França.

A Slava de Sara Kali constitui a história de um povo, ou melhor, constitui a saga de um conjunto de comunidades dispersas pelas mais diversas regiões do mundo.

Dito isso, ressalvamos que a diversidade entre os ciganos não impede que haja unidade quanto ao sagrado rito. Os ciganos fazem da própria fluidez, da flexibilidade, de sua identidade um fator de fortalecimento de sua origem e credo. As várias comunidades sentem-se irmanadas em honra a sua padroeira Santa Sara.

Neste “Segundo Capítulo” a presença concretiza a história. E, aliada às narrativas, anexamos neste trabalho uma filmagem da Slava de Sara Kali, em Saintes Maries de la Mer, França, realizado pela pesquisadora no ano de 2004, sem pretensões artísticas e com um único objetivo: sensibilizar e aproximar o leitor da realidade ritual vivida e compartilhada pelos ciganos.

O filme intitulado “Peregrinos do Tempo” com 45 minutos de duração, tem seu início com imagens de antigas Slavas de Sara, antigos patriarcas e Dom Pepe, considerado o Rei Cigano. Posteriormente apresenta a entrada dos ciganos na pequena cidade francesa, não mais com seus vurdóns, mas

agora com seus *trailers*. Além do momento sagrado da visita dos ciganos à cripta de Santa Sara e a procissão que a conduz ao mar mediterrâneo, o filme demonstra o cotidiano festivo das diversas tribos reunidas, com muitas músicas e danças, que antecedem e finalizam o Ritual. Apontamos para a necessidade de uma leitura atenta do Segundo Capítulo deste trabalho antes da exibição do filme.

Ao longo do Segundo Capítulo realizamos um aprofundamento teórico-científico acerca das peregrinações, objetivando a iluminação teórica para a compreensão da rede de sociabilidade que se transforma em Estruturas de Comunhão e Símbolos de Encontro presentes nas festas populares de cunho religioso.

O Símbolo de Encontro é um conceito desenvolvido por Samuel Thier em publicação "Ritos e Rituais" (1999), no qual fundamenta que o ato de peregrinar não está cunhado apenas no ato de caminhar ou executar um trajeto, mas a peregrinação carece de sentido, de um caminhar motivado "por" ou "para algo": um símbolo que possibilite o encontro, com a sua própria identidade e com identidades com as quais se sentirá irmanado.

As peregrinações e rituais religiosos são discutidos em diversas propostas antropológicas ao longo do tempo. Alguns teóricos como Émile Durkheim (1989) apresentam o ritual como peça fundamental para a compreensão das sociedades. A função do ritual seria, para este autor, delimitar fronteiras entre o divino e profano, pois engendrariam as normas de

como o indivíduo deve comportar-se ante o sagrado. Em Carlos Steil¹³, (1996) nos apropriamos de sua perspectiva que remete à peregrinação como um discurso metassocial que comporta uma forma de sociabilidade que opera a partir da lógica do *communitas*, de Victor Turner (1978) para a qual a verdadeira sociedade seria expressa pelo ideal fraterno da comunhão.

Assim, a *communitas* de Victor e Edith Turner (1978) possui um modelo emocional que agrega a dimensão festiva e profana como constitutiva desse fenômeno, entretanto não perde de vista a seriedade que acompanha essa prática. Apresentam um modelo convivial de uma comunidade emocional e religiosa, na qual a peregrinação surge como um espaço simbólico que abnega hierarquias, distinções e constrangimentos.

Van Gennep (1978) - reconhecido pesquisador francês, dedicado ao estudo de ritos de passagem e cerimônias religiosas - também discute as festas religiosas como separação-margem-reagregação: para mudar o status do indivíduo este é primeiro distanciado da estrutura social cotidiana, passa por um processo limiar, em que é colocado em um estado de igualdade, desprovido de status, e retorna a rotina de origem com um olhar diferenciado após esta experiência. Experiência ritual para os ciganos.

Ao enfatizar a linguagem ritual - presente nas peregrinações - encontramos em John Cowart Dawsey (2002) - antropólogo cuja área de pesquisa e atuação reporta-se a Imagens, Rituais e Identidade Cultural - a concepção de que nas performances rituais incorporam-se divertimentos e danças, mas, sem perder a sagrada dimensão do culto. Dawsey, afirma que

¹³ Doutor em Antropologia Social, dedica-se à pesquisas voltadas ao catolicismo popular e peregrinações.

dentro da linguagem ritual evidencia-se, claramente a presença de um ideal de solidariedade, horizontalidade e igualdade entre os pares peregrinos.

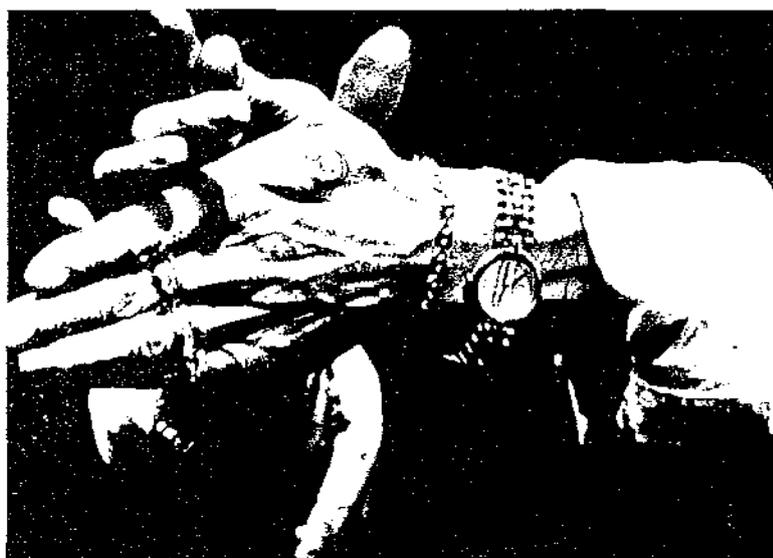
Neste contexto, a Slava de Sara em Saintes Maries de La Mer, através de um deslocamento no espaço, propicia aos seus peregrinos, a idealização do encontro com o seu “mito de origem” ou uma espécie de “paraíso perdido”. A nostalgia da fé ensinada pelos seus ancestrais toma o contorno da *communitas* vivenciada. A Slava representa uma forma de sobrevivência do mundo cigano.

Atrevemo-nos a afirmar que o “Segundo Capítulo”, constituiu-se como um ponto focal deste trabalho o qual retrata o desconhecido no mundo não-cigano: o mito e rito de Sara Kali, momento de constituição da identidade cigana e espaço único de união entre ciganos de diferentes clãs: a unidade ritual na diversidade tribal.

Saintes Maries de La Mer apresenta-se, neste momento, como o lugar-referência da raiz cigana. Com base no princípio da dinâmica da peregrinação torna-se possível, através dos testemunhos e das imagens registradas e apresentadas, resgatarmos as lembranças destes peregrinos que nunca tiveram uma pátria-mãe. Quando se estuda a origem de um povo, sua formação e desenvolvimento como estrutura social, religiosa, econômica e política, tal estudo baseia-se fundamentalmente em documentos ou registros escritos que, ao lado de outros elementos (ruínas da arquitetura da época, pinturas, armas, recintos sacros), recompõem toda a narrativa histórica de um conjunto de indivíduos que habitam a mesma região, ficando subordinados às mesmas leis e partilhando os mesmos hábitos e costumes.

Por certo, a mais usual fonte de referência é a narrativa escrita encontrada em documentos, livros, mapas, inscrições em monumentos e locais devocionais considerados sagrados sugerindo a existência de rituais e oferendas (SCHEPIS, 2002).

Como o povo cigano configura-se como um povo nômade e não possui, até os dias atuais, uma linguagem escrita, uma literatura própria, torna-se problemática a realização de uma reconstituição histórica, com um número suficiente de dados empíricos que garanta sua autenticidade. Nas sociedades itinerantes e sem escrita os corpos transformam-se em memórias no tempo e no espaço. Os rituais tribais são escritos no corpo como se fossem textos da lei para que ninguém se esqueça de que a lei é o fundamento da vida social daquela tribo.



Fotografia 4 - Mão com tatuagem que identifica o clã a que este cigano pertence, no caso ao clã *Kalderash*.¹⁴. Acervo de Yan Kalderash. Sem identificação. Data: 1978.

¹⁴Além do movimento de palma que dita o ritmo da dança cigana e dos adereços familiares aos ciganos, podemos identificar a que tribo pertence. A tatuagem de Lua e Estrela representa o clã *Kalderash*. Os homens são tatuados nas mãos e as mulheres nos pés. Enquanto a mão significa o trabalho, o pé é o alicerce que permite o trabalho.. As mãos

A história de um cigano não é escrita em livros ou diários, seu passado, seu presente e o seu futuro estão impressos nas linhas de suas mãos; decorre daí, a quiromancia, talvez a arte cigana mais popular no mundo gadjô (não cigano). De uso imemorial, a tatuagem é uma constante etnográfica em todos os povos ciganos, independentemente da tribo que se faça parte. As tatuagens são marcas para as quais se atribuem poderes. Geralmente tais marcas "talismânicas" são tatuadas nas mãos ou pés dos ciganos com objetivo de identificação do clã, significado do nome, defesa e "contra-feitiço". Assim, em qualquer lugar do mundo onde existam ciganos, independentemente do clã a que pertençam, as tatuagens nos corpos os identificam ou os distinguem entre si.

As indumentárias, os trajes ciganos procuram diferenciá-los das populações não-ciganas, em especial, as peças do vestuário feminino representam um retorno às raízes hindus e espanholas. Enquanto o homem pode facilmente confundir-se com qualquer nacional, a cigana é imediatamente identificada pelos seus trajes. Assim caracterizada, ela apresenta de imediato todo o misticismo com que o universo gadjô concebe os ciganos: misto de temor ou curiosidade. Os ciganos são famosos também pelas suas práticas musicais – instrumentais e vocais – e corporais, especialmente aquelas materializadas na dança cigana. Assim como outras danças¹⁵, a dança cigana pode ser encarada como um momento no qual se

Kalderashs representam o trabalho manual do cobre e o pé da mulher todas as tristezas e sofrimentos já vivenciados, no entanto sem perder a altivez cigana. Na cultura cigana a mulher necessita do trabalho do homem que por sua vez precisa de alicerce feminino. São tatuagens complementares. Outras marcas corporais serão demonstradas ao longo do Terceiro Capítulo.

¹⁵Referimo-nos às danças rituais como as existentes no candomblé, na umbanda, na Dika Grega.

condensam as representações simbólicas, a partir da linguagem do corpo, da performance e do ritual. E assim configura-se o “Terceiro Capítulo”, no qual apresentamos o corpo cigano como uma construção social que ao expressar-se, vivifica memórias. O corpo cigano e sua principal expressão constituinte - a dança - podem ser concebidos como instituições que agregam saberes que dizem respeito à manutenção de sua identidade étnica.



Fotografia 5 -Ciganas com vestimenta típica: longas saias estampadas, lenços na cabeça demonstrando que são casadas e mães. Os anéis na cigana (em pé) indicam que pertencem a tribo *Calón*. Os anéis são utilizados por líderes ciganas. Essa é uma prática comum somente neste clã. A chaleira ao lado da fogueira também indicia o pertencimento ao clã *calón*. Os demais clãs utilizam utensílios em cobre com a marca amassada do martelo, - marca do ofício de muitos ciganos de outros grupos. Merece atenção nesta fotografia o homem gadjô que observa distante os acampamentos ciganos. Misto de temor e curiosidade? Sem identificação, 1937.



Fotografia 6 - Mesmo sem o traje típico, é possível reconhecer nestas ciganas a linhagem *Calón*. Os anéis indiciam que esta jovem lidera o grupo de ciganas. Acervo de Mirko Calón, 2004.



Fotografia 7- Ciganos *Sinti* ou *Manouch* dançam com vestimentas típicas de sua suposta terra de origem- O reino Persa. Apresentam uma dança ritual chamada em romani " *Divonchi*" (Retorno), na qual a presença dos ancestrais é solicitada. Não só mulheres e homens, mas também a criança com a cabeça coberta com o lenço sugere esta dança, a qual é realizada em frente a uma igreja no dia " *Gyank*" (Dia de Finados). Imagem cedida por Suzana Mianch. Sem identificação, Sem data.

As sociedades ou grupos, como os ciganos, que têm na tradição oral sua principal fonte de manutenção da memória inscrevem em seus corpos suas histórias, porque o corpo representa lugar e temporalidade. Desta forma, o corpo documento pode ser entendido como "... a memória motora, a própria documentação escrita, só que pelos gestos e movimentos corporais." (TAVARES, 1984, p. 76).

Assim, entende-se o corpo e seus instrumentais constituintes como fonte de informações. A própria existência da vestimenta e da dança cigana, resistindo ao longo do tempo, é uma prova desta memória corporificada. Dentro de uma situação de alta dramaticidade como a escravidão, a perseguição da inquisição e do nazismo, os povos ciganos agregaram aos seus corpos estratégias de manutenção étnica, resistência e a busca da liberdade em um sentido simbólico.

O corpo passou a ser lugar de arquivamento de uma memória coletiva (MAUSS, 1947). E, por se tratar de ciganos, a ótica do próprio povo assume um caráter da maior importância, visto que se trata de um povo, como já dito, de tradição oral. Neste sentido foram de fundamental relevância as histórias do povo contadas e representadas por eles mesmos, não só por refletirem essencialmente a sua tradição, seus costumes, sua cosmovisão, mas também por ditarem normas de comportamento para os que as compartilham: são os mais velhos - a sabedoria cigana - passando a sua memória aos mais jovens e, assim de geração em geração.

Partindo da mesma dinâmica dos outros capítulos, no "Terceiro Capítulo" apresentamos relatos orais associados a imagens fotográficas e breve análise teórica, privilegiando as narrativas e as imagens, afim de que esses recursos providenciassem um manancial que possibilitasse a compreensão da memória das leis e códigos da cultura cigana. Um olhar sobre a cultura corporificada...

O corpo deixará de ser considerado o “invólucro da alma”¹⁶, mas o lugar onde estão as marcas que nos identificam social e culturalmente e pode ser entendido como o *locus* das inscrições sociais historicamente construídas.

Nós, os ciganos.¹⁷

*Nós os Ciganos só temos uma religião: a dança.
A dança liberta e pela liberdade renunciamos à riqueza, ao poder, e à sua glória.
Vivemos cada dia como se fosse o último.
Quando se morre, se deixa tudo: um miserável carroção ou um grande império.
E nós cremos que naquele momento é muito melhor termos sido Ciganos do que reis.*

*Não pensamos na morte. Não a tememos, eis tudo.
O nosso segredo está em gozar a cada dia as pequenas coisas que a vida nos oferece e que os outros homens não sabem apreciar:
uma manhã de sol, um banho na nascente,
o olhar de alguém que nos ama.
É difícil entender estas coisas, eu sei. Cigano se nasce.
Gostamos de caminhar sob as estrelas.
Contam-se coisas estranhas sobre os Ciganos.
Dizem que lêem o futuro nas estrelas
e que possuem o filtro do amor.
As pessoas não crêem nas coisas que não sabem explicar.
Nós, ao contrário, não procuramos explicar as coisas nas quais cremos.
A nossa é uma vida simples, primitiva.
Basta-nos ter o céu por telhado,
um fogo para nos aquecer
e as nossas danças e canções, quando estamos tristes.*

¹⁶PLATÃO. *O Banquete*. In: Os pensadores. SP. Abril Cultural, 1979.

¹⁷Spatzo (Vittorio Mayer Pasquale), cigano Tchurara.

PRIMEIRO CAPÍTULO

CIGANOS: UM MOSAICO ÉTNICO



Neste capítulo refletiremos sobre a história de um povo, ou melhor, de um conjunto de comunidades dispersas pelos mais diversos continentes do mundo, os assim chamados “ciganos”. Suas origens são presumíveis, seus costumes variam, porém seu idioma mantém a padronização da língua romani¹⁸ independentemente dos muitos clãs em que se dividem. As relações entre estes assim chamados ciganos e os membros das sociedades envolventes, por terem se diferenciado bastante, no tempo e no espaço, não foram tranqüilas no passado.

À parte a complexa definição da identidade cigana, a documentação conhecida indica que sua história no Brasil teve início em 1574, quando o cigano João Torres, sua mulher e filhos foram degredados da Europa para o Brasil. Em São Paulo, a presença cigana é nitidamente notada a partir de

¹⁸O idioma romani, como já citado na Introdução deste trabalho, é uma língua ágrafa, ou seja, uma língua ou idioma sem forma escrita. Para sua perpetuação, o romani, conta somente com a transmissão oral de uma geração para outra. É, também, um instrumento de manutenção e de reconhecimento da etnia cigana.

1718, quando chegam ciganos vindos do norte do país, para onde haviam sido deportados (PIERONI, 2000, p. 97).

A deportação para o Brasil, segundo Martins (2002) era uma pena proveniente do Reino Português durante os séculos XVI e XVII. Martins destaca o papel do Santo Ofício na deportação inquisitorial, prática de exclusão social utilizada como um dos mecanismos privilegiados da Santa Fé.

Neste contexto, muito ciganos foram condenados à deportação para o além-mar. Seus delitos tocavam a fé e a sexualidade. Eram considerados feiticeiros, sedutores, hereges e impostores.

(...) a deportação cigana assumia, assim, um duplo papel: de uma forma funcionava como um mecanismo de defesa da ordem religiosa e social e de outra parte, um processo de purificação dos pecados cometidos.

(PIERONI, 2000, p. 117).

Crimes, pecados e necessidades políticas. Leis seculares e eclesiásticas se imbricam como telhas em um mesmo teto. O império português valeu-se de muitas pessoas consideradas desclassificadas – entre estas os ciganos – para povoamento das colônias portuguesas, de modo particular, o Brasil.

Especificamente sobre a deportação cigana para o Brasil, Dom João VI, em Carta de Lei, estabelece:

Dom João, por graças de Deus, Príncipe Regente de Portugal e de Algarves, d'aquém e d'além Mar. Faço saber a todos os que esta carta virem que Eu, Príncipe Regente envio banidos para colônia brasileira vários ciganos - homens, mulheres e crianças - devido ao seu escandaloso procedimento neste reino. Tiveram ordem de seguir em diversos navios destinados a esse porto, e, tendo eu proibido, por lei recente, o uso de sua língua habitual, ordeno que cumpra essa lei sob ameaça de penalidades, não permitindo que ensinem dita língua a seus filhos, de maneira que daqui por diante o seu uso desapareça¹⁹.

Com o intuito de esgueirar-se de tal imposição, os ciganos viram no nomadismo uma estratégia de invisibilidade, de fluidez. A itinerância trata-se de uma estratégia secular cigana para a manutenção de sua identidade étnica e autonomia frente às determinações e cerceamentos das sociedades envolventes.

E, como nômades no Brasil, os ciganos continuavam à margem da sociedade. Na região sudeste do país, durante o século XIX, praticamente só

¹⁹Goodwin Junior 1997, p. 32.

se falava de ciganos quando sua presença inquietava as autoridades. Eram “perturbadores da ordem” e responsáveis pelos mais hediondos crimes.

Através de aportes teóricos,²⁰ da pesquisa em fontes primárias, com destaque para os jornais da época²¹ (O Pharol e Jornal do Comércio), e de arquivos e relatórios criminais²² realizados pelos chefes de polícia tornou-se possível a verificação de que os termos: “vagabundos”²³, “pragas”²⁴, “horda de aventureiros, desrespeitadores da lei”²⁵, “violadores de propriedade alheia”²⁶, “seqüestradores e assassinos”²⁷ eram constantes nos discursos daqueles que se referiam aos ciganos.

Outras fontes, como viajantes, tropeiros recorriam aos estereótipos corriqueiros, como “sujos”, “trapaceiros” e “ladrões”. Isto funciona como um indicador: os ciganos eram raramente considerados por si mesmos, e com freqüência, eram sinônimos de barbárie, imundice, desonestidade e imoralidade.

(RUDE, 1991, p. 17)

²⁰Davies (1990), Rude (1991), e Thompson (1998).

²¹Os exemplares destes jornais encontram-se disponíveis para pesquisa no Centro de Memória da Universidade de São Paulo.

²²Arquivo Público da Cidade de Juiz de Fora e Arquivo Público Paulista.

²³Jornal “O Pharol”, ano XIX, Folha 1, Coluna 3. Sábado, 07 de Fevereiro de 1883 - Centro de Memória da USP.

²⁴Jornal “O Pharol”, ano XIX, Folha 1, Coluna 3. Segunda-feira, 09 de Fevereiro de 1883 - Centro de Memória da USP.

²⁵“Jornal do Comércio”, ano II, Folha 02, Coluna 02. Quarta-feira, 25 de agosto de 1897 - Centro de Memória da USP.

²⁶Arquivo Criminal. Chefe de Polícia: Francisco Otávio Bueno. Página 3. Sexta-feira, 08 de outubro de 1889 - Centro de Memória da USP.

²⁷Relatório Criminal. Chefe de Polícia: Silvino Cintra de Machado. Página 11. Segunda-feira, 12 de dezembro de 1889 - Centro de Memória da USP.

Termos esses que ficaram enraizados na imaginação da população até os dias atuais e que fazem parte de uma complexa trajetória dos grupos ciganos no Brasil.

Sociedade e autoridades reagiam à presença cigana. A intolerância se fazia presente quando da chegada de grupos ciganos nas proximidades. A população se aterrorizava e imediatamente eram organizadas forças policiais, que contavam com o apoio de uma força extra formada por civis (DAVIES, 1990). Os acampamentos eram atacados e resultavam em mortes dos dois lados e, dentre os ciganos, muitas mulheres, crianças e principalmente os idosos que se colocavam a frente tentando evitar o ataque por parte dos policiais.

A união entre forças policiais e população na repressão aos grupos ciganos é percebida em inúmeras notícias. Podemos aqui citar o trecho de uma matéria intitulada “Massacre em Juiz de Fora”, no *Jornal do Comércio* (no. 2177, Folha 1, Col 2, 09/09/1901) que relata a invasão a um acampamento cigano, o ápice das “Correrias dos Ciganos”²⁸:

A algumas léguas de Juiz de Fora, ciganos acamparam. A população local se organizou em turmas de captura reforçada por 30 homens fortemente armados da polícia mineira vindas da cidade. Em presença da força,

²⁸No final do século XIX e início do XX, ocorreu o ápice dos confrontos entre a polícia e os ciganos. Foram as “Correrias de Ciganos” que eram movimentações destes em fuga, por serem perseguidos pela polícia. Nestas correrias existiam freqüentes tiroteios, que resultaram em mortos de ambos os lados.

aparentando os vagabundos submissão, foi a mesma agredida, a uma ordem do chefe do bando dos inúteis pelas incivilizáveis mulheres e crianças que procuravam embaraçar o movimento dos soldados agarrando-lhes as pernas, enquanto os adultos fugiam em direcção a um morro próximo, donde procuravam oferecer tenaz resistência a força. Por isso morreram.

Os ciganos nas cidades da região sudeste estavam em dissonância aos ideais de civilização e progresso, tão marcantes deste período²⁹. Percebe-se pelos termos acima que são identificados como elementos incivilizáveis, inúteis à sociedade, supersticiosos, corruptores dos costumes, vândalos, enfim, uma anomalia social e racial.

Assim, incidia sobre “o cigano”, um olhar como entidade coletiva e abstrata à qual se atribuíam características estereotipadas. A documentação existente na época³⁰ se detinha pouco sobre os ciganos singulares³¹, que se tornam desprovidos de existência.

Sendo ágrafos, os ciganos não deixaram registros escritos de suas versões sobre os fatos, suas concepções e ideais. Assim, aproximamo-nos deles indiretamente através de chefes de polícia, população civil e jornais locais. Nestes testemunhos, como já apresentado, as informações sobre os

²⁹Segundo Pieroni (2000), a forma nômade de vida dos ciganos, apoiada em mitos seculares ameaçava os projetos de modernidade.

³⁰As documentações da época referem-se a arquivos e relatórios policiais e fontes primárias como jornais.

³¹Entendemos por ciganos singulares, ciganos em suas especificidades tribais.

ciganos eram dadas por intermédio de um olhar hostil, constrangedor e estrangeiro.

A fim de adiantarmos algo sobre a percepção das nuances no discurso sobre os ciganos, iremos dar uma outra rápida prova disto, analisando duas definições de ciganos em dicionários. Pierre Bourdieu (1983, p. 30), acertadamente, afirma que “(...) o dicionário está cheio de uma certa mitologia política”. No entanto, quando se fala da opinião formada em torno dos ciganos, deve-se considerar que algumas vezes, eles mesmos contribuíram para a construção de uma “mitologia”. Assim, “(...) em algumas ocasiões, as autoridades locais e os próprios ciganos produziram por diferentes razões ideológicas, mitos coincidentes sobre o verdadeiro cigano” (FRASER, 1992, p.48).

O Padre Raphael Blateau (1712), autor do primeiro dicionário de Portugal, repercute as preocupações da Igreja com o comportamento considerado herege dos Ciganos, no início do século XVIII:

Ciganos – Nome que o vulgo dá a uns homens vagabundos e embusteiros, que se fingem naturais do Egito e obrigados a peregrinar pelo mundo, sem assento nem domicilio permanente, como descendentes dos que não quiseram agasalhar o Divino Infante quando a Virgem Santíssima e S. José peregrinavam com ele pelo Egito.³²

³²Blateau, R., “Cigano”, In: *Vocabulário portuguez, & latino, aulico, anatomico, architectonico*. Tombo II, Coimbra, Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, Lisboa Ocidental, Pascoal da Sylva, 1712. p. 311-312.

O fato de não empregarem os sacramentos católicos (casamento ou batismo de crianças, por exemplo), em favor de seus costumes, desafiava a moral religiosa que pretendia controlar todas as parcelas da sociedade. Tomada como afronta à Igreja, as cerimônias rituais realizadas pelos ciganos, gerou uma duradoura antipatia do clero. Embora a “feitiçaria” cigana poucas vezes fosse além da prática da dança, ela era rigorosamente atacada pelos religiosos. O agravante disto era que uma vez atingida a Igreja, toda a sociedade também se sentia afetada.



Figura 2- Óleo sobre Tela- “A cigana”. Autoria de Walton Bonomi, 1913.

No século XIX, os ciganos continuaram a ser vistos, no Brasil, como um grupo desprezível, por não se guiarem pelos preceitos católicos. No entanto, esta visão foi suavizada e esse fato deveu-se a ascensão econômica dos ciganos gerada pela comercialização de escravos.

A instalação da Corte Portuguesa no Rio de Janeiro em 1808, junto com as suas conseqüências imediatas, proporcionou a ascensão sócio-econômica dos ciganos, principalmente dos comerciantes de escravos, no Rio. Os ciganos, em Minas Gerais, viveram um momento de expansão desse tipo de comércio, embora não tivessem gozado do mesmo prestígio e riqueza que seus congêneres cariocas.

O naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) relata: “*À época de minha viagem [1819] eram, principalmente os ciganos que, no Rio de Janeiro, vendiam em segunda mão os escravos, havendo entre eles alguns bastante ricos.*”³³ Saint-Hilaire conheceu também um grupo de ciganos na Província de São Paulo, em 1819:

Havia em Urussanga, quando ali estive, um numeroso bando de ciganos. Esses homens se achavam instalados num arraial vizinho, o de Moji-Guaçu, mas se espalhavam pela região toda (...) Todos pareciam em boa situação; possuíam

³³China, 1936, p. 409-410.

escravos e um grande número de cavalos e de bestas de carga.³⁴

Segundo Schwarcz (1993), os ciganos comercializavam escravos por várias partes do interior do país. Isto proporcionou uma maior aceitação e mesmo valorização social dos ciganos, já que exerciam uma atividade reconhecida como útil por grande parte da população.

Alguns ciganos tornaram-se ilustres, patrocinando até festividades na Corte. Esse momento *sui generis* da história cigana no Brasil coincidiu com a ascensão do movimento romântico na Europa que repercutia no Brasil, com a visão de que o cigano era a encarnação dos ideais da vida livre e integrada à natureza. Além disso, houve uma idealização da mulher cigana, agora não mais uma miserável e desonesta quiromante, mas uma mulher forte, sensual, ainda que vingadora e passional, fascinante.

No entanto, no final da década de 1820, viram esse breve momento de prestígio começar a ruir, com os movimentos políticos pela Independência. Golpes fatais sobre o escravismo.

Novamente altera-se a concepção cigana. O prestígio social e econômico é desfeito. Retorna-se à imagem da miserável e desonesta quiromante.

Isso é demonstrado na reedição do dicionário do Padre Bateau, agora sob direção do brasileiro Antonio de Moraes Silva (1922). Após mais de um século, da primeira edição, os ciganos eram assim definidos:

³⁴Morais Filho 1981, p.418.

Raça de gente vagabunda, que diz que vem do Egito, e pretende conhecer de futuros pelas rayas, ou linhas da mão; deste embuste vive, e de trocas, e baldrocas; ou de dançar, e cantar: vivem em bairro juntos, tem alguns costumes particulares, e uma espécie de Germania com que se entendem. Cigano, adj. que engana com arte, subtileza, e bons modos³⁵.

A idéia de trambiqueiros, de divulgarem terem vindo do Egito, e a de vagabundos, que contém em si também a imagem nômade, permanece. Mas as menções religiosas foram retiradas, e não apenas porque o novo editor não era um clérigo, mas porque realmente a imagem se transformou. Continuavam como um grupo marginalizado, mas dá-se ênfase aos seus aspectos culturais, em especial a quiromancia, a musicalidade e a inevitável presença das danças.

O nomadismo propiciava que as fronteiras dos territórios ciganos fossem portáteis. Assim, historicamente desconhecidos, o cigano continuou a ser visto como a síntese de tudo o que se pensava dele: *“pessoas sem residência fixa e, portanto, suspeitas.”*³⁶ São reconhecidos socialmente como ciganos, porém apesar deste reconhecimento social, *“... não há pessoa*

³⁵Silva, Antônio de Moraes. “Cigano”. *Dicionário da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, Oficinas de S.A. Litho-Typographia Fluminense, 1922, Tomo Primeiro. p. 396.

³⁶Schwarcz, 1993, p. 56.

*capaz, que os afiance, e abone*³⁷. A idéia que orientava este pré-julgamento, era a de que “... *apenas seria confiável o indivíduo sedentário*”³⁸.

Desde o século XV, a palavra “cigano” é utilizada como um insulto. Sinônimo de imorais, desonrados, esbanjadores, sujos dentre muitos outros adjetivos negativos. Cada uma destas imagens teve períodos de maior e menor destaque ao longo do tempo e produziram um painel extremamente amplo de imagens sobre os ciganos.

1.1 - O Mosaico...

Erroneamente quando caracterizam os ciganos, é trazido à mente um cigano típico, um estereótipo, mas que necessita ser desconstruído pelas evidências de grupos ciganos na diversidade de situações em que se encontram. Uma história de ciganos deve ser feita de muitas exceções, impossibilidades, contradições, incongruências, contra-sensos.

A história dos ciganos é a história de um mosaico étnico. Para a compreensão deste grande mosaico, faz-se necessário, portanto, conhecimento da principal distinção cigana: suas tribos. São consagradas as distinções dos ciganos, no Ocidente, em três grandes grupos ou “natsias”³⁹: O grupo/Natsia **Rom**, o Grupo/Natsia **Sinti ou Manouch** e o Grupo/Natsia **Calón**.

³⁷ *Ibid.*, p. 57.

³⁸ *Ibid.*, p. 59.

³⁹ “natsia” palavra do dialeto romani que significa literalmente “nação” ou “povo”.

O grupo **Rom** demograficamente majoritário possui subgrupos ou “vitsas”⁴⁰ com denominações próprias: *Kalderash*, *Matchuara*, *Lovara*, *Tchurara*, *Vlax Romani*. Esses subgrupos tiveram sua história profundamente vinculada à Europa Central e aos Balcãs, de onde migraram a partir do século XIX para o leste da Europa e para a América.

Como já citado, muitas organizações ciganas têm tentado substituir, no léxico, Ciganos por Rom. A este processo tem-se denominado romanização, e tem a intenção de conferir legitimidade a estes grupos como sendo o dos “verdadeiros ciganos.” Há ainda, pelo menos, duas derivações dessa política: A primeira, a do subgrupo *Kalderash*, autoproclamada a mais “autêntica” e “nobre” entre as comunidades ciganas. A segunda é a *Vlax Romani*, considerada por muitos como portadora da “verdadeira língua cigana”.

O Grupo **Sinti**, também chamado **Manouch**, é numericamente expressivo em terras orientais, na Alemanha e França.

Os **Calóns**, cuja língua é o Caló⁴¹, são ciganos que se diferenciaram em comportamentos dos grupos **Sinti** ou **Manouch** e do **Rom** e, justamente, pela distinção de costumes,⁴² consideram-se e são considerados como grandes inimigos, em especial do subgrupo *Kalderash*. Da Península Ibérica, onde ainda são numerosos, migraram para outros países europeus e da América. Foi de Portugal que vieram para o Brasil e constituem o grupo mais

⁴⁰“vitsa”, em romani aproxima-se da palavra “descendência”.

⁴¹Caló é o dialeto utilizado pela natsia *Calón*. É praticamente o mesmo idioma somente com pequenas variações do dialeto Romani. No entanto, para marcar sua identidade procuram distanciar-se do termo Romani por foneticamente estar próximo ao Grupo Rom.

⁴²Constituíem-se costumes distintos dos *calóns* em relação aos Roms e *Sinti* ou *Manouch*, a prática quiromancia e a cartomancia, por troca monetária, pedidos públicos de ajuda, a infidelidade ao código de conduta cigana, dentre outros.

numeroso. Embora os Calóns tenham sido pouco estudados, acredita-se que não haja entre eles algo que se assemelhe à complexa subdivisão dos Rom.

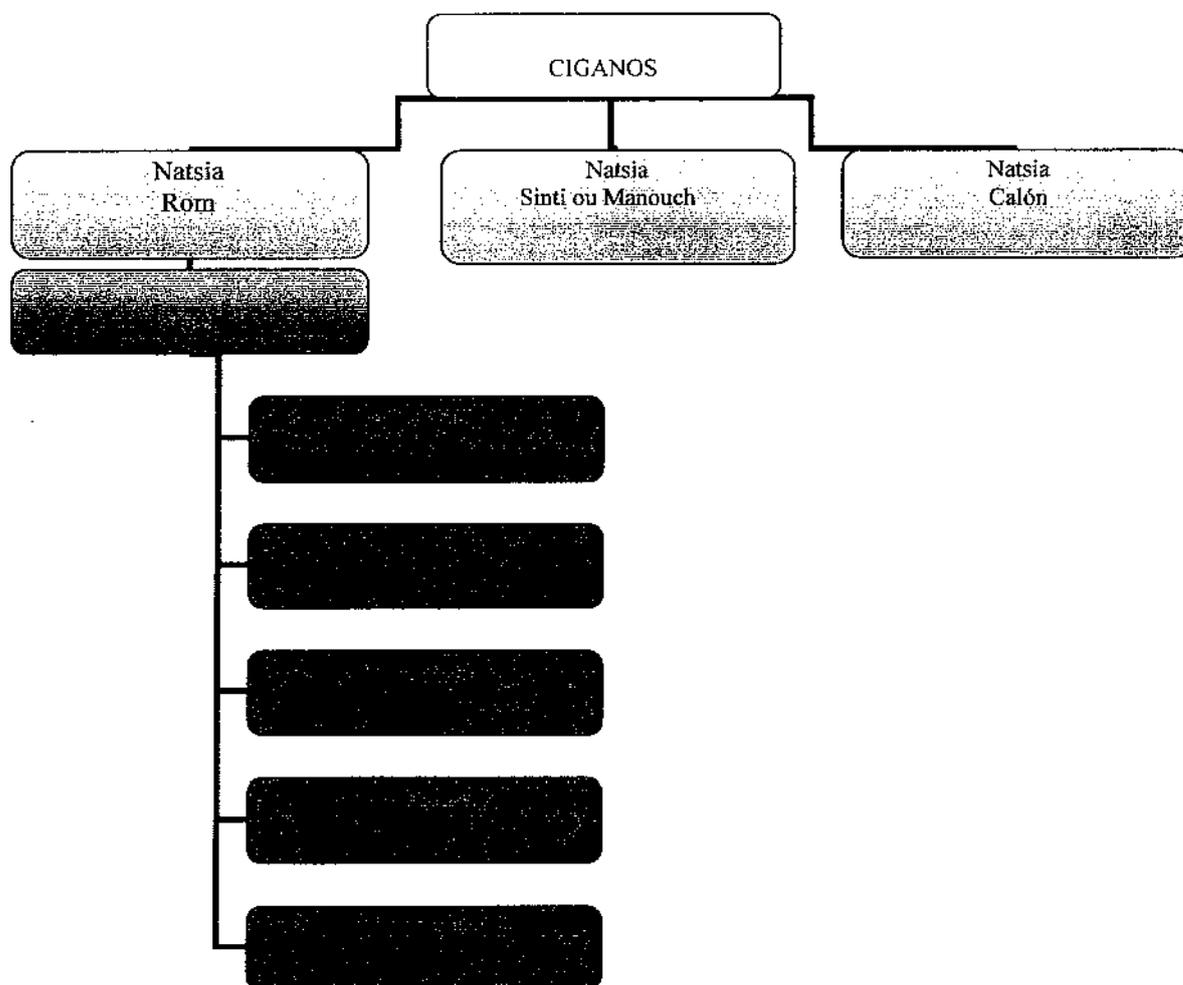


Figura 3 - Esquema de classificação e organização dos ciganos, seus grupos e subgrupos.

Enquanto entre os **Roms** a classificação em subgrupos acontece com base em identificação de tipo ergonímico (denominação que traz origem na profissão tradicionalmente exercida)⁴³, no Grupo **Sinti ou Manouch** existe a

⁴³Dentre as profissões dos Roms, que os identificam e classificam destacamos: *Kalderashs* - que em romani significa caldeira, uma vez que trabalham na fabricação de caldeiras de cobre. *Matchuaras*, significam comerciantes, aqueles que trocam bens (muitas vezes comercializam as caldeiras). *Tchuraras* que correspondem a Cavalos Selvagens, pois trabalham com a doma de cavalos. *Vlax Romani*, cujo sentido de *Vlax* é a palavra "musicalidade" e *Lovaras* que em romani relaciona-se a artistas (muitos são circenses).

designação segundo um conceito de natureza toponímica (referindo-se a lugares de assentamento histórico), isto é, a palavra Sinti origina-se de Sind, que é uma das quatro províncias do Paquistão. Os **Calóns** possuem a origem do nome relacionada à tipologia física, Calón, deriva de Calin, (Kali) que em romani associa-se a pessoas com pele da cor do cobre. Diferentemente dos **Roms**, os **Sintis** ou **Manouchs** e os **Calóns** não possuem outras classificações de "vítsa". Vale ressaltar que os ciganos do grupo Rom insistentemente afirmam que esses dois grupos, são na verdade, dissidentes de sua "natsia".

No entanto, as fontes pesquisadas, apontam para a:

(...) existência de ciganos de pelo menos três grupos diferentes: os *Calóns* que migraram para o país, voluntária - ou compulsoriamente, já a partir do Século XVI, e os Rom que, ao que tudo indica, migraram para o Brasil somente a partir de meados do Século XIX. É possível que os ciganos *Sinti* ou *Manouch*, tenham migrado para o Brasil, vindos da Turquia a partir do final do Século XIX. Segundo dados oficiais, de 1819 a 1959 migraram para o Brasil 5,3 milhões de europeus, dos quais 1,7 milhão portugueses, 1,6 milhão italianos, 694 mil espanhóis, 257 mil alemães e 125 mil russos. No desembarque registrava-se apenas a nacionalidade do imigrante, e não a sua identidade étnica. É mais do que provável que no meio dos quase dois milhões de imigrantes também tenham vindo ciganos *Sinti* ou *Manouch* (MOTA, 1987).

Segundo o mesmo autor, o subgrupo *Kalderash* considera-se nobre e, por conseguinte, o verdadeiro guardião da identidade cultural cigana; os *Lovaras*, provenientes, sobretudo da Romênia, localizam-se em São Paulo e no Rio de Janeiro; os *Matchuaras*, muito propensos à sedentarização e, por isto mesmo, inclinados à perda da identidade étnica; os *Tchuraras*, oriundos da Índia e da Grécia que apresentam vestimentas e adereços indianos até os dias atuais. Os *Vlax Romani*, que se julgam detentores da verdadeira língua romani e originários da Rússia.

Natsias, Vitsas. Nações e descendências. Nomadismo e pluralidade. São as descontinuidades constantes do cigano, eterno viajante, do nômade que se desloca de lugar em lugar, desenraizado, sem território que cria a sua condição de sujeito. Sujeito cigano que a cada lugar vivido, permanecido construiu com sabor a história. História, muitas vezes forjadas a partir de relacionamentos efêmeros e hostis, da quebra constante de liames, da operacionalização de novos vínculos com as sociedades envolventes, com seus medos e com a busca de sentidos em seu ser-fazer-estar.

Diante desta multiplicidade, neste trabalho objetivamos ouvir o próprio cigano, na caracterização da identidade de seu grupo e subgrupo. Cada história que nos é contada carrega um sentido social e não se restringe a um olhar individual e neutro de quem a conta. A ação desse sujeito de contar sua versão da história é, portanto, sempre marcada pela sua ideologia. *“Ele vive e age em seu próprio mundo ideológico e não apenas num mundo épico”* (BAKHTIN, 1998, p. 137). Cada ação e cada palavra traz a marca de sua própria visão de mundo. Desse modo, há que se considerar que o sujeito,

segundo Bakhtin, é um homem essencialmente social, historicamente concreto e definido no seu tempo e lugar.

A palavra deste sujeito é constituída no seio de sua comunidade social, *locus* de onde emergem conceitos sobre a vida. A palavra é sempre social, porta as ideologias, crenças e valores do sujeito. *“A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. Ela não é transmitida como um produto acabado, mas constituída pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações”* (BAKHTIN, 1998, p.139).

A palavra cigana - a palavra Romani - foi traduzida pela pesquisadora de forma integral para a língua portuguesa e as imagens fotográficas que oferecemos a seguir foram selecionadas pelos próprios ciganos, cada qual da tribo ou clã originário a fim de que houvesse familiaridade da imagem com sua história e identidade.

A tradução do dialeto romani para a língua portuguesa foi complexa, uma vez que não existem tempos verbais no idioma romani e uma única palavra assume múltiplos significados. A fim de se garantir a autenticidade às traduções, lemos a tradução realizada a um cigano com domínio de ambos os idiomas, que verificou a coerência de sua tradução, pois neste campo as certezas não nascem de posições individuais, mas do trabalho conjunto. Diria até que as certezas são modestas, daí a importância de recorrermos a um outro olhar. Em respeito ao povo cigano, ágrafo e com o intuito do registro para as diversas comunidades e respectiva posteridade, essa pesquisa é

bilíngüe e foi gravada em CD em idioma Romani e se encontra no final deste trabalho.

Apresentamos a seguir as imagens selecionadas pelos depoentes e sua caracterização acerca de suas natsias e vitsas:

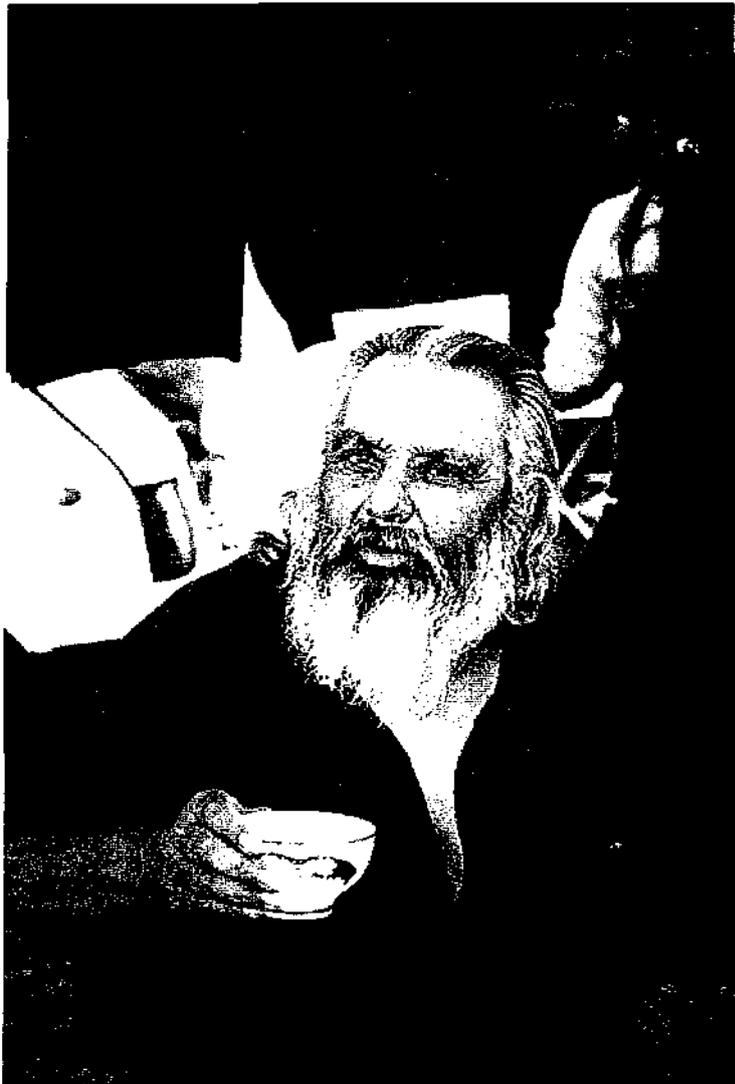
“Nós ciganos Kalderashs temos esse nome porque Kalderash é Caldeira em Romani. Somos os verdadeiros porque sempre trabalhamos com o cobre, fabricando ferramentas, armaduras e armamentos. Sempre bem feitos e resistentes. As nossas mulheres são grandes feiticeiras e possuem os segredos da magia. Viemos da antiga Iugoslávia e da Espanha e também, é claro da nossa querida Itália.” (Yan Kalderash, 65 anos, 07/07/2004).



Fotografia 8 - Ciganos da Natsia grupo Rom, vitsa *Kalderash* demonstram orgulhosos o seu ofício com as Caldeiras. Assumem-se como artífices do cobre e do bronze. O próprio nome do clã denota o trabalho como parte constituinte de sua identidade, contrariando a fama de avessos ao trabalho. As crianças *Kalderashs* são estimuladas à aprendizagem desta arte. Acervo pessoal de Yan Kalderash. Autoria desconhecida. Datação: 1973.

"Nós matchuaras somos felizes nesta terra, chegamos logo depois dos calóns⁴⁴ que foram os primeiros que aqui chegaram. Somos grandes criadores de cavalos. Viemos do Egito, mas antes da Índia, mas hoje não queremos mais andar. O Brasil nos acolheu bem. Temos nossos filhos, netos e bisnetos aqui."

(Jianhe Matchuara, 81 anos, 09/05/2005).



Fotografia 09 – Cigano matchuara mantém barba e cabelos longos, típicos dos ciganos desta vitsa. Hoje sedentários, suas residências apresentam as mesmas características dos acampamentos com grandes espaços livres. Passam grande parte dos momentos de lazer e descanso em varandas e quintais, locais de perpetuação de rituais e festividades *Matchuaras*. Autoria desconhecida. Sem datação.

⁴⁴No depoimento o cigano *Matchuara* cita a natsia *Calón* como a primeira que chegou ao Brasil, como já abordado, devido as deportações oriundas da Coroa Portuguesa.

“Somos Lovaras e apesar de toda tristeza já sofrida, somos o grupo que mais fielmente segue as tradições ciganas. Os Kalderashs se julgam melhores, os Calóns, coitados, os Matchuaras não são mais nômades. Nós somos... e a língua verdadeira não é do Vlax Romani, é a nossa.”⁴⁵

(Carlos Lovara, 76 anos, 12/07/2002).



Fotografia 10- Lovaras em acampamento. Apesar da precariedade da instalação nômade, a vestimenta e a indumentária apresentam-se formais, talvez aguardando a presença do fotógrafo. A vestimenta formal das ciganas Lovara é caracterizada pela presença jóias, lenços e roupas estampadas. Acervo familiar de Carlos Lovara. Sem identificação. Sem data.

⁴⁵Esse depoimento demonstra claramente a rivalidade entre a tribos e os clãs. A rivalidade existe principalmente dentro da mesma natsia. Criticam a proclamação dos Kalderashs como autênticos, a pobreza dos Calóns, o sedentarismo dos Matchuaras, e se pautam no nomadismo e na não utilização de outro idioma (do país de assentamento) para que não ocorra a contaminação e alteração do idioma romani. Como o Vlax Romani assume também o idioma do país de permanência afirmam que não possuem mais o verdadeiro idioma.

“Nos confundem com índios, essa é a minha antepassada, olha que linda! Olhar triste... Quantos enfeites, como nosso pai Bel Karrano nos ensina. Vamos nos enfeitar para a colheita, para a Slava, para a caça, para a doma dos cavalos. Viemos da Índia”

(Cigana Tchuara, 98 anos, 12/07/2002, falecida em outubro mesmo ano).



Fotografia 11 - A cigana *Tchurara* procura manter a indumentária da raiz hindu. Utiliza diversificados adereços, com o intuito de reativar todos os sentidos ciganos. O enfeite na testa desperta a terceira visão, que possibilita o olhar sobre o futuro e o domínio da magia. As ciganas *Tchuraras* não usam lenços, usam véus de proteção. Os cabelos longos, que ao cobrir a cabeça e cair pelos ombros, também caracterizam o véu e seus adereços procuram agradar Bel Karrano, que em Romani significa Deus. Acervo familiar de Suzana Mianchi Tchuara. Sem identificação. Sem data.

“Somos morenos, mas somos da Rússia, e enfrentamos os rigores do inverno em nossas carroças. Por isso usamos roupas escuras e pesadas, para lembrar nosso tempo de sofrimento. E é claro que somos diferentes das outras tribos, temos os segredos da verdadeira língua e os dotes musicais bem melhores que as outras tribos.”

(Ivan Yacovivh, 46 anos, 12/07/2002).



Fotografia 12 - Ciganos *Vlax Romani* são grandes musicistas e diversificam a utilização de instrumentos musicais. Enquanto os demais clãs e tribos mantêm a padronização do violão e violino, os *Vlax Romani* dominam os instrumentos de sopro. Vestem-se com roupas negras ou escuras. Consideram-se os detentores do verdadeiro idioma romani por não apresentarem nenhum tipo de sotaque ou junção de palavras utilizadas pela sociedade envolvente. Acervo de Gian Klauss. Sem datação.

“Surgimos de terras turcas e nos destacamos como grandes criadores de ovelhas e cavalos. Fizemos parte do império persa, só isso. E hoje? Estamos felizes aqui.”

(Suzana Mianch, 67 anos, 10/05/2005).



Fotografia 13 - Cigana *Sinti* ou *Manouch*, originários de Sind - Paquistão, mantém a perpetuação da memória através do vestuário. O cigano usa turbante, as mulheres usam lenços cobrindo os cabelos e não com intuito de enfeitá-lo. Percebe-se pela posição das mãos da cigana que não toca castanholas como a grande maioria das ciganas do Grupo Rom influenciados pela musicalidade espanhola, mas utiliza címbalos que são instrumentos de percussão formados por dois pratos. Normalmente os címbalos são utilizados em danças rituais de adoração. Acervo familiar de Susana Mianch. Sem identificação. Sem datação.

“Sou cigano, livre e feliz. Não tenho muito que dizer a não ser que vivemos como o vento: sem direção, sem caminho. Somos livres. Ninguém nunca conseguirá nos aprisionar, nenhuma natsia, somos a nossa própria natsia e somos a nossa própria descendência. Os dentes de ouro são nossa grande marca”

(Calón Simeone Zott, 57 anos, 21/05/2008).

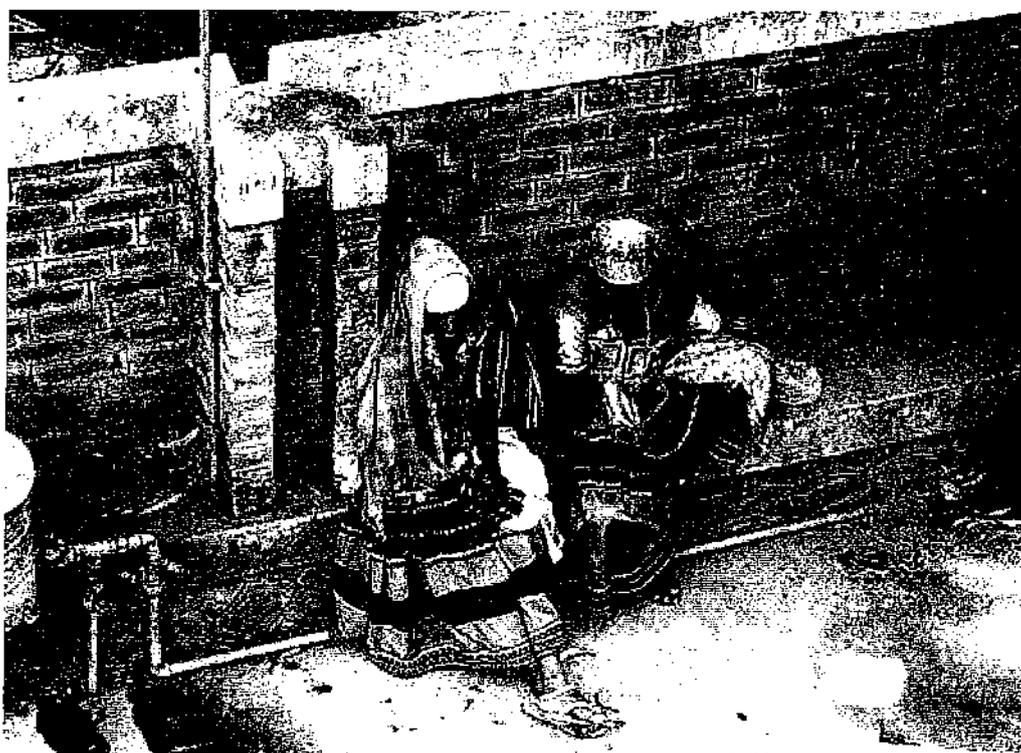


Figura 14 - Ciganas Calóns vestem-se de maneira colorida, com cores fortes e vibrantes. Com muitos adereços, em especial, dourados, refletidos em suas roupas e em seus dentes de ouro, diferenciam-se das demais tribos ciganas. São numerosos em Portugal e no Brasil. As mulheres andam sempre em duplas ou trios e dedicam-se a quiromancia nas ruas das cidades. Como já citado, os Calóns possuem a origem do nome relacionada à tipologia física. Calón deriva de Calin (Kali) que em romani associa-se a pessoas da pele da cor de bronze. Acervo pessoal de Mirko Calón. Sem identificação. Sem datação.

Historicizar os ciganos nos remete a compreendê-los na sua pluralidade e no seu excepcionalismo. Há uma generalidade reducionista ao se chamar de ciganos indivíduos e/ou comunidades com diferenças significativas entre si. Precisa-se, assim, tomar cuidado ao denominar “cigana” a identidade de grupos que chegaram ao Brasil deportados da Europa, desde o século XVI e, ao mesmo tempo, a identidade de famílias oriundas dos Balcãs e da Europa Central, que chegaram ao país no final do século XIX. Trata-se de uma enganosa generalização, sem dúvida, pois que o espaço e o tempo modificam sensivelmente a constituição desses “sujeitos”.

Assim, um cigano Calón e um cigano Rom só possuem predicado idêntico no domínio da linguagem, quando emitimos proposições como: “Este *Calón* é cigano” ou “Aquele *Rom* é cigano”. Mas a percepção atenta das singularidades nega, taxativamente, a suposta identidade dos nomes e dos predicados.

Em contraposição a isso tudo, os ciganos pensam em si próprios de forma fragmentária. Cada cigano tem uma forte identificação com seu grupo familiar ou com as famílias que têm o mesmo ofício. Mas não existe uma identidade única entre todos os ciganos.

No domínio dos ciganos, não existem senão múltiplas identidades. Daí que o termo cigano não designa as comunidades por nomes que elas próprias dão para si. Ele designa, isto sim, uma abstrata imbricação de comunidades ciganas. A diferença é muito grande, pois na realidade não existem ciganos, mas sim diversas comunidades (historicamente diferenciadas) chamadas de

ciganas, mantendo relações de semelhança e/ou dessemelhança umas com as outras.

O termo cigano traz consigo uma série de inquietudes semânticas, ideológicas e antropológicas. Uma vez diagnosticada a complexidade e as ambigüidades inerentes à referida expressão, ao dissertarmos, torna-se impossível termos pretensões de elaborar sínteses conclusivas. Pois o complexo de certezas sobre o qual se apóia essa noção é bastante instável.

A dispersão e o nomadismo, que tiveram início há mais de dez séculos, propiciaram tantos contatos interétnicos e adaptações às condições espaço-temporais, que aplicar qualquer termo para o conjunto das comunidades ditas ciganas é um tanto arriscado.

O que objetivamos deixar claro é que os ciganos não são um grupo religioso ou uma nacionalidade. Além do mais, preferiu-se não chamar os ciganos de povo, pois também esta expressão tem significados pouco precisos e muito ambíguos.

Na falta de um vocábulo que designe com propriedade o conjunto completo de todas as comunidades ciganas, adotar-se-á a expressão "ciganos", cujo sentido é aceito na sua generalidade, para referir-se a todos os indivíduos assim chamados. Embora se reconheça que tal uso nunca tenha tido plena legitimidade no seio das várias comunidades.

A categoria "cigano" opera inúmeras discontinuidades. Os segmentos do MOSAICO existem, sobretudo, no domínio das descrições ou das teorias

ciganológicas, influenciada pela insistência de classificação neopositivista⁴⁶. Ora, o que temos são grupos e suas variantes, decorrentes de combinações diversas, condicionadas por tempos e espaços particulares. Assim, os ciganos são múltiplos e unos.

Nenhum cigano conhece todos os detalhes da identidade em que está inserido. Tal como não conhece todo o espaço cultural que o comporta, não sabendo, pois, ler todo o seu "mapa cultural". Toda cultura, afinal, oferece uma margem de manobra para os seus membros. Há aspectos da identidade cigana compartilhados por todos os ciganos, outros que são particulares de cada subgrupo e ainda outros selecionados pelo indivíduo num "leque" de opções. Cada cigano é portador de um conjunto singular de elementos dessa identidade, embora, não haja uma noção de individualidade tal como no mundo ocidental. A solidariedade tão distante hoje do universo capitalista ocidental se faz presente na tradição cigana⁴⁷. A unidade familiar é fundamental e a palavra das pessoas mais velhas tem a força da Lei.

Para exemplificarmos podemos citar o Código de Conduta Cigana, cujas sete leis são transmitidas, oralmente, de geração para geração:

- Respeito à família como instituição suprema da sociedade cigana.
- Amor aos filhos, consideração e respeito aos velhos.

⁴⁶Entendemos por classificação neopositivista uma classificação em torno do princípio da verificabilidade, onde verificar é tomar um dado significativo e reduzi-lo a enunciados protocolares, isto é um conjunto de dados empíricos imediatos a fim de verificar se esses dados ocorrem ou não na realidade. Essa classificação se faz totalmente inadequada em pesquisas antropológicas que dependem de condicionantes específicos, culturais e voláteis, não reduzíveis a dados empíricos.

⁴⁷Algumas famílias ciganas depositam todos os salários e rendimentos em um único fundo e os valores são distribuídos, pelo patriarca e/ou matriarca da família de forma igualitária para cada membro, ou de acordo com as especificidades e necessidades de cada um, como exemplo citamos: um cigano doente receberá mais do que ciganos sadios que exercem normalmente o seu ofício. Mesmo que diante da doença torne impossível o seu trabalho.

- Hospitalidade com alegria.
- Honrar a palavra dada e fidelidade à Lei⁴⁸ cigana.
- Liberdade como condição natural da vida.
- Solidariedade para com os membros da etnia cigana.
- Cumprimento das decisões tomadas pelos maiores.

Quando um cigano quebra alguma Lei do Código de Conduta, os ciganos reúnem-se num tribunal que denominam *Kris*. A resolução tem que ser encontrada em conjunto pelo grupo dos mais velhos, e adotada por consenso, com base nos valores da moralidade e de respeito pela honra e pureza. O castigo, que penaliza o infrator, é imposto pela comunidade, dada à inexistência de polícia cigana. As decisões são finais, irrecorríveis. A pena mais drástica é o exílio. Pois a privação da vida comunitária é o que de pior pode acontecer a um elemento da etnia cigana. Ser expulso, ser exilado é uma quase-morte para o indivíduo. Após o perdão ou cumprida a pena, o indivíduo volta ao seio do grupo e o regozijo é geral.

“Ciganos são iguais no todo, mas diferentes nos detalhes” ⁴⁹. Toda história dos ciganos é, na verdade, uma viagem nas línguas, nas estéticas, nas políticas antivagabundos e antiartistas, nas religiões, nas concepções de mundo, com os quais vários grupos ciganos, sucessiva e contraditoriamente, tiveram contato. Nisso a universalidade dos ciganos se manifesta.

Nesta história dos ciganos a diferença não pode se dissipar. Para ser honesta, ela deve mostrar muitas precauções para não condensar num

⁴⁸Em última análise consiste na fidelidade entre ciganos: 1. Tu serás fiel ao teu *Rom*; 2. Tu pagarás teus débitos ao *Rom*. Francis Burton *The Gypsy*, 1999, p. 209.

⁴⁹Citação de Andrej Miki Kalderash, patriarca cigano em 2002.

padrão as particularidades de grupos variados (em momentos e espaços distintos), porque assim o discurso perderia informação, e a história, o sentido. Não se pode também confundir os ciganos com os discursos que os descrevem, ainda que se reconheça a existência de uma conexão entre eles.

As narrativas históricas sobre os ciganos, muitas vezes, perdem-se pela generalização exagerada. Fala-se dos "ciganos" como pertencentes a apenas uma única cultura; apenas umas poucas linhas sustentam o caráter diferencial de cada comunidade cigana estudada. E quando os autores se cansam das individualidades, esboçam uma unidade frágil e talvez inexistente de múltiplos ciganos. Grande parte das bibliografias⁵⁰ acerca do tema descreve como se todos os ciganos fossem apenas um - o "cigano típico" ou o "cigano genérico".

Portanto, resta a desconstrução dessa unidade discursiva sobre os ciganos, pelo estudo das particularidades do caso em questão.

Como já citado neste capítulo, os ciganos, embora pertencendo a uma única etnia, ao longo dos séculos de migrações, deixaram de ser um povo unido e homogêneo, dividindo-se em grupos e subgrupos.

Enquanto algumas tribos denotam forte vocação ao nomadismo, outras cederam à sedentarização, gerando contrastes que marcam significativamente esses grupos⁵¹. Há diferenças na conservação das

⁵⁰Citamos como exemplos de bibliografias que generalizam o cigano: Abelha (1974), Almeida (1991), Barroso (1989), Bueno (1995), Cândida (1995), Dombre (2001), D'Oliveira (1999), Ivatts (1998), Martinez (1989).

⁵¹Podemos exemplificar como contrastes: enquanto alguns grupos trabalham para não-ciganos (*Kaldersah, Matchuaras, Tchuraras*), outros rejeitam qualquer tipo de sujeição (*Lovaras, Vlax Romani*), enquanto alguns grupos só utilizam a vestimenta cigana em festas rituais (*Kalderash, Sinti ou Manouch*) outros utilizam no dia-a-dia (*Calón, Lovaras*) enquanto alguns grupos não aprendem a língua de seu país de assentamento (*Lovaras, Vlax Romani*)

tradições e nos costumes e nas condições sócio-culturais, que extrapolam a simples incapacidade de viverem pacificamente, exceto nos dias 24 e 25 de maio, momentos ritualísticos, no domínio do mito e participação do rito destinado à Slava de Sara Kali em Saintes Maries de la Mer, França.

1.2 - O CAMINHO PELA NARRATIVA

Naquele tempo havia um homem lá.

Ele existiu naquele tempo.

Se existiu, já não existe.

*Existiu, logo existe porque sabemos
que naquele tempo havia um homem e
existirá,
enquanto alguém contar a sua história.*

Era um ser humano que estava lá,

“naquele tempo”,

*e só os seres humanos podem contar
a sua história porque só eles sabem
o que aconteceu “naquele tempo”:*

Aquele tempo é o tempo dos seres

humanos,

o tempo humano.

Um homem estava “lá” e não aqui.

*No entanto está aqui e permanecerá,
enquanto alguém narrar aqui a sua saga.⁵²*

outros utilizam a língua não-cigana até mesmo em reuniões entre ciganos, (*Kalderash, Tchurara, Matchuara*) enquanto um grupo pratica a quiromancia por dinheiro (*Calón*) outros não (*Kalderash, Matchuara, Lovara, Tchurara*), etc.

⁵² Agnes Heller, 1993, p. 13-14.

Muitos pesquisadores⁵³ têm utilizado a perspectiva da narrativa como metodologia de investigação. Entretanto não há, necessariamente, coincidência entre as perspectivas dos diferentes pesquisadores.

Na investigação narrativa não cabe perguntar sobre a verdade, pois ela não se presta a fornecer elementos de comprovação de verdade, propósito ligado aos positivistas. A narrativa está no campo da práxis reflexiva (Larrosa, 2003) e, nesse sentido, se presta às pesquisas que têm como objetivo, por exemplo, resgatar as idéias de uma comunidade, registrar e interpretar práticas cotidianas, recuperar saberes produzidos pela experiência, apresentar perspectivas pessoais, entre outros (McEwan, 1997).

Buscamos possibilidades de escapar da lógica positivista imprimindo sentidos ao cotidiano cigano: cotidiano único, singular. O espaço da comunidade constituído numa versão local, pelas presenças que concretizam a história. (Ezpeleta e Rockwell, 1989). Ciganos: sujeitos da história, sujeitos pertencentes a uma cultura ágrafa. Cultura sem escrita. Cultura da Palavra⁵⁴

Vida toda linguagem, escreveu Mário Faustino, um dos grandes poetas brasileiros da atualidade. A linguagem e a vida – inseparáveis. Vivemos entre palavras, fazemos a vida com palavras. Elas atravessam as dimensões da nossa

⁵³Connelly e Clandinin, (1995), Fernandes, (2000), Fontana (2000), Furgeri (2002) Geraldí (1998), Lima (2003), , McEwan (1997), Nóvoa (1992).

⁵⁴ Referimo-nos, agora, especificamente a palavra verbal, uma vez que reconhecemos toda uma dimensão performática da oralidade que contempla múltiplos aspectos: Isso significa que a palavra não existe desprovida de uma imagem, de uma sonoridade, de uma performance que envolve também os sentidos. (Entler,R. Seminário Imagem e Pensamento, 2008).

existência, desde os mais secretos sinais dos nossos sonhos até as situações mais objetivas do trabalho cotidiano⁵⁵.

A palavra assume uma dimensão ainda maior para uma cultura ágrafa.

Ouçamos a palavra cigana:

“Um sopro divino nos possibilitou usar a palavra. As palavras são aladas, exprimem conhecimentos, perpetuam a nossa história.

A palavra é a energia que pode se materializar, o não-cigano não tem cuidado com esse detalhe, tão significativo. A nossa palavra dialoga com as nossas outras artes, porque cumpre o mesmo papel e com o mesmo sentido: o sentido do diálogo que renova, produz e reproduz. Constrói e destrói expectativas. Forma a coletividade.

Eclodem imagens em palavras, porque para contarmos as nossas histórias, a nossa vida e o nosso passado precisamos ler o mundo. Olhamos de uma maneira muito especial o mundo a nossa volta. Lemos também as imagens do mundo que habita em nós e compomos palavras: a palavra que é religiosa, profética, mítica, onírica, inspirada... Nós somos ecos do ontem no

⁵⁵Barbosa, Severino. *Utopia da Palavra*. 2002, p 102.

*hoje. Mesmo quando estamos em silêncio a saudade é presentificada na palavra*⁵⁶.

A linguagem, a palavra cigana é, portanto, condição fundamental para que as sociedades ciganas existam e a cultura possa ser transmitida de uma geração à outra.

A palavra pode se transformar em arte, trazer sentimento e reflexão sobre as questões existenciais mais profundas do universo cigano. A crítica da realidade, a denúncia da injustiça e a busca da compreensão da vida, do mundo, do outro... A palavra é uma arena de luta (BAKHTIN, 2002).

Imagine-se, agora, em torno de uma grande fogueira cigana. Ouviremos os ciganos⁵⁷. Ouviremos suas histórias, suas memórias. Ouviremos a sua leitura de mundo, ouviremos suas palavras como um elo entre a ancestralidade e a posteridade. Ouviremos o silêncio que por muitos momentos presentificou a saudade...

⁵⁶Relato de Yan Kalderash, 2007.

⁵⁷As narrativas foram realizadas por ciganos de diferentes Natsias e Vitsas, e priorizamos as vozes muitas vezes inaudíveis no mundo não cigano - os idosos. Narraram em romani e a pesquisadora traduziu de forma integral.

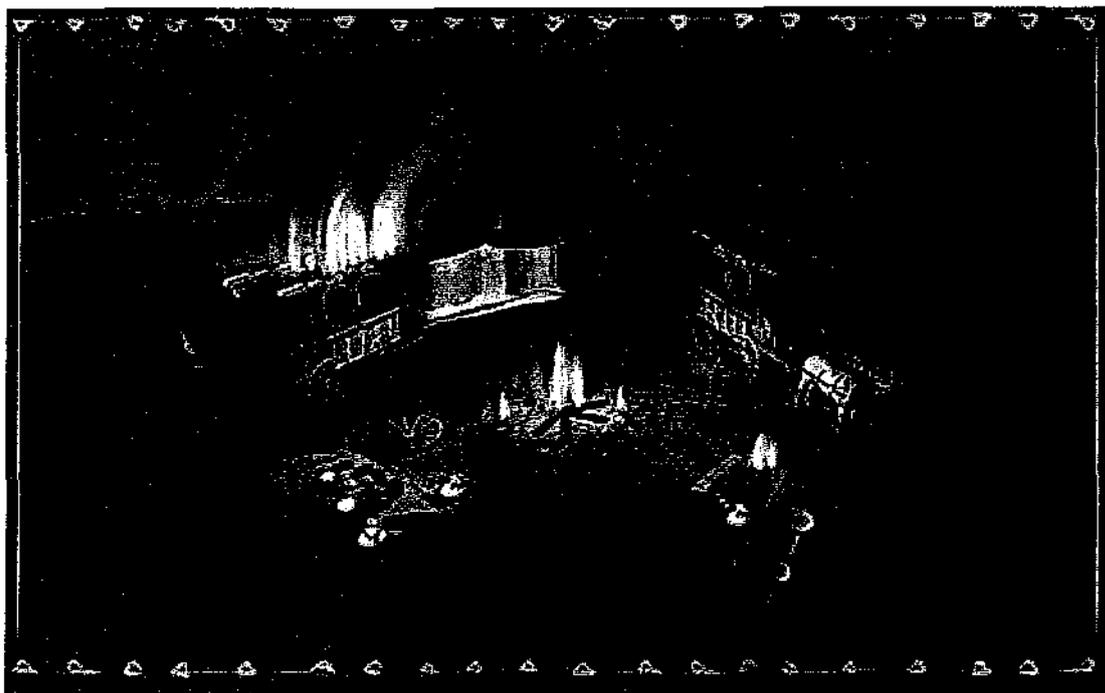


Figura 4 - Imagem de típico acampamento cigano. Essa imagem é obrigatória na casa de todos os ciganos sedentários. Mostra o nomadismo, a fogueira no acampamento onde os ciganos trocam as velhas histórias de seu povo. Representa também a transição para o sedentarismo, representado pela roda do vurdón no chão – a retirada das rodas era prática comum dos não-ciganos quando da perseguição aos ciganos. A presença do fogo no vurdón também remete a este tempo. Autoria desconhecida. Sem data.

1.2.1 - Vida de Cigano

Andrej Miki. Kalderash, Patriarca, 92 anos. Campinas, dia 04/05/2002

(Falecido em 23/09/2002)

“Muitos gajdôs não sabem que a vida de cigano é uma vida difícil. Nós cozinávamos de cócoras, lavávamos roupas da mesma maneira. Nossa cama era um tapete; ali na barraca fechada, dormiam pais e filhos, todos juntos. Nós não somos mendigos ou ladrões como nos acusam os gadjôs, seguimos apenas uma outra doutrina de vida; o Sol, a Lua e a Chuva fazem parte da nossa família.”

Quando chegávamos a um lugar e montávamos as nossas tendas, vinham sempre os gadjôs e a polícia tirar-nos dali⁵⁸, presos a preconceitos que seus antepassados passavam e ainda transmitem de geração à geração. Do preconceito à discriminação, até chegar à perseguição.

O que leva dois homens fortes a prenderem uma mulher, aparentemente frágil, com uma criança nos braços? O que senão o preconceito?



Fotografia 15 - Cigana com criança no colo é escoltada por soldados. Não existe na presença dos oficiais a tentativa de uma proteção à cigana, mas protegem a sociedade da inadequada presença cigana. Segundo Andrey Kalderash que nos apresentou esta fotografia, refere-se à Alemanha do século XIX, época de grandes perseguições e caracterização dos ciganos como seres não-humanos. Sem identificação. Imagem cedida por Andrey Kalderash. Sem datação.

⁵⁸Vide *Correria dos Ciganos*, p. 39 deste capítulo.

Na Sérvia e na Romênia fomos mantidos em estado de escravidão por um certo tempo. Até 1900, a caça ao nosso povo aconteceu com muita crueldade e com bárbaros tratamentos. Deportações, torturas e matanças foram praticadas...

A VINDE
De Tron Sălaj de Robo sau
**SCLAVI
ȚIGANEȘTI**
Prini e licitație la Amiașă a
Mănăstire d. R. ȚIȚAS
la 8 mai M.D. CCC L II



vine se compuna, din 18 Omeni,
10 Bajari 7 femei 60 3 fete
in conditie fina
Grj

Figura 5 - Anúncio de uma venda de escravos ciganos de 8 de maio de 1852: 18 homens, 10 meninos, 7 mulheres e 3 meninas, "in conditio fina" (em boas condições).

A Igreja considerava pecado o costume cigano de ler a sorte nas cartas e fomos queimados na fogueira⁵⁹ e, o Estado viu em nosso nomadismo um comportamento anti-social. Fomos proibidos de usar nossos trajes, de cores vivas, de falar nossa língua⁶⁰, de exercer nossos ofícios e também de nos casarmos com pessoas do mesmo grupo.

Enfrentamos a escravidão também na Hungria e na Transilvânia, mas em melhores condições que na Moldo-Valáquia. Mesmo aí, fomos vítimas de severidades governamentais e da cólera popular, sob alegação de que roubávamos crianças e, outras violações da lei, até mesmo que éramos canibais e vampiros. Fomos castigados pelas autoridades de forma violenta. Na Transilvânia enfiavam estacas em nosso coração⁶¹, na Boêmia tínhamos a orelha esquerda cortada se caso aparecêssemos na região. Fomos acusados de canibalismo em 1782, ocasião em que foram mortos cento e quarenta e um

⁵⁹ Vide Figura 2, p. 42.

⁶⁰ Vide "Carta de Lei de João VI", p. 37, deste capítulo.

⁶¹ Os ciganos foram considerados vampiros durante muito tempo e a regra para se matar um vampiro também foi utilizada, isso se deve às crenças e à deusa cigana Lilith, considerada a mãe de todos os ciganos e Kali, a padroeira cigana. Lilith, uma das figuras mais famosas do folclore hebreu, originou-se de um espírito maligno tempestuoso e mais tarde se tornou identificada com a noite. Fazia parte de um grupo de espíritos malignos demoníacos dos americanos que incluíam Lillu, Ardat Lili, e Irdu Lili. Apareceu no Gilgamesh Epic babilônico (aproximadamente 2000 a.C.) como uma prostituta Vampira que era incapaz de procriar e cujos seios estavam secos. Foi retratada como uma linda jovem com pés de coruja (indicativos de sua vida notívaga). No Gilgamesh Epic, Lilith foge de casa perto do rio Eufrates e se estabeleceu no deserto. Nesse sentido, mereceu um lugar na bíblia hebraica (velho testamento cristão). Isaias, ao descrever a vingança de Deus, durante a qual a Terra foi transformada num deserto, proclamou isso como sinal da desolação: "Lilith repousará lá e encontrará seu local de descanso" (Isaias 34:14). Lilith reapareceu no Talmude, onde uma história mais interessante é contada, onde ela é a mulher do bíblico Adão. Lilith usou seus conhecimentos mágicos para voar até o Mar Vermelho, o lar dos espíritos malignos. Conseguiu muitos amantes e teve muitos filhos, os ciganos. Lá se encontrou com três anjos enviados por Deus - Senoy, Sansenoy e Semangelof - com os quais fez um trato. Alegou ter poderes vampíricos sobre os bebês, mas concordou ficar afastada de quaisquer bebês protegidos por um amuleto que tivesse o nome dos três anjos. Kali, uma das mais importantes divindades da mitologia na Índia, era conhecida, entre outras características, pela sua sede de sangue. Kali apareceu pela primeira vez nos escritos indianos por volta do Séc. VI em invocações pedindo ajuda nas guerras. Nestes primeiros textos foi descrita como tendo presas, usando uma guirlanda de cadáveres e morando no local de cremações, diversos séculos mais tarde no Bhagavat-purana, ela e seus seguidores, os dakinis, avançaram sobre um bando de ladrões, decapitaram-nos, embeberam-se em seu sangue e divertiram-se num jogo de atirar as cabeças de um lado para o outro. Outros escritos registram que seus templos deveriam ser construídos longe das vilas e perto dos locais de cremação, locais de acampamentos ciganos.

ciganos entre homens, mulheres e até crianças. Sob o nazismo⁶² tivemos um tratamento igual ao dos judeus, fomos enviados aos campos de concentração, onde fomos esterilizados e usados como cobaias humanas.



Fotografia 17 - Cigano submetido a experiência médica em campo de Concentração Fotografia retirada do Campo de Concentração por Zueb Angleus Kalderash⁶³, a fim de que a alma dos fotografados não ficassem presas a este lugar.

⁶²O nazismo no século XX retomou toda a série de preconceitos, discriminações e perseguições dos séculos anteriores, tentando assim uma campanha de extermínio como nunca antes empreendida. Desde 1933, a imprensa nazista começou a acentuar que os ciganos e judeus eram raça estrangeira, inferior, e que teriam *contaminado* a Europa como um corpo estranho. As autoridades nazistas com o apoio da generalizada antipatia contra os ciganos, puderam facilmente percorrer a via do extermínio desse povo, associando sempre nos discursos e escritos o binômio judeus e ciganos. O primeiro grito de alarme oficial para o mundo cigano se fez ouvir a 17 de outubro de 1939, quando o oficial Heydrich, a mando de Hitler proibiu-os de abandonar seus acampamentos. Nos três dias seguintes, após recenseamento, foram transferidos para campos de concentração, esperando serem enviados à Polônia. Mas já em 1936 tinha começado para os ciganos a via sacra dos campos de concentração. Eram internados com a qualificação de *elementos associiais*. Sofriam então medidas disciplinares duríssimas. Nesse interim a propaganda contra os ciganos se tornava sempre mais áspera. Em novembro de 1941 lançou-se o slogan: *Depois dos judeus, os ciganos!* A 24 de dezembro de 1941, o governador civil Lohse envia uma ordem reservada a todos os SS, afirmando que os ciganos são duplamente perigosos, tanto pelas doenças de que são portadores como pela sua deficiência, prejudicando assim a causa nazista. Ao termo do comunicado, a decisão: *Decidi portanto que sejam tratados como os judeus.* (Carta de 7 de julho de 1942. Cópia Arquivo Centro de memória USP). A 25 de agosto de 1942, quando aumentaram as pressões sobre os ciganos, em um boletim do Comando de Polícia se lia, entre outras coisas que se dizia dos ciganos: *é pois indispensável exterminar esse bando integralmente, sem hesitar.* Essas medidas disciplinares, encontradas em boletins, cartas e telegramas, apenas codificam uma praxe já iniciada: com efeito, desde 1941 tinham começado as deportações e extermínio em massa dos ciganos. Fonte: Centro de Memória-USP.

⁶³Zueb Angleus Kalderash, foi sobrevivente do Campo de Concentração. Quando vivo relatava que havia retirado essas fotografias da Sala do Comandante de Auschwitz, para que

Nossos cavalos foram mortos a tiros e as rodas retiradas de nossas carroças, queimavam nossos acampamentos. ⁶⁴ Nossos nomes mudados, nossas mulheres esterilizadas.

Está vendo essa fotografia o Tio Zueb⁶⁵ roubou dos campos de concentração para que nossa alma não ficasse presa lá.



Fotografia 17- Ciganos em Campo de Concentração. Fotografia retirada do Campo de Concentração por Zueb Angleus Kalderash

a alma cigana não permanecesse naquele espaço. Para os ciganos, a fotografia retém parte da alma dos fotografados, daí a importância que estas fotos assumem para a comunidade cigana.

⁶⁴Vide Figura 4, p. 68 deste capítulo.

Aqui muitas pessoas morreram, mas a Slava⁶⁶ continuava. Tá vendo isso? É uma preparação para que Sara e Bel Karrano recebam as almas de nossos irmãozinhos. Olha aqui no fundo, quantos mortos. As caldeiras, o lenço nos cabelos. Esse é um ritual que todas as ciganas fazem, é magia. Todas as ciganas são atendidas. Mas imagine fazer isso ao lado de tantos irmãos mortos? Quem diria que o que há de melhor em nós sobreviveria... Quando olhamos as imagens do nosso passado, pensamos: como sobreviveram? Como sobrevivemos? É muito difícil falar sobre isso.



Fotografia 18 - Ciganas *Kalderashs* com roupas de prisioneiras do Campo de Exterminio em Auschwitz, durante a Segunda Guerra Mundial. Ritualizam evocando a ancestralidade cigana. Esse é um ritual típico do dia 24 de Maio, dia de Sara Kali, o que infere a data desta fotografia. Ao fundo os corpos das vítimas do massacre. Foto retirada do Campo de Concentração por Zueb Angleus Kalderash, a fim de que a alma dos fotografados não ficassem presas a este lugar.

⁶⁶Refere-se à Festa Sagrada de Santa Sara Kali.

Olha essa outra fotografia. Sorte ela estar aqui. Eles podem repousar em paz na Luz da Mãe Lilith e com Bel Karrano.⁶⁷



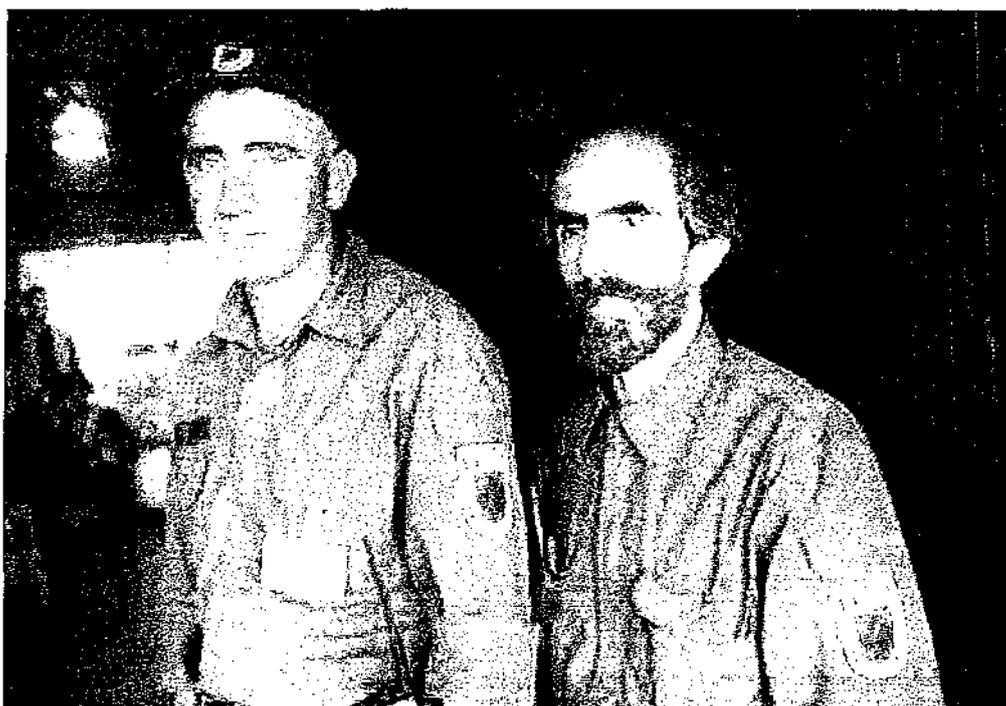
Fotografia 19- Cova com corpos de ciganos e judeus vitimas do extermínio nazista, durante a Segunda Guerra Mundial. Foto Campo de Concentração retirada por Zueb Angleus Kalderash, a fim de que a alma dos fotografados não ficassem presas a este lugar.

⁶⁷ Divindades Ciganas. Bel Karrano corresponde a Deus e Lilith à primeira mulher de Adão. Vide Lilith, nota de rodapé 61 deste capítulo.

Esses dois aqui são traidores, não são mais ciganos...

É melhor morrer com honra ou viver e servir quem mata os seus irmãos?

Essa marca no braço era do uniforme do cigano, do judeu era uma estrela.



Fotografia 20 - Dois ciganos que no Campo de Concentração serviram como auxiliares e prestavam serviços a SS. Tal atitude é totalmente repudiada por ciganos, uma vez que quebraram o Código de Conduta Cigana⁶⁸. Como a tarja no braço não contém a estrela que designava os judeus, percebe-se que a estrela foi apagada para que caracterizassem os ciganos. Foto retirada do Campo de Concentração por Zueb Angleus Kalderash.

⁶⁸ Sobre Código de Conduta Cigana, vide p. 61 e 62 deste capítulo.

Essa é a morada de muitos de nossos irmãos, que morreram aqui. É um lugar santo e amaldiçoado. ⁶⁹



Fotografia 21- Fachada de Auschwitz um dos campos de concentração localizados no sul da Polônia, símbolos do Holocausto perpetrado pelo nazismo. Imagem cedida por Andrej Kalderash. Data 2002.

Em Auschwitz, pelo menos uma vez na vida devemos visitar porque aqui, morreram mais de 4 mil ciganos.

Não sei se você deve colocar o que falarei agora nesse seu livro sobre o nosso povo, mas vou contar o que nunca consegui contar sem chorar... mas está chegando a hora do meu retorno a Bel Karrano e quero deixar isso para que valorizem a nossa história.

Chegaram aos Campos de Concentração, em outubro de 1941, cinco mil ciganos, entre os quais mais de 2.600 crianças. Foram todos internados por grupos de famílias. Zueb nos contava que as janelas das barracas estavam quebradas, enquanto o inverno era extremamente duro. No campo

⁶⁹Santo pela possibilidade do retorno a Bel Karrano e Lilith que é motivo de regozijo, no entanto a forma e a crueldade da morte imposta, torna o local amaldiçoado.

não havia higiene nem médicos. Duas semanas depois da chegada dos ciganos, aconteceu uma epidemia de tifo, e em dois meses morreram mais de 600 adultos e crianças. Os sobreviventes entre março e abril de 1942, foram deportados para Chelmo⁷⁰, e ali assassinados nas câmaras de gás.

Tio Zueb dizia que aconteceu de tudo: massacres coletivos, mortes individuais, tortura de todo o tipo, experimentos químicos e médicos dos mais cruéis. Mas ele dizia que o pior era Auschwitz que foi onde ele ficou. A esse campo chegaram ciganos de toda a parte, e logo nós ciganos que não suportamos modo algum o confinamento.

Chegavam ao campo ciganos homens, mulheres e crianças. Chegaram muitos ciganos da Boêmia, dos Carpatos, da Croácia, do Nordeste da França, da Polônia meridional e da Rutênia. As crianças foram retiradas à força dos braços de suas mães. Tiraram um por um dos pequenos ciganos, reunindo-os em um só rebanho. Os meninos choravam e gritavam, tentavam de todas as formas voltar para os braços dos pais ou dos protetores que tinham encontrado entre os prisioneiros, mas envolvidos por um círculo de fuzis e metralhadoras, foram levados para um espaço fora do campo onde morreriam nas câmaras de gás.

No campo de concentração nem todos eram enviados à câmara de gás, muitos iam para os trabalhos forçados. No campo estas eram as condições: no setor cigano erguiam-se grandes cabanas com uma abertura à frente e outra atrás. Serviam como portas. Nos compartimentos internos achavam lugar a uma única mesa grande cinco ou seis pessoas. As

⁷⁰Campo de Concentração localizado na Polônia.

condições higiênicas eram desastrosas quase não havia instalações sanitárias... Parecia um estábulo para cavalos, sem janelas... Os prisioneiros se moviam em meio a seus próprios dejetos até os calcanhares.

Os oficiais nazistas quando viam aquela situação diziam: mas no fundo são apenas ciganos! Quem mais sofria eram as crianças... Zueb dizia que as crianças eram pele e ossos. A pele se enchia de feridas infecciosas. Por causa da falta d'água, as crianças chegaram a beber a água dos cobertores. Nas poucas vezes em que os cobertores eram lavados, vinham de volta ainda molhados.

As crianças sofriam de uma doença que parecia lepra... Seus corpinhos iam se desfazendo, bocas espantosas se abriam nas faces, grandes buracos nos rostos e lá dentro se podia observar a lenta putrefação da carne viva. Só no campo de Auschwitz, os ciganos regularmente matriculados foram mais de 20.000, incluindo mais de 300 crianças nascidas no campo de concentração, e que viveram o bastante para receberem número de matrícula. A estes se devem somar mais de 1.700 ciganos mandados para a câmara de gás, assim que chegaram da Polônia em março de 1943, e que nem tinham recebido ainda o número de matrícula. Durante uma simulação de ataque aéreo noturno, foram todos mandados à câmara de gás, por suspeita de serem portadores de tifo.

Aos 29 de maio de 1943, 102 ciganos foram arrastados para fora de suas instalações e levados para a câmara de gás.

O massacre final culminou com a matança de quatro mil ciganos, no começo de agosto de 1944: A sirene anunciou o princípio de um rigoroso

toque de recolher. Os caminhões chegaram por volta das 20 horas. Os ciganos tinham previsto o que estava para acontecer, mas os alemães fizeram de tudo para confundir as idéias: ao saírem dos acampamentos, os ciganos recebiam uma ração de pão e salame, e muitos assim acreditaram que se trataria simplesmente de transferência para outro campo.

Pode-se ouvir, quando os últimos e horríveis instantes dos ciganos nos acampamentos. Cães eram lançados contra mulheres, crianças e anciãos. Muitos morreram ali mesmo pelo ataque dos cães. De repente o ar foi rasgado pelos gritos de um garoto que em romani suplicava: Eu lhe peço, senhor SS, me deixe viver! A única resposta que teve foram os golpes de cassetete. Por fim, foram todos jogados, em montes, no caminhão e levados ao crematório. Muitos foram queimados vivos. Mas não houve um cigano, naquele momento, um velho, uma mulher ou uma criança que tentasse resistir invocando a nacionalidade alemã. Isso é a honra cigana. Cumprimento do Código de Conduta até o fim.

Houve cenas de cortar o coração: mulheres e crianças se ajoelharam diante dos nazistas gritando; Piedade! Tenha piedade de nossos filhos! Em vão: seus filhos foram mortos a pisões de pesadas botas militares na frente dessas mães e os que sobreviveram foram amarrados e arrastados pelo caminhão, os pedaços de seus corpos foram jogados no lixo, pois os nazistas temiam que os cães pudessem se alimentar daquela carne contaminada. Foi uma noite horrível, alucinante. Tio Zueb dizia que neste dia estava escondido no escritório do comandante para roubar as fotos e ouviu os gritos até altas

horas da madrugada, e compreendeu que alguns tentavam opor resistência. Os ciganos protestavam, gritando e lutando até a madrugada.

Depois, os SS percorreram os quartos um por um tirando dali as crianças que tinham se escondido. Os menores erguidos e jogados várias vezes violentamente contra a parede... Os judeus que presenciaram contaram esse fato.

Povo antigo e cheio de vitalidade, os ciganos tentaram resistir à morte, mas a crueldade e o poderio de seus inimigos prevaleceram à sua coragem. Essas aqui são mulheres. Essas que estão com lenço vermelho e branco são mães ciganas. A que está atrás com o lenço no ombro era solteira. Os outros eu não consigo saber.

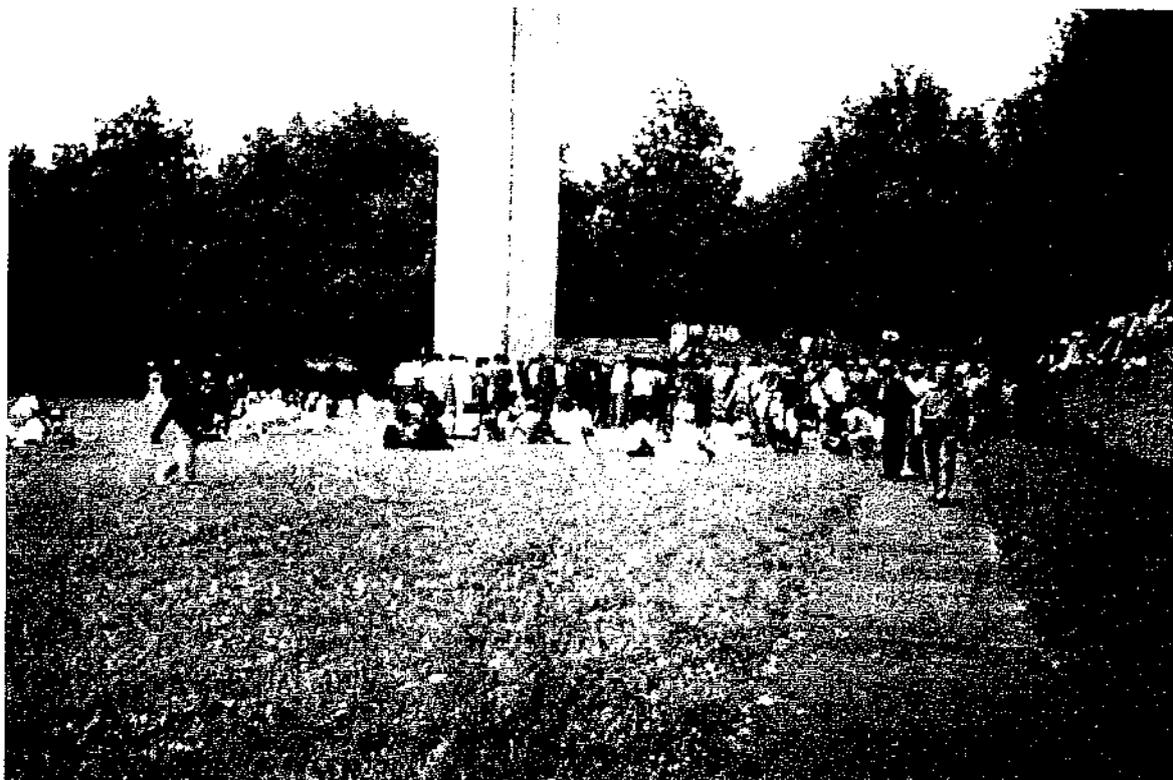


Fotografia 22 - Ciganos são levados e/ou transferidos aos Campos de Concentração em Carrocerias de caminhões. Não se sabe se para trabalhos forçados ou para o extermínio imediato. Pelo adereço do lenço na cabeça, percebe-se que são ciganas casadas e também é visível a presença de uma cigana com um lenço estampado no ombro, denotando que é solteira. Foto retirada do Campo de Concentração por Zueb Angleus Kalderash.



Fotografia 23 e 24 - Campo de Concentração Chelmo, na Polônia para onde foram transferidos centenas de ciganos para morte nas câmaras de gás. A placa diz que é proibido parar exceto para descarregar ciganos. Fonte: O Vurdón

Esta é a fotografia do encontro. Eu estava aqui. Acho que foi de 1984.



Fotografia 25 - Encontro de ciganos em Auschwitz. Anualmente ocorrem encontros de ciganos no mês de agosto, mês em que ocorreu o grande massacre em 1944. Os ciganos oram, choram e louvam os seus mortos. Os patriarcas aconselham que todos os ciganos a participem pelo menos uma vez na vida de um encontro em memória das vítimas ciganas da Segunda Grande Guerra.

Mas não foi só lá que tiraram nosso coração. Na Europa, nossos filhos tirados à força e entregues às famílias não ciganas até o ano de 1978. Muitos de nós chegamos à América acompanhando os criminosos deportados.

Por incrível que pareça, até os dias de hoje, as sociedades não perceberam que o verdadeiro cigano não faz mal a ninguém, não quer suas terras, quer apenas fazer pousada por algum tempo. Espero que no futuro, os gadjôs tenham mais consciência, difundam a igualdade entre todos".

1.2.2 - Mitos e Nomadismo

Dalkro Ransén Kalderash, 77 anos. Campinas, 30/07/2002.

(falecido em 27/10/2002)

"Existem várias lendas de nosso povo, passadas por gerações e gerações. Dizem nossos ancestrais que fomos guiados por um rei no passado e que nos instalamos em uma cidade chamada Sind⁷¹ onde éramos muito felizes. Mas, em conflito, os muçulmanos nos expulsaram, destruindo toda a cidade. Desde então fomos obrigados a vagar de uma nação à outra.

⁷¹Sind é uma das quatro províncias em que se subdivide o Paquistão.

Conta-se, também, que nós somos descendentes de Caim e, que da maldição caída sobre o assassino de Abel, descenderia um povo nômade e que trabalharia com cobre e ferro⁷².

Nossos ancestrais afirmavam que nossa real origem é no Egito, mas fomos condenados a vagar sem pátria porque recusamos hospedagem a Maria por ocasião de sua fuga com Jesus.

Os gadjôs costumavam dizer que roubamos um dos quatro pregos da cruz, antes da crucificação de Cristo e, fomos condenados a uma peregrinação de sete séculos. Antes de nos queimarem na fogueira diziam que os ciganos fabricaram os pregos com que Jesus foi pregado na cruz; diziam também que nós, ciganos, aconselhamos Judas a vender o Cristo; ou ainda porque, sendo responsáveis pela guarda de Jesus, bebemos em uma taberna e não pudemos defendê-lo.

Mas, a realidade é que um cigano retirou o quarto prego do pé de Jesus e pelo alívio da dor, perdoou-o, assim como os seus descendentes, de todos os pecados.

A verdade sobre nossa origem é que somos descendentes de uma das sete tribos de Israel, somos descendentes diretos de Moisés e o seguimos em sua fuga pelo deserto, enquanto os outros povos foram encontrando seus lugares nós continuamos fugindo.

O patriarca Kako Chaudy,⁷³ dizia que descendíamos de Noé e que fomos levados ao trabalho escravo, por descendermos de Tubal-Caim, que

⁷²Seus descendentes são alistados em parte, e incluem homens que se distinguiram pela nomadismo, por tocarem instrumentos musicais, por forjarem ferramentas de metal. (Gênesis 4:17-19).

havia descoberto o sistema de fundir o bronze e o ferro, até que conseguimos a liberdade e conquistamos um país chamado Kaldi⁷⁴. Este país tornou-se pequeno para nós e, nossos magos nos separaram em dois grupos. Um desses grupos se dirigiu para o Oriente, até a Índia, de posse da Arca da Aliança. Antes de se separarem, foi-nos ensinado o patrin (arte de conhecer sinais pelos caminhos) e houve a predição de que, em um futuro indeterminado, aquelas duas tribos se encontrariam em um lugar específico. Antes da partida essas tribos entraram em discórdia e se separaram e, enquanto umas tomavam o caminho das Índias, outras se dirigiam para um país chamado Chal⁷⁵. Por isso que os calóns são tão diferentes”.

1.2.3 - Tecendo memórias

Iago Kalderash, 71 anos. Campinas 30/07/2002.

“Dalkro, você esqueceu que na verdade, na verdade após um período de adaptação nesse planeta, nós surgimos do interior da Terra e esperamos o dia que regressaremos ao nosso lar. Somos grandes, meu irmão!!!!. Somos filhos de Lilith⁷⁶, a primeira mulher de Adão, então estamos livres do pecado original, por isso que nós não aceitamos ser empregados de nenhum gadjô.

⁷³Kako Chaudi foi patriarca da vitsa *Matchuara*, nos anos de 1941 a 1952.

⁷⁴*Kaldi* em romani significa Caldéia: região sul da mesopotâmia. A região da Caldéia é uma vasta planície formada por depósitos do Eufrates e do Tigre, estendendo-se a cerca de 250 quilômetros ao longo do curso de ambos os rios

⁷⁵*Chal*, pequeno vilarejo localizado as margens do Canal de Coco, através do qual se chega ao estado insular indiano de Andaman e Nicobar, a oeste pelo Golfo de Bengala e a noroeste por Bangladesh e pela Índia.

⁷⁶Vide nota 61, deste capítulo.

Somos filhos das estrelas. Lilith nos protege durante a noite. Vivíamos com as estrelas, até que a maldade do pecado atacou nosso povo. Fomos chamados injustamente de ladrões, feiticeiros e vagabundos, viramos um espelho onde os homens das grandes cidades e de pequenos corações expiaram sua raiva e sonho de liberdade destruído.

Pacientemente o nosso povo resiste, continua a sua marcha, mas o homem moderno não aprendeu a viver e deixar viver”.

1.2.4 - O idioma

Krya Kalderash, 72 anos. Campinas, 23/10/2003

“Uma maneira de nos mantermos unidos, vivos com nossas tradições é o nosso idioma: o romani. É uma linguagem própria, só nossa... mas para sua continuidade contamos somente com o que um cigano fala a outro, de uma geração à outra, de pai para filho. Não só o idioma, mas todos os ensinamentos de nossa vida dependem do que os mais velhos falam para os mais novos.

Os velhos ensinam os mais novos e as crianças sobre os conhecimentos do nosso povo, de nosso passado, o nosso pensamento, a nossa maneira de viver que foram também ensinadas pelos nossos ancestrais.

O romani é uma língua de reconhecimento. Nós só teremos certeza se alguém é cigano de verdade se falar corretamente o romani. Se isto não acontecer não é um cigano.

É totalmente proibido ensinar o romani aos não-ciganos. Os ciganos que prezam sua origem, seus irmãos de raça e sua tradição não ensinam a nossa língua. Quem ensina o romani, pode até ser um cigano de origem, mas não será mais um cigano de alma⁷⁷, capaz de manter a honra de seus antepassados.

Nós vamos ensinar, sim, o nosso idioma aos gadjôs, mas no tempo certo. Não sei se será um século, mil anos, mas será necessário um longo tempo para que isso aconteça, para que os homens se vejam e se tratem e se respeitem como verdadeiros irmãos. Será um tempo em que a fraternidade será total, plena e aplicada sem força. Quando não houver mais disputa, guerra, cobiça, e ambição. Neste tempo não haverá mais a necessidade de escondermos a nossa língua, será um tempo em que gadjôs serão ciganos, ciganos serão gadjôs, em que o negro valerá tanto quanto o branco. Tempo em que haverá, talvez, uma única religião para unir todos igualmente e sem diferenças ao mesmo e único Pai”.

⁷⁷Os ciganos valem-se do poder do sangue para designação de um verdadeiro cigano. De nada vale um não-cigano, que compartilhe os ideais de liberdade e solidariedade cigana proclamar-se cigano. Um gadjô torna-se cigano unicamente pelo pacto de sangue realizado no casamento com uma cigana, um cigano. A alma cigana significa o respeito a todos os princípios ciganos, dentre estes, a proibição do ensino do dialeto romani.

1.2.5 - A Religião

Yago Giab Kalderash, 52 anos. Campinas, 13/06/2002.

“Guardamos a sete chaves o segredo de nossa verdadeira religião e os preceitos religiosos que atendem às nossas tradições, até para nos defendermos das perseguições daqueles que nos consideram pagãos e infiéis.

Rendemos oferendas, acreditamos nas forças da natureza como demonstrações das divindades, acreditamos que não existe um Paraíso e um inferno determinados como destino final de toda alma vivente na face da Terra.

Creemos em Bel-Karrano e Sara, o Pai e a Mãe, o Sol e a Lua, o Dia e a Noite. Bel-Karrano é Pai, soberano e generoso e doador do livre-arbítrio a todos os filhos sem distinção.

Conhecemos a Lei de causa e efeito, da ação e reação, assumimos as dores e sofrimentos que nós mesmos geramos. Acredito que o ser humano sofre em razão de seus incorretos pensamentos, sentimentos, palavras e ações. Quero dizer que não transfiro a Bel-Karrano a responsabilidade pelo castigo por meus erros e faltas.

Bel-Karrano deve ser louvado e venerado por sua grandeza. Ele é fonte de graças.

O costume de nossos antepassados era a conversão à religião dominante do país⁷⁸ onde montávamos as nossas tendas e como a maioria dos países era católico, declarávamos seguidores da fé católica, o que sem dúvida facilitava nossa andança por terras européias e por muitos países da América.

Nós éramos (e ainda somos) atormentados pelos não-ciganos por nossos costumes, nossa vida nômade, nosso modo de vida festivo e carregamos injustas famas de falsários, ladrões e não queremos acumular mais uma perseguição por causa da religião, mas no passado foi a principal perseguição, nós morríamos na fogueira, isso complicaria ainda mais a nossa vida. Esta nossa atitude é inteligente e não falsa.

Nós fomos duramente castigados por cultuarmos nossas verdadeiras divindades. O que fizemos, então? Colocamos santos católicos a modo de disfarce de nossas reais divindades e apaziguamos a ira dos não ciganos e ganhamos inclusive a sua simpatia.

Apesar de declararmos seguidores da fé católica e adotarmos muitos de seus preceitos, mandamentos e festas como a comemoração respeitosa da Semana Santa também trazíamos nossas divindades feminina e masculina que não se acomodavam às religiões cristãs.

O que fizemos então? Fomos buscar em uma figura feminina considerada santa e cristã. Sara ou Santa Sara, a nossa mais venerada padroeira”.

⁷⁸Na realidade não ocorria propriamente a conversão, mas o sincretismo religioso, isto é, a tentativa de conciliar crenças díspares e se transformou, para os ciganos, em poderosa arma para a manutenção de tradições.

1.2.6 - As Tribos

Dalkro Ransén, 77 anos . Campinas, 30/07/2002.

(Falecido em 27/10/2002).

“Eu sou Kalderash, represento um povo guardião da liberdade. Sou um espírito livre. A vida é uma grande estrada, a alma é uma pequena carroça e a Divindade é o carroceiro.

Cigano que se preza antes de ler a mão lê os olhos das pessoas, que são espelhos da alma, tocam nos pulsos e só aí lê.

A família é a base da nossa vida. O comando da tribo é feito pelo homem mais capaz. Nós respeitamos acima de tudo a inteligência. Este homem é o nosso patriarca, nosso Kaku⁷⁹ e representa a tribo no Kris Romani, um tribunal que pune quem transgride a regra cigana⁸⁰.

Mas nem todos os que se chamam ciganos são verdadeiros com a regra cigana. Alguns ciganos vivem pedindo esmolas, lêem mãos e cobram. Aqueles que falam o caló. Eles não têm governo, fazem de tudo, nem lideranças femininas, nem masculinas. As roupas são coloridas, mas não mostram felicidade, mostram sujeiras. Os dentes têm a marca do ouro⁸¹, que

⁷⁹Kaku palavra romani, cujo significado se aproxima de orientador.

⁸⁰Vide p.61 e 62 deste capítulo.

⁸¹Uma das diferenças marcantes entre os membros da Natsia Calón e da Natsia Rom é a marca do ouro nos dentes. Dentes são sinais de fortaleza e pureza para a Natsia Rom. É o primeiro elemento a ser visto em um sorriso cigano, por isso os dentes não podem ser

nós Kalderashs nunca usamos e mesmo assim o homem moderno nos confunde com eles.

As outras tribos também são diferentes, cada um pensa de um jeito, veste-se de um jeito: uns usam roupas pretas, outras parecem turcos, outros são não usam as tatuagens corretamente⁸², outros perderam nosso idioma e se misturaram muito com os homens não ciganos.

A escuridão quer sempre conquistar a luz, por isso nós, os legítimos ciganos, devemos combatê-la. A mãe Terra precisa da ajuda de todos os seus filhos. No início do mundo nós, junto com nossos irmãos Ar, Vento, Luz, Água e Fogo combatemos a escuridão. Fizemos um escudo e uma armadura, mas aqueles de nós que não combateram foram para o abismo e foram devorados pela escuridão e a luz deles se misturou com a matéria.

Entre os chamados ciganos temos estes que caíram, por isso são tão diferentes de nós. Não são filhos da luz. Mas se eles se arrependerem poderão ter a salvação. Ele precisa buscar o Grande Arquiteto que é o Espírito Vivo, que virá acompanhado de seus cinco filhos: Ornamento de Esplendor, Rei de Honra, Igor de Luz, Rei da Glória e Kal⁸³. O Espírito Vivo irá ao reino da escuridão e lá gritará, o seu grito poderá ser ouvido pelo Homem

maculados com metal. O metal é instrumento de trabalho, de subsistência, de matéria, dentes são forças espirituais.

⁸²Ao olhar *Kalderash*, as tatuagens devem existir em dois lugares (como já apresentado na página 28 deste trabalho): nas mãos que representam trabalho para o homem e pés para as mulheres simbolizando o esteio, o alicerce da família. Na nuca ou ao longo da coluna vertebral também são aceitas como significado de nome, defesa e contra-feitiço. Demais *Natsias* e *Vitsas*, utilizam tatuagens em outros lugares, nos pulsos, nos braços, no peito, cada qual com o seu sentido e significado. Tal tema será tratado no Terceiro Capítulo deste trabalho.

⁸³Grande Arquiteto, Espírito Vivo é Deus e seus cinco filhos são cinco divindades que representam os cinco sentidos humanos que devem ser usados somente para o bem.

Caído, ele com a sua mão direita toma o cigano homem, e cumprirá a promessa. Sairá de sua prisão para o Paraíso da Luz, o mundo celestial.

O Espírito Vivo quando organizou o mundo visível, com a ajuda de seus cinco filhos, construiu com a sua pele os céus, as montanhas com os seus ossos, a terra com a sua carne e, tudo isso deu forma a um universo de dez firmamentos e oito tribos ciganas ⁸⁴ Mas como a luz se misturou com a matéria as oito tribos dividiram-se em três partes: a primeira que permaneceu pura, a pouco impura e o resto impuro e terá que esperar a outra criação para se limpar.

As tribos ficaram diferentes. Por isso não nos misturamos e eles também não se misturam a nós. Eles acham que nós somos diferentes, inferiores.

Mas todas as tribos podem, buscar a salvação, até a mais impura. Essa tribo busca sempre a nossa mais querida padroeira, Sara Kali e os respeitamos, somente nestes momentos.

Mas virá o momento da grande batalha e a Terra arderá por 1.468 anos⁸⁵. O resto de Luz subirá ao céu enquanto se apaga o mundo visível e a matéria e os demônios descem ao seu eterno presídio, a um poço sem fundo, para que a luz e a escuridão fiquem separados para sempre”.

⁸⁴Dez firmamentos significam para os ciganos os sentidos duplicados pela vidência cigana. Como exemplo pode-se citar: a visão cigana do futuro, a audição apurada para ouvir conselhos de ancestrais, o tato para realização do dom de cura pelas mãos, o olfato para percepção da presença de orientadores e/ou inimigos e finalmente o paladar que permite, em especial, às ciganas a realização de alimentos que nutrem o espírito. Oito firmamentos representam a soma das Natsias e das Vitsas ciganas.

⁸⁵Esse número nasce de uma soma realizada pelo narrador: soma 14+68=82, 8+2=10, dez firmamentos, sentidos duplicados que salvará o mundo da maldição da escuridão.

1.3 - APRESENTANDO O MOSAICO

Jianhe Matchuara, Santos. 24/05/2006.

“Apesar da imagem original de Sara Kali estar na França, fazemos aqui também a Slava para que os ciganos que não tenham condições financeiras possam compartilhar aqui das bênçãos e agradecimentos a “ela”. No entanto, todos os ciganos deverão pelo menos ir três vezes a Saintes Maries, durante a sua vida. No Brasil como na França, ciganos de diferentes tribos se encontram e é o único momento em que convivemos”.

1.3.1 - Sujeitos e Procedimentos

Como citado no relato de Jianhe Matchuara, apresentado acima e com o intuito de vivificar o mito de Sara Kali, na cidade litorânea de Santos, Brasil, é realizado o mesmo Rito, a mesma Slava, na mesma data em que ocorre a Festa Sagrada em Saintes Maries de La Mer, França.

E foi neste contexto da unidade ritual que esta intervenção que, logo a seguir apresentaremos, foi solicitada, pois se consagra como o único momento de diálogo pleno entre as diversas Natsias e Vitsas ciganas existentes. Uma vez, então, integrados, foram convidados quatro ciganos de diferentes Grupos e Subgrupos. Participaram ciganos da Natsia Rom: pertencentes às vitsas *Kalderashs*, *Vlax Romani*⁸⁶. Participaram também ciganos pertencentes à Natsia *Sinti ou Manouch* e da Natsia *Calón*.

⁸⁶Dentro da Natsia Rom, não participaram os ciganos *Lovaras*, *Matchuaras* e *Tchuraras*, pois não estavam presentes em Santos. Foram para Saintes Maries de La Mer.

Todos os participantes citados estavam reunidos em torno de uma grande mesa e sobre esta foram apresentadas as vinte seguintes fotografias, referentes à Slava de Sara Kali, em 2004⁸⁷:



⁸⁷Essas fotografias foram realizadas pela pesquisadora na Slava em Saintes Maries de La Mer- França. Nestas fotos foram inseridas letras de identificação da natsia e vitsa, pertencente, a saber: SM (*Sinti ou Manouch*), K (*Kalderash*), C (*Calón*), VR (*Vlax Romani*), M (*Matchuara*), T (*Tchurara*), L (*Lovara*). Apenas uma foto não possui identificação, por se tratar da foto de Dom Pepe, o Rei cigano líder de todas as natsias.

Todos os presentes, com grande alegria, admiravam as imagens de Saintes Maries, realizando comentários do local, resgatando através de imagens do presente, imagens mentais e memórias de suas presenças em Saintes Maries em um passado, muitas vezes, distante. Após estes comentários que se estenderam por vários minutos, a pesquisadora manifestou-se, solicitando que cada um escolhesse para si as imagens que mais gostaram. Inicialmente cada representante de um grupo ou subgrupo retirou para si as fotografias mais próximas, ou seja, as que encontravam identidade. Fotos de suas tribos. E assim ficou:

Fotografias escolhidas pelo cigano *Kalderash*:



Fotografias escolhidas pelo cigano *Sinti* ou *Manouch*:



Fotografias escolhidas pelo cigano *Vlax Romani*:



Fotografias escolhidas pelo cigano *Calón*:



Restaram sobre a mesa as seguintes imagens, referentes, inevitavelmente aos ausentes (Lovaras, Matchuaras, Tchuraras).



Após todas as escolhas realizadas, novamente houve a intervenção da pesquisadora, que chamou atenção para o fato das fotografias que restaram, as imagens que não foram escolhidas. Neste momento as vozes foram silenciadas e uma aparente inquietação corporal se fez presente. A pesquisadora rompeu o silêncio do local questionando o que fariam com as imagens que ainda estavam sobre a mesa e com as fotografias escolhidas. O participante *Vlax Romani* considerou que nenhuma imagem deveria permanecer sobre a mesa⁸⁸, então surgiu do representante *Kalderash* a sugestão da redistribuição das fotografias. Todos deveriam devolver as fotografias à mesa e a pesquisadora iria oferecer as imagens. E assim foi

⁸⁸Voltamos a reafirmar que a imagem fotográfica para os ciganos possui grande significação. As imagens, mais do que fotografias, são grafias visuais principalmente para os ciganos participantes desta intervenção, que em sua maioria ainda eram ágrafos, uma vez que a imagem tem o poder de reter parte da alma dos fotografados.

feito. As fotografias foram redistribuídas de modo que cada um ficasse com imagens de ciganos de outras Natsias ou Vitsas. E assim ficou:

Fotografias redistribuídas ao cigano *Kalderash*:



Fotografias redistribuídas ao cigano *Calón*:



Fotografias redistribuídas ao cigano *Vlax Romani*:



Fotografias redistribuídas ao cigano *Sinti ou Manouch*:



Cada qual com seu novo grupo de fotografias, sentados ao redor da mesa trocavam olhares. A pesquisadora questionou: o que fariam com aquelas imagens além de admirá-las⁸⁹? Como poderiam organizá-las? A Slava de Santa Sara - o Sagrado Rito - não permite estabelecimento de hierarquias, concluíram. Todos estavam irmanados.

Da tribo *Vlax Romani* surgiu à idéia da construção de um mosaico, no qual Dom Pepe, o Rei Cigano ficaria ao centro. Um cigano Sinti ou Manouch sugeriu que a Bandeira Cigana, com a Fyua - a Roda do Carroção - servisse de base. Todos aprovaram.



Fotografia 26 - A entrada de uma cigana com a bandeira simboliza que está iniciada a Slava de Sara Kali no Brasil. Essa bandeira contém a Fyua – a roda – do Vurdón, o símbolo máximo cigano, símbolo que caracteriza o nomadismo, a liberdade e a união, todas as “raias” da roda ligam a uma base central, a Santa Sara. As cores Azul e Verde representam o Céu e Mar, as moradas de Sara Kali: mar e céu. Santos, Brasil, Maio de 2006.

⁸⁹Solicitamos aos quatro ciganos que a partir das fotografias que possuíam naquele momento que criassem algo. Não era somente o olhar, mas a organização, a criação de algo em que as fotos fossem utilizadas.

No entanto, como, no dia de Santa Sara cada cigano poderia separadamente contemplar uma “raia”?⁹⁰ “Seria uma ótima idéia, para um outro momento”, refletiu o cigano *Calón*. O *Kalderash* retomou a idéia de um mosaico no qual somente Dom Pepe poderia ficar completo e os demais em pequenos e importantes pontos se completariam e se constituiriam a partir da presença do outro⁹¹.

Artesanalmente todos os participantes recortaram as imagens. Recortaram o que havia de mais relevante em uma fotografia, o “modo menor da realidade⁹²” e organizaram-se colando esses detalhes relevantes, em uma folha de papel de tal modo que os elementos comuns entre as tribos ficassem ao redor de Dom Pepe e ladeado por todas as tribos e todos os clãs. E assim constituíram um mosaico, mosaico este, fruto da iniciativa dos participantes, uma vez que não houve, de forma alguma, intervenção da pesquisadora no sentido do quê deveriam fazer ou como organizariam tais imagens. Demonstraremos, a seguir, o Mosaico completo com todos os detalhes elencados pelos ciganos presentes, como elementos notáveis de cada tribo, afim de que se possa verificar a relevância do detalhe para cada *vitsa* e quais foram os “traços imprevistos, escondidos, capazes de promover um novo ponto de vista”⁹³.

⁹⁰Mesmo ligados a uma base central que seria Sara, as *natsias* e *vitsas* continuariam separados.

⁹¹Cada cigano mediante as fotografias que possuíam deveriam selecionar os focos mais interessantes, mais relevantes de cada imagem e realizariam um mosaico, com esses dados imagéticos. Vale ressaltar que a presença de Dom Pepe, o Rei cigano na íntegra se deve ao fato deste relacionar-se a idéia de união de todas as *natsias* e *vitsas*, em especial, neste momento ritual da *Slava* de Sara Kali em Santos.

⁹²Retomamos aqui Albert Piette, no âmbito da Etnologia do Detalhe e também o modo menor da realidade, isto é, a valorização dos elementos importantes nas imagens fotográficas elementos notáveis da parte menor, com ímpar qualidade.

⁹³Piette, 1996, p.56.



Figura 6 - Ciganos: um mosaico étnico. Construção elaborada artesanalmente por ciganos dos grupos *Rom*, *Calón* e *Sinti* ou *Manouch*. Maio 2004.

A construção do mosaico nos remete à consideração de que os ciganos diante de todas as fotografias recebidas, analisadas, sentidas, isolaram “o que lhes pungia” Talvez fruto de uma “cicatriz obrigatória e necessária”. Barthes, (apud SAMAIN, 2000).

Literalmente a realidade em pequenas fatias... Recuperemos os conceitos de Roland Barthes, citado por Samain (2000, p. 3).

Retomarei, sim, Roland Barthes quando estabelece a sua famosa distinção entre o *studium* e o *punctum* da fotografia. Trata-se da distinção entre a fotografia enquanto algo que se apresenta ao meu *intelecto* como campo e objeto de estudo, como terreno de um saber e de uma cultura que posso compreender, desvendar e enunciar nos moldes da ciência (o óbvio da fotografia) e, por outro lado, a fotografia enquanto algo que se oferece ao meu *afeto* como um detalhe que me transpassa existencialmente, me fere, me comove ou me anima, como um silêncio que me fascina e me perturba ao mesmo tempo (o obtuso da fotografia).

[...] o *studium*, isto é o “óbvio” da fotografia, não interessava diretamente a Barthes. Este procurava entender e elucidar, sobretudo, a

questão do *punctum*, do “obtusos” presente na fotografia (o “detalhe”, mas também e sobretudo, o “tempo”, presentes na fotografia). Gostaria, todavia, hoje, ao retomar essa dupla categorização barthesiana, de ver em que medida a distinção entre *studium* e *punctum*, transposta para o campo da antropologia, poderia adquirir e carregar-se de novas significações, que não se restrinjam apenas a uma dicotomia e oposição entre, por um lado, “o que se apresenta ao meu intelecto” e, por outro, “o que se oferece ao meu afeto” através da fotografia.

Antes, porém, de quaisquer observações acerca da construção do mosaico, vale ressaltar, novamente, que essa atividade realizada pelos ciganos correspondeu a uma iniciativa dos próprios ciganos, isto é, o *modus operandi* - o que fariam e como fariam - partiu dos próprios sujeitos; sujeitos idosos e em sua maioria ainda ágrafos.

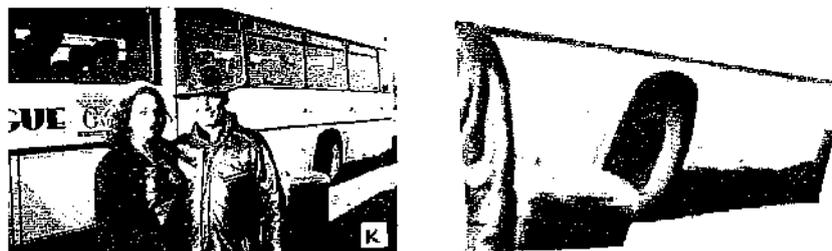
Cada detalhe do mosaico que construiu “o todo” cumpriu um duplo papel: não só demonstrou a unidade ritual das diversas tribos ciganas em louvor a Sara, como fez compreender o quê, nas fotografias apresentadas, lhes deu sentido, lhes deu significação: a sua acuidade particular. Os ciganos selecionaram o detalhe. Selecionaram a fatia única e singular do espaço/tempo, literalmente cortada ao vivo.

Podemos, pois, relacionar cada “fatia” ao *punctum* (cortada e recortada pelos ciganos), pois as fotografias aparecem no sentido forte, sentido que punge, que mortifica... As imagens não permaneceram inertes ao olhar provocando apenas o interesse geral – *studium* - mas elucidaram o detalhe.

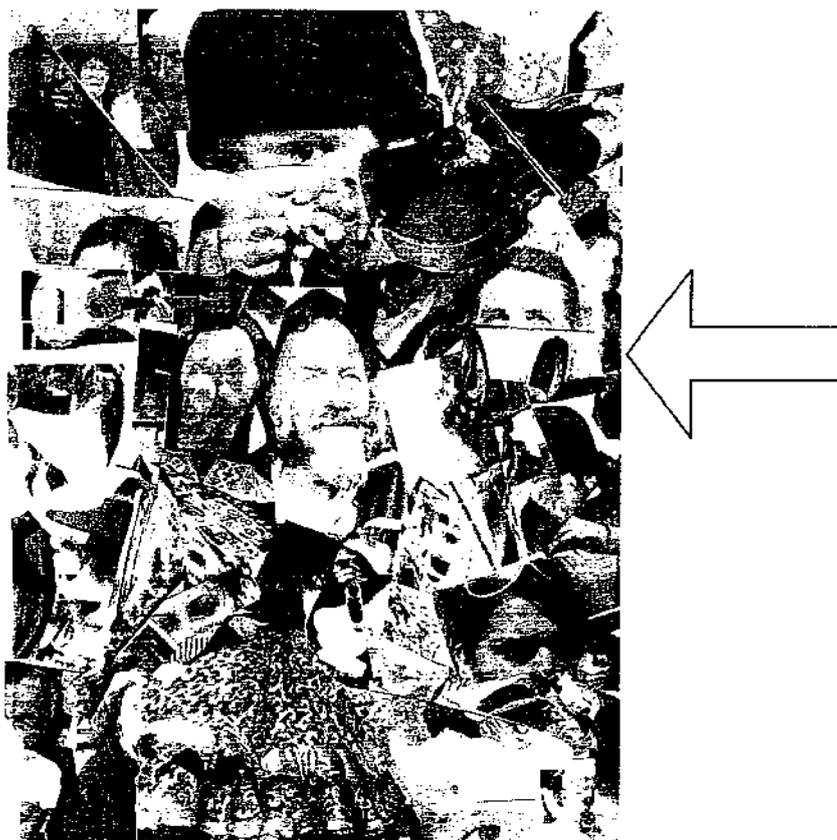
Embasamo-nos também em Albert Piette (1996), no âmbito da Etnologia do Detalhe, no qual questiona as tradições sociológicas e etnológicas, a fim de se trabalhar o princípio da relevância, da essência do detalhe. Essência que vai além do *punctum* como uma simples reação, mas oferece importantes informações para pesquisadores.

Piette desenvolve assim a sua própria teoria do “detalhe” e, também, do “modo menor da realidade”, isto é, a valorização dos elementos importantes nas imagens fotográficas, elementos notáveis da parte menor, com ímpar qualidade. Traços imprevistos, escondidos, capazes de promover um novo ponto de vista. Imagens secundárias ou marginais, gestos, objetos, pessoas externas à ação principal, ricos em significados e interpretação. Poderíamos, dentro do mosaico, citar como exemplo, o detalhe da roda do ônibus. O que há de tão relevante neste detalhe? Não se trata somente de uma roda, mas segundo o sujeito que a selecionou: trata-se de uma representação da itinerância, do nomadismo, da estrada. Representa a “Fuya” – a Roda do Carroção” – símbolo utilizado na bandeira cigana. A imagem lançou o desejo para além do que é visível, o modo menor da realidade.

Nas imagens a seguir verificamos dois momentos. A fotografia em sua integridade e após a seleção do “Detalhe” que compôs o Mosaico.

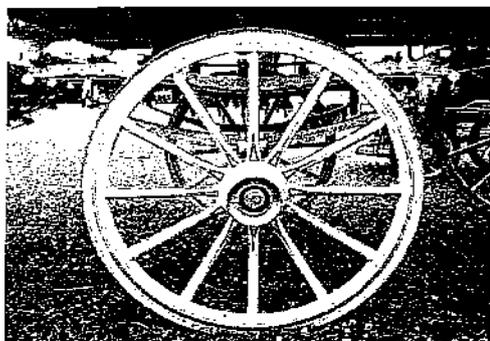


E, novamente, o Mosaico construído e a localização do detalhe representativo do nomadismo cigano.



Ressaltamos novamente que essa atividade de intervenção foi solicitada em termos de organização, no entanto a forma, o recorte do detalhe não foi, de forma alguma, sugerido pela pesquisadora. No entanto, ao

perceber o caminho traçado pelos ciganos solicitou-se que um cigano chamado Thian, da *natsia Rom, vitsa Kalderash*, fotografasse algum objeto que lhe fosse relevante e depois o detalhe que lhe fornecesse significação. As legendas das fotografias partiram do próprio Cigano Thian.



Fotografia 27 - "Vurdón" Carroção típico que fica em acampamento cigano em Sousas, distrito de Campinas, para trazer à mente lembrança de nossos ancestrais.

Fotografia 28 -Detalhe dos entalhos feito no carroção.

Fotografia 29 -Detalhe mais próximo, o passarinho dourado que lembra a liberdade cigana. Esses tipos de entalho, os *Kalderashs*, aprenderam em Damasco e na Espanha, quando os árabes invadiram a capital da época-Toledo.

Fotografia 30 -O que nos toca - A roda do carroção, não é o principal que se vê, mas a roda é o que nos chama a atenção: lembra o nosso nomadismo, a estrada, a nossa vida. Talvez se um gadjô fosse fotografar, fotografasse a gaiola com o passarinho, ou a janela, mas para cada um tem um significado, um detalhe especial, no nosso caso, a roda, a "Fuya".

Nesse momento retomamos Piette (1996) e sua teoria do detalhe, no qual traços imprevistos são capazes de promover um novo ponto de vista, ricos em significado e interpretação.

In vurdón veritas⁹⁴

*No vurdón está a verdade
e todas as minhas manhãs
toda a minha tristeza e a minha sorte,
as minhas lágrimas, a minha riqueza,
os meus amores, a minha saúde.
Não tenho mais ninguém no mundo,
não tenho amigos,
me restou só o vurdón,
os meus violinos quebrados,
os meus ventos matutinos.*

*Mas resta a fuya que me remete
à liberdade, à estrada, ao caminho...*

*Não tenho pátria, a minha
pátria é onde estão os meus pés.*

⁹⁴Proclamação *Kalderash* ao Carroção Cigano. Autoria desconhecida.

SEGUNDO CAPÍTULO
A SLAVA DE SARA KALI: A UNIDADE RITUAL
NA DIVERSIDADE TRIBAL



Fotografia 31 - Cigana ora abraçada à Imagem de Sara Kali. Cripta de Sara Kali, Saintes Maries de La Mer, França. Mantos reluzentes e coroas são dedicados à Santa pelas ciganas quando estas possuem graças e pedidos atendidos. A autoria Regiane Rossi, Maio 2004.

Mitologicamente o povo cigano está ligado a Kalí – a deusa negra da mitologia hindu, associada à figura de Santa Sara, cujo mistério envolve o das “virgens negras”, que na iconografia cristã representa a figura de Sara, a serva, de origem Núbia, que teria acompanhado as três Marias: Jacobina, Salomé e Madalena, e, junto com José de Arimatéia, fugido da Palestina numa pequena barca, transportando o Santo Graal – o cálice sagrado - que seria levado por elas para um mosteiro da antiga Bretanha.

Diz o mito que a barca teria perdido o rumo durante o trajeto e atracado no porto de Camargue, às margens do Mediterrâneo, que por sua vez ficou conhecido como “Saintes Maries de La Mer”, transformando-se, desde então, em um local de grande concentração e peregrinação do povo cigano.

Santa Sara é comemorada e reverenciada todos os anos, nos dias 24 e 25 de maio, através de longas noites de vigília e oração, pelos ciganos espalhados no mundo inteiro, com candeias de velas, flores e vestes coloridas; muita música e dança, cujo simbolismo religioso representa o processo de purificação e renovação da natureza e o eterno “retorno dos tempos”.

2.1 – A Slava: Símbolo do Encontro Cigano

O ato de peregrinar está intimamente relacionado ao sentido do sagrado e as particularidades de cada tempo e lugar. As peregrinações acompanham a história de homens e mulheres e refletem as características religiosas e culturais de cada peregrino. No entanto, algo se manifesta ao

longo do tempo, em todos os espaços e, aquele que peregrina está à procura do Divino, do santificado e, no caso específico dos ciganos, agrega-se outra procura: a busca do encontro:

No momento da Slava rendemos graças a nossa padroeira Santa Sara, rainha dos ciganos, Santa Sara padroeira dos acampamentos, que com meigo olhar recebe nossas oferendas e com um meigo olhar nos permite encontrar e rever irmãos. A peregrinação é festa, encontro e adoração⁹⁵.

A rede de sociabilidade que se forma na peregrinação dos ciganos em Saintes Maries de la Mer amplia as relações dos peregrinos para fora da esfera restrita do seu lugar de moradia e origem, ao mesmo tempo em que dinamiza as relações familiares, entre clãs, entre gerações e entre os gêneros. A peregrinação, nesse sentido, mostra-se como um símbolo de encontro.

Como já citado na introdução deste trabalho, o Símbolo de Encontro é um conceito desenvolvido por Samuel Thier (1999) no qual fundamenta que o ato de peregrinar não está cunhado apenas no ato de caminhar ou executar um trajeto, mas a peregrinação carece de sentido, de um caminhar motivado “por” ou “para algo”. Um símbolo que possibilite o encontro, com a sua própria

⁹⁵Declaração de cigano *Lovara*. Maio, 2004.

identidade e com identidades com as quais se sentirá irmanado. E é justamente este o olhar cigano. Olhar que rejeita o enfoque reducionista do momento da peregrinação, da Slava como apenas *“um fenômeno de movimentação de pessoas, com objetivos religiosos”*⁹⁶.

*“ No único lugar em que me sinto em casa,
encontrei o teu olhar.
Teu olhar que olhava nos olhos da Santa,
olhar moreno, marrom como a noite,
mas que iluminava a todos como o poder do
lunar.*

*Olhar cigano, misterioso,
olhar que canta tristes cantos.
Olhar que envolve,
olhar que suplica à Sara e é vitorioso e
pede pelas Tsaras, pelos acampamentos,
pelos irmãos ciganos.
Olhar que sonhei.*

*Busquei o sagrado, encontrei meus irmãos,
reconheci meu amor.
Que grande encontro Sara nos oferece:
irmãos cantando, louvando e dançando.
Encontrar o amor buscado a vida inteira,*

⁹⁶Conceito de peregrinação na Enciclopédia Barsa, 1987.

encontrar irmãos e cantarmos a noite inteira:

*Viva Santa Sara*⁹⁷.

A letra da música apresentada nos remete à consideração estabelecida por Thier, na qual a peregrinação, além da busca do sagrado, é vivificação da história, da memória e permite uma comunicação objetiva e um sentimento de pertencimento entre pares peregrinos.

O encontro dos ciganos não simboliza apenas a presença em local consagrado, mas traduz a interação da fé e da cultura do povo cigano.

A peregrinação, portanto, apresenta-se como um ponto de intersecção onde se pode verificar a tensão entre múltiplos significados que colocam em tela aspectos fundamentais da cultura. São universos intrinsecamente relacionados. A peregrinação é carregada de sentidos e valores que são condensados nesta experiência religiosa.

Steil (1996) enfatiza a experiência do distanciamento e do encontro consigo e com outras pessoas que compartilham a mesma fé, como forma-elemento da peregrinação. Evocando a etimologia da palavra "peregrino", Steil lembra-nos que este termo designa o estrangeiro, que vem de outro lugar. No entanto, acrescenta que outros estrangeiros se encontram e fazem do local da peregrinação manancial de vivificações de memórias e histórias compartilhadas.

Ao realizar uma digressão histórica do fenômeno das peregrinações constata-se que desde a antiguidade existem peregrinações. Os hebreus

⁹⁷Olhar Moreno. Música cigana de autoria desconhecida.

nômades passavam sempre pelos lugares de culto cananeus. A primeira peregrinação de Jacó refaz os passos de Abraão. Os filhos de Israel, pela fé, fizeram das migrações a grande peregrinação em busca da Terra Prometida.

O que move os peregrinos é o desejo de ver Deus, de se encontrar com Ele, de estar na Sua presença. Os judeus tinham a obrigação de subir ao Templo de Jerusalém três vezes por ano, pois acreditavam que Deus estava lá. Subiam na festa da Páscoa, de Pentecostes e dos Tabernáculos.

Na Roma Imperial, já existiam viagens voltadas à motivação religiosa, desde as muralhas de Adriano até Eufrates. No Islã, um dos cinco pilares da religião é, ao menos uma vez na vida, fazer uma peregrinação à Meca. A peregrinação às fontes da fé islâmica é a busca que cada crente faz da unidade, voltando aos lugares que simbolizam a morada de Deus na Terra: Meca (Maomé) e Jerusalém (Abraão). Os crentes fazem entre si, com o universo e com Deus, uma unidade indivisível.

A partir de Jesus de Nazaré as peregrinações do povo de Israel mudaram o seu significado. Antes eram feitas para buscar o Senhor, para ir à casa de Deus, o seu santuário. Porém Jesus vem mostrar que a casa de Deus, o templo, o santuário, são as pessoas, em quem habita o Espírito. O Pai está com o Filho, e o Filho está na sua comunidade pela força do Espírito Santo. A peregrinação do cristão deverá ser a visita à sua própria comunidade, a visita aos seus irmãos. É preciso buscar a Deus onde se encontra reunido o Seu povo. Para Jesus, Deus se faz presente no seu povo reunido.

Entretanto, na Idade Média, inserido em um ambiente religioso católico que dominava a sociedade da época, muitas das peregrinações realizavam-se em funções de penitências aplicadas aos pecadores que eram banidos e, somente era permitido o seu retorno à sua comunidade e lar depois de terminada a peregrinação ao local estipulado. Assim, viajar tomava a forma de um rito de penitência ou construção e possibilitava refazer uma ordem quebrada por atitudes ignóbeis.

Durante a Idade Média as peregrinações assumiram aspectos significativos também nas estratégias políticas. A figura do peregrino fez com que a fé e as penitências convivessem com os perigos e as necessidades de ocupar regiões, defendendo-as de invasores. Para tanto, ocorreram as ampliações dos cultos aos santos, a multiplicação das festas e das romarias para visitar templos, relíquias e sepulcros. Algumas das principais rotas se dirigem a Roma para o túmulo dos apóstolos Pedro e Paulo, e para o túmulo de Tiago, em Compostela, na Espanha.

No século XIV, as peregrinações tornaram-se um fenômeno mais amplo e complexo em seu sentido, pois se vincularam à busca da cura física e espiritual. Vale ressaltar que estas peregrinações motivaram inúmeros viajantes, religiosos ou não, comerciantes ou aventureiros, pois já havia nesta época, uma mescla de devoção, cultura e prazer nos aglomerados de pessoas que se formavam nestes locais sacralizados.

Ao longo do tempo, peregrinações e rituais religiosos são discutidos em diversas propostas antropológicas. Alguns teóricos como Émile Durkheim

(1989) apresentam o ritual como peça fundamental para a compreensão das sociedades.

Durkheim aponta para a relevância de o ato peregrino ser concebido não somente como um sistema de idéias, mas antes de tudo como um sistema de força. Sua força é criar coesão dentro de sua categoria fundante, que, na peregrinação, é a categoria do sagrado. O que move a peregrinação, para este autor, é um fato social, que emerge do social e é um signo social.

Os rituais peregrinos, para Durkheim, possibilitam uma reflexão do homem para além de si mesmo. Nesta concepção, os indivíduos buscam na peregrinação a sensação de sair de si, pela imersão no coletivo, através do prazeroso contato com algo que é mais importante do que eles próprios, individualmente.

No ritual cigano de Saintes Maries de La Mer, esta experiência transcendental reaviva a possibilidade da vida em conjunto, em uma esfera em que todos são iguais, sem distinção de *Natsias* ou *Vitsas* e comungam a mesma comunidade moral e compartilham a grande satisfação de que vida social é possível.

Tal afirmativa nos remete novamente a Steil (2002) e seu discurso metassocial que comporta uma forma de sociabilidade que opera a partir da lógica do *communitas*, de Turner (1978), para a qual a verdadeira sociedade seria expressa pelo ideal fraterno da comunhão.

No caso específico do Ritual de Santa Sara em Saints Maries de la Mer, para além da religião, o processo da peregrinação abarca outras

dimensões da vida social dos seus atores, entre elas o parentesco, a sociabilidade, a cultura, o dialeto. Esta perspectiva tem sua inspiração na teoria de Victor Turner.

Turner voltou-se aos estudos das peregrinações marianas na Europa e no México a partir da década de 1970.⁹⁸ Inspirado pela caracterização dos rituais de passagem nas sociedades primitivas elaborada por Arnold Van Gennep, transpõe o esquema desse autor para o contexto das peregrinações nas sociedades complexas, procurando identificar nesses eventos as mesmas etapas que, para Van Gennep (1969), são constitutivos desses ritos: separação, transição/liminalidade e re-incorporação.

Nesta perspectiva, os peregrinos ao deixarem suas casas e comunidades, entram num estado de liminaridade enquanto viajam para o lugar sagrado, de onde retornam transformados, para serem reintegrados em suas comunidades de origem. Durante o tempo do deslocamento, desengajam-se da *estrutura* da sociedade em que vivem seu cotidiano e inauguram uma outra forma de relacionamento social, que alcança seu clímax quando emerge a *communitas*. Neste contexto, as normas cotidianas de *status* social, hierarquia e interação são idealmente abandonadas a favor do aparecimento de uma associação espontânea e de experiências compartilhadas num ambiente de indiferenciação e igualitarismo. *Estrutura* e *communitas*, no entanto, não são vistas pelo autor como realidades diametralmente opostas, mas dialeticamente conectadas.

Nas palavras de Turner & Turner (1978):

⁹⁸É importante ressaltar que em trabalhos sobre peregrinação, Victor Turner foi auxiliado por Edith Turner que assinou, juntamente com ele, muitos dos textos publicados sobre este tema.

Podemos analisar os peregrinos pelo viés dos ritos de passagem e seus três momentos constituintes: a separação social e espacial do lugar normal de residência e dos laços sociais convencionais, a liminaridade, uma antiestrutura, fora do lugar e do tempo quando os laços vivenciais são suspensos e é vivenciada a *communitas* e ocorre uma experiência do sagrado e do sobrenatural; e por fim a reintegração, em que o indivíduo é reintegrado ao grupo social anterior, habitualmente em um status social mais elevado. Portanto, as peregrinações, de modo geral, devem ser compreendidas como um processo social que apresenta uma estrutura temporal determinada: lugar familiar – lugar distante – lugar familiar.

Resumidamente, nesses ritos peregrinos, o indivíduo é posto à margem da sociedade em que está inserido, por um tempo determinado, para depois ser reagregado a ela, assumindo um novo papel social.

Turner faz, portanto, analogia para mostrar que, nas peregrinações, forma-se uma situação liminar na qual o indivíduo liberta-se das obrigações cotidianas e vive temporariamente um novo modelo de vida.

A peregrinação libera o indivíduo dos constrangimentos cotidianos obrigatórios de status e papéis, o define como um ser humano integral com capacidade de fazer escolhas livres, e dentro dos limites de sua ortodoxia religiosa, lhe apresenta um novo modelo de vida, de fraternidade humana.

(TURNER, 1978, p. 67).

Este estado de liminaridade, que se encontra “*no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimoniais*”⁹⁹, permite, pois a experiência da *communitas* que, segundo o autor, pode ser analisada a partir de três diferentes tipos. A primeira, existencial ou espontânea, resulta de um sentimento momentâneo de uma identidade coletiva e homogênea, como se os peregrinos fossem, em determinados momentos nos santuários, membros de uma irmandade. A segunda, normativa, relaciona-se à necessidade de organização e controle social de seus membros por meio de regras determinadas. A terceira, ideológica, refere-se a modelos e projetos utópicos baseados na *communitas* existencial.

A *communitas* normativa é a predominante porque, nas peregrinações, a distância geográfica entre o lugar de origem e o santuário, além do grande número de participantes, compele à organização e à disciplina. Todavia, esta situação não elimina as regras da estrutura social, mas as simplifica. A experiência da *communitas* põe em questão suas regras, dialoga com elas e

⁹⁹ Turner, 1967, p.117.

sugere novas possibilidades. Essa ambigüidade sugere um compromisso mútuo entre a estrutura e a *communitas*, um movimento entre a obrigação e a voluntariedade, a norma e o desvio, o sagrado e o secular.

A experiência da *communitas* não esgota o sentido da peregrinação porque essa idéia rompe justamente com as fronteiras de classe, de idade e de sexo das estruturas sociais e pressupõe certa homogeneidade e uma espécie de igualitarismo entre os peregrinos. Contrariando estas perspectivas, Steil (2002) argumenta que a peregrinação comporta múltiplas divergências internas e pode ser compreendida a partir da noção de totalidade contraditória: uma dinâmica da inclusão das diferenças, uma articulação entre o local e o universal, a tradição e a modernidade, a convenção e a invenção. Desse modo, ela permite a formação de um sistema de comunicação, isto é, de um espaço de trocas culturais, que inclui, mas não privilegia a experiência da *communitas*.

A descrição etnográfica da peregrinação à Saintes Maries de la Mer, apresentada a seguir, oferece um contraponto às interpretações de Steil. Esta peregrinação revela uma dinâmica específica que, antes de tudo, não cria um estado que rompe com o anterior, mas promove o diálogo entre situações heterogêneas, dentro e fora do contexto da festa. Assim, ela contribui para reforçar a idéia de que a experiência da *communitas* não subverte completamente a ordem estabelecida e não oferece um modelo de vida mais homogêneo no qual a distinção social atenua-se.

Na verdade, a *communitas* pode ser vista como um ideal a alcançar – um lugar no qual todas as famílias, vizinhos, amigos viveriam em harmonia – mas que está longe de propor concretamente regras e padrões diferenciados na duração da peregrinação. Portanto, apesar de se apresentar como um lugar de encontro – no qual impera, à primeira vista, a experiência da *communitas* – a peregrinação à Saintes Maries de la Mer também se mostra como um espaço de reafirmação de identidades sociais e permite o estabelecimento de relações de alteridade.

Relações de alteridade, de solidariedade, horizontalidade e sobretudo felicidade são evidenciadas na linguagem ritual dos peregrinos segundo John Cowart Dawsey (2002). Corpos ideológicos e doutrinas expressam-se por uma performance das emoções e dos afetos que circulam entre peregrinos nos locais sagrados. Performance esta que nos remete imediatamente ao caráter festivo, lúdico e transgressivo das peregrinações.

Assim, “... *vivências e rituais se expressam pela peregrinação e a peregrinação partilha da experiência ritual*”¹⁰⁰. Na linguagem ritual incorporam-se divertimentos e danças, mas, sem perder a sagrada dimensão do culto.

Intermediada pela linguagem ritual, a Slava de Sara em Saintes Maries de La Mer, propicia aos seus peregrinos, a idealização do encontro com o seu “mito de origem”, com sua fé, ensinada e compartilhada, e com o vivencial festivo das performances ciganas. A Slava representa a sobrevivência de uma etnia.

¹⁰⁰ DAWSEY, 1997, p. 182.



Fotografia 32 - Dança ritual no acampamento cigano em Saintes Maries de La Mer, durante a noite que antecedeu a procissão de Sara. É uma dança chamada *tkang*, realizada pela *vitsa Matchuara*. É solicitada nesta roda de dança a presença de apenas um homem, com o intuito do equilíbrio das forças da natureza, com predomínio e poder da maternidade "soberana" (*tkang*). Não é permitida a presença de crianças na roda de dança. Assim, demais homens e crianças somente observam, como demonstrada nas sombras presentes na fotografia. França. Datação: 1972. Sem identificação e autoria. Acervo de Marcel Matchuara.

2.2 – O Local do Encontro: Saintes Maries de La Mer

Saintes Maries de la Mer é a denominação francesa para Santas Marias do Mar. É nesta pequena cidade do litoral sul da França, que se realiza todos os anos, nos dias 24 e 25 de Maio, a festa – Slava- em Louvor à Santa Sara.



Fotografia 33- Vista aérea de Saintes Maries de La Mer, cidade litorânea na região de Camargue, sul da França. Ao centro da cidade é possível visualizar a Igreja Medieval de Saintes Maries. Tal igreja possui um anexo, uma cripta onde se encontra a Imagem de Sara Kali, padroeira dos ciganos. Cartão Postal. Autoria de J. Lelup, 2004.

Milhares de ciganos de vários continentes chegam à Saintes Maries de la Mer. Aos poucos vão adentrando as estreitas ruas da pequena cidade. Fogueiras são armadas em plena rua por especial permissão da Prefeitura local. Música, comida, bebida e danças invadem todos os locais. Mostrando as diversas procedências, chegam os gitanos da Espanha, os ciganos do Brasil, os zingaros da Itália, os boêmios da Alemanha, os gypsies da Inglaterra, os tsganes da França, os zigeuners da África e outros das minorias espalhadas pelo mundo.



Fotografia 34- Visão panorâmica do centro da cidade de Saintes Maries de La Mer. Cidade com população de 5.000 habitantes que recebe nos dias 24 e 25 de Maio, 10.000 ciganos das diferentes tribos e clãs. Nestes dias as pequenas ruas da cidade ficam repletas de ciganos peregrinos. Ao centro ciganos com cavalos para o desfile de abertura da Slava. Cartão Postal. A autoria de J. Lelup, 2004.



Fotografia 35 - Ciganos de diversas *Natsias*: *Rom* (de azul ao violino), *Calón* (de óculos escuros) e *Sinti ou Manouch* (em pé). Esta imagem eterniza o único momento em que as diferentes tribos não só encontram-se, mas compartilham a fé e a música. Acervo de Lucy Kalderash. Datação: Maio, 2004.



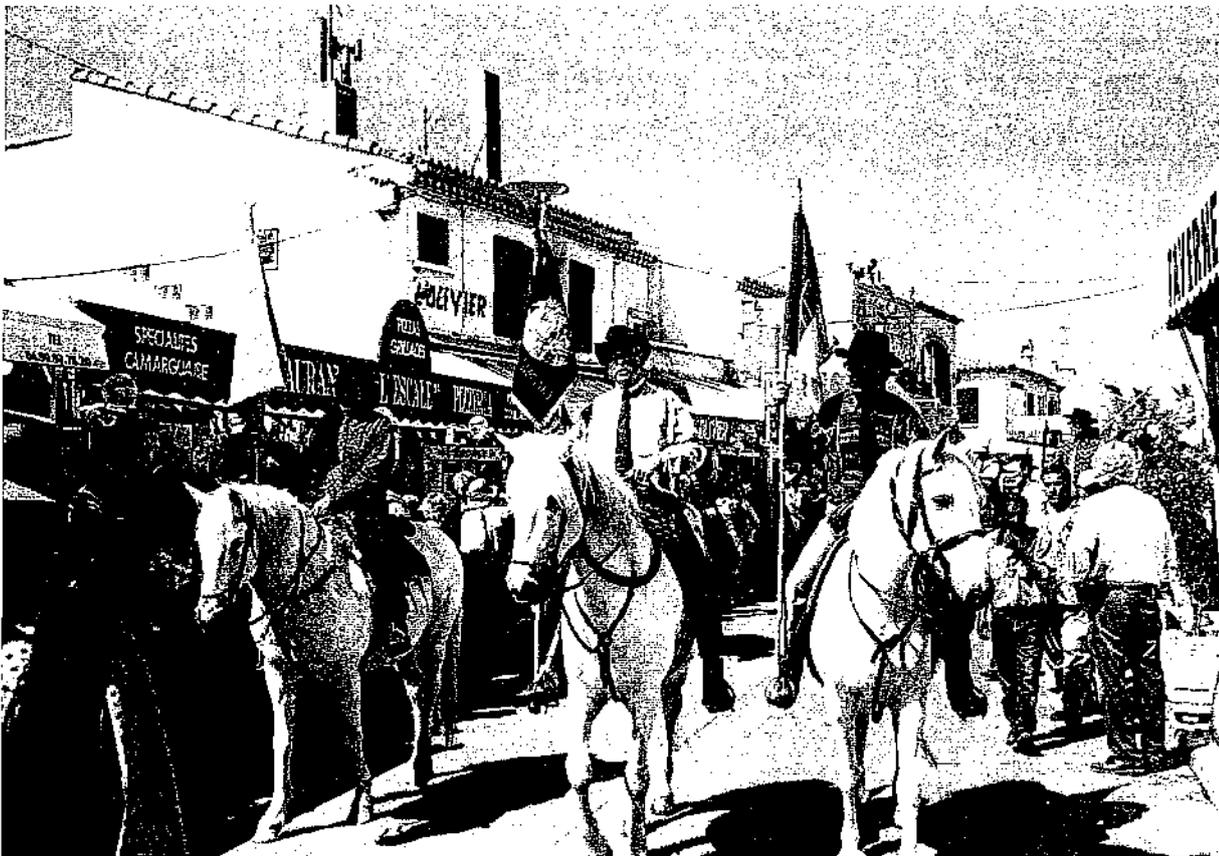
Fotografia 36- Patriarca *Sinti ou Manouch*¹⁰¹ toca violino nas ruas de Saintes Maries de La Mer e é observado por ciganos dos mais diversos clãs. A autoria Regiane Rossi, Maio 2004.



Fotografia 37 - *Cigana Sinti ou Manouch* dança e é observada por ciganos e gadjôs (não-ciganos) que fotografam e aplaudem o espetáculo. Os pés descalços da dançarina solicitam energia e vivacidade da terra. Essa energia deve ser repassada pelas mãos em movimentos serpenteados. A autoria: Regiane Rossi. Maio. 2004.

¹⁰¹Identificação da chefia do clã se dá por anel de ouro com pedra de rubi, utilizado na mão esquerda.

O desfile de cavalos e de caravanas inaugura as festividades no santuário de Santa Sara. A entrada triunfal na cidade sagrada em carroções e cavalos representa uma participação fundamental na festa, celebrando e valorizando não somente este antigo meio de transporte, mas um símbolo central que remete à identidade de cigano.



Fotografia 38- Ciganos da *Natsia Rom* e *Calón* entram na cidade. O cigano ao centro faz parte da *Vitsa Kalderash*, ladeados por ciganos da *Vitsa Matchuara* (bandeira azul) e pela *Natsia Calón* (bandeira vermelha e branca). Autoria: Regiane Rossi. Maio, 2004.

Assim, as famílias *Rom* e *Calón* - com divergências significativas¹⁰² em alguns aspectos - unem-se na entrada da cidade e desfilam pelas ruas principais do santuário. Geralmente, o grupo *Kalderash* – conhecido como um dos mais tradicionais, talvez porque peregrinam há mais de um século - é o primeiro da fila e depois se unem a ele os representantes dos outros clãs. Cada qual portando a sua respectiva bandeira.

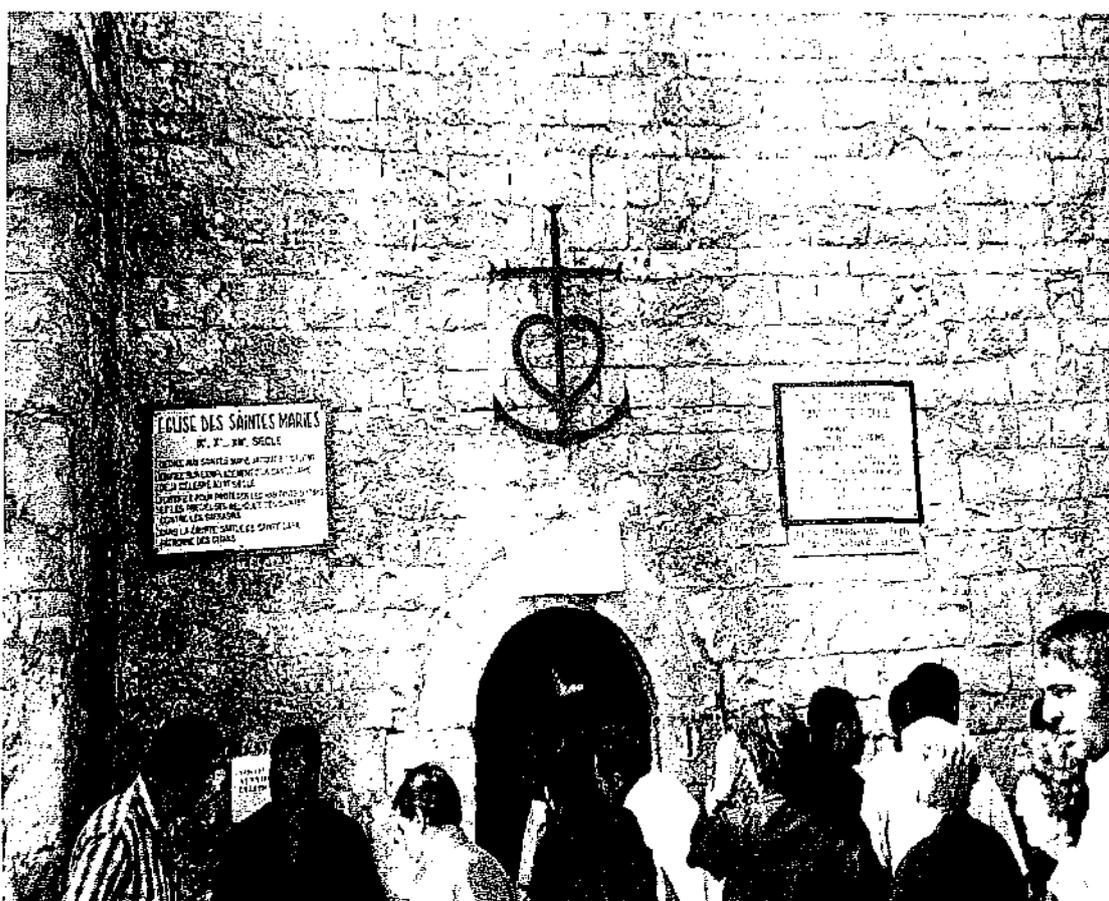


Fotografia 39 - Após todos os cavaleiros se encontrarem, iniciam o desfile, com o *Kalderash* a frente seguido pelo *Matchuara*. De amarelo o cigano *Tchurara*. O desfile segue a ordem:¹⁰³ *Kalderash*, *Matchuara*, *Tchurara*, *Vlax Romani*, *Lovara*, *Sinti* ou *Manouch* e *Calón*. Autoria: Regiane Rossi, Maio, 2004.

¹⁰²Sem atribuir juízo de valor, as diferenças significativas consistem na arte da quiromancia e cartomancia com valor monetário, no uso de roupas e identificações corporais diferenciadas. Tais diversificações serão explicitadas no Terceiro capítulo deste trabalho.

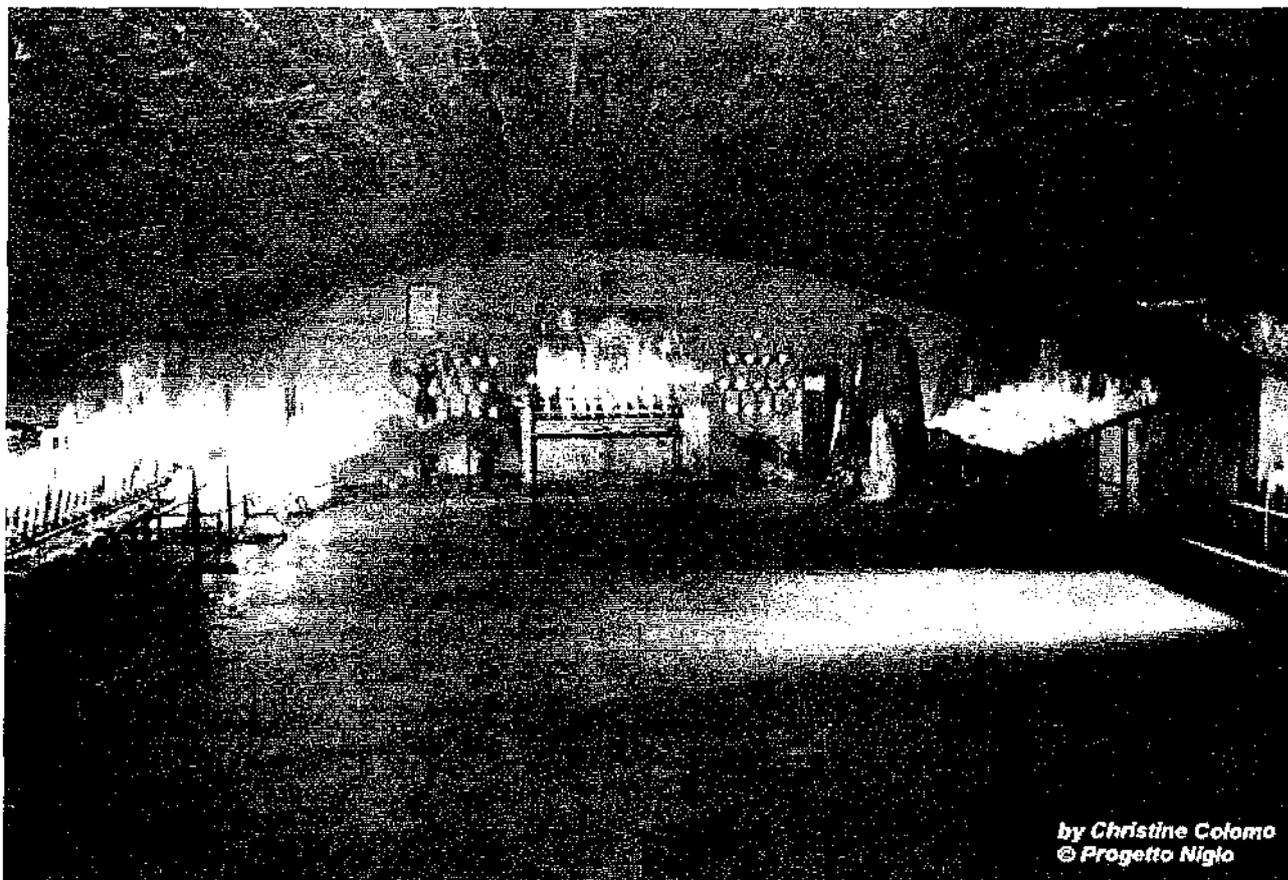
¹⁰³A prioridade no desfile é dedicada ao clã *Kalderash*, por ser o clã mais antigo na peregrinação à *Saintes Maries*. Os demais recebem a classificação de acordo com as doações realizadas à manutenção da cripta de Santa Sara.

Quando chegam ao santuário, os peregrinos de Saintes Maries de La Mer, desfilam em frente a imagem de Santa Sara, guardada na cripta da igreja.



Fotografia 40 - Como Sara não é reconhecida como Santa pela Igreja Católica, sua imagem não pode habitar solo consagrado. Por isso fica em um anexo, em uma cripta. Percebe-se em frente à entrada da cripta a presença de não-ciganas¹⁰⁴ que procuram observar seu interior. Talvez devotos, talvez curiosos. Autoria: Regiane Rossi, Maio de 2004.

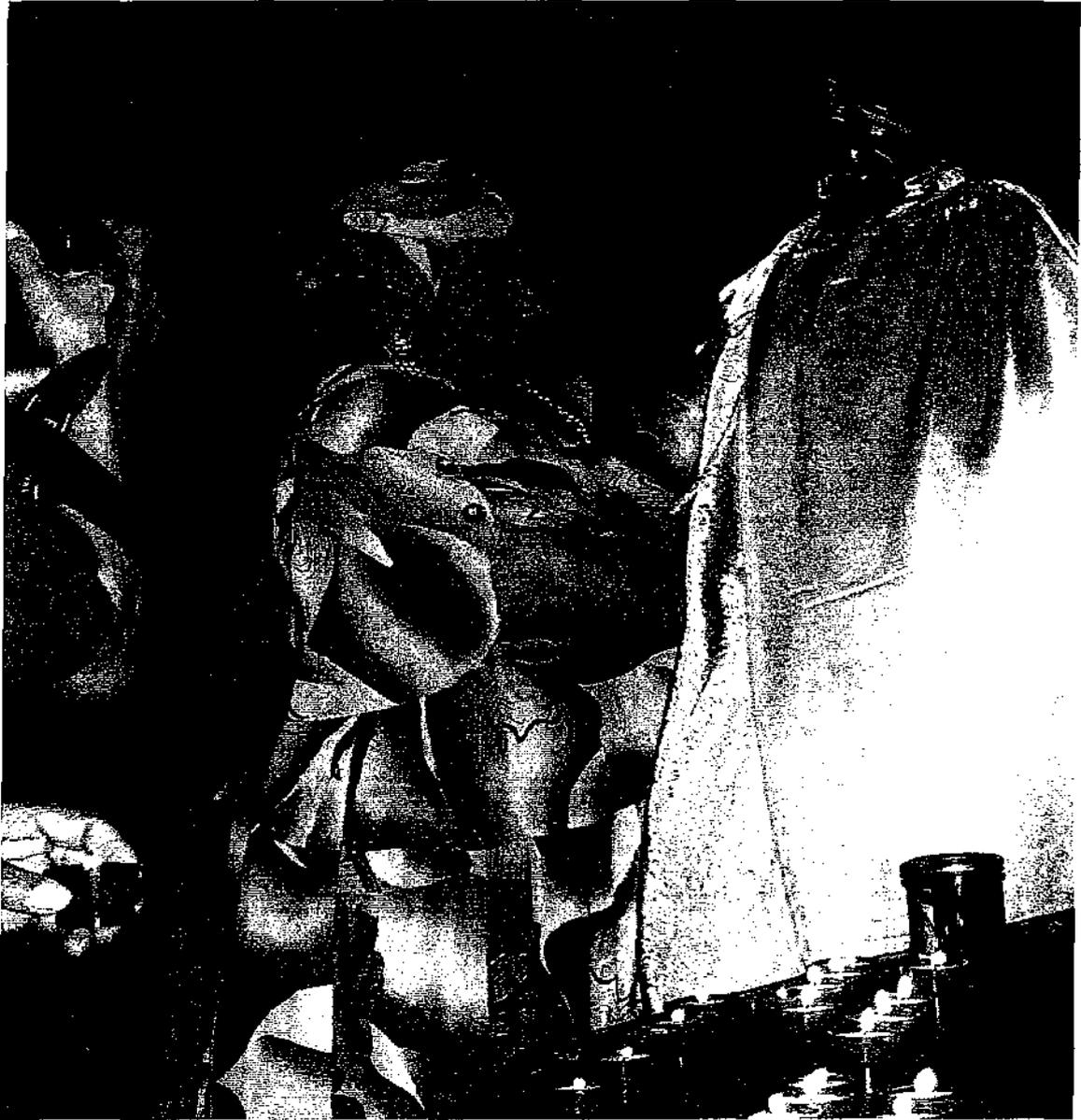
¹⁰⁴É possível perceber a presença de não ciganas pelo corte dos cabelos. Não é permitido às ciganas cortarem o cabelo acima dos ombros. Os cabelos simbolizam proteção, um véu de religião a Deus.



Fotografia 41 - Interior da cripta de Sara Kali. Na lateral percebemos a imagem de Sara e ao centro o túmulo de Dom Pepe. Dom Pepe foi considerado Rei cigano pela tentativa de agregar as tribos, vivendo em solidariedade. É o único cigano a quem foi concedida a honra de ser enterrado ao lado da Imagem de Sara. Durante uma das perseguições aos ciganos, em 1974, a descendência de Dom Pepe foi assassinada. Ele e sua esposa esterilizados. Autoria de Christine Colomo. Saintes Maries de La Mer, 2004.

2.3- A Data do Encontro: 24 de Maio

As velas são acesas no interior da cripta elevando a temperatura a graus praticamente insuportáveis. As ciganas oferecem à Sara mantos bordados e reluzentes. Aumenta o volume das orações.



Fotografia 42 - Cigana *Lovara* na cripta em frente à Santa Sara prepara-se para colocar um manto na Imagem. Diz o mito que quando Sara morreu em Saintes Maries de La Mer, um manto de ouro foi colocado em seu corpo e ela foi devolvida ao mar. Então, quando desejos são alcançados, ciganos e gadjôs devotos à Sara colocam um manto com cores vibrantes e reluzentes na imagem como forma de gratidão. Autoria: Regiane Rossi. Maio 2004.



Fotografia 43- Cigana *Lovara* coroa Santa Sara. A coroa oferecida simboliza manutenção dos poderes da vidência, magia e sabedoria. Autoria: Regiane Rossi. Maio 2004.



Fotografia 44- Finaliza-se o rito da cigana *Lovara* junto à imagem de Sara, com as três rosas colocadas no manto simbolizando paz, riqueza e espiritualidade. Autoria: Regiane Rossi. Maio, 2004.

As manifestações de fé prosseguem até as quinze horas, quando a Santa é colocada em um andor e conduzida em procissão até o Mar Mediterrâneo. A imagem caminha pelas ruas com a proteção dos cavaleiros ciganos. Montados em seus cavalos brancos e carregando na mão direita uma longa lança com a bandeira de sua família, os cavaleiros mantêm a proteção à Santa e à Ordem Pública.



Fotografia 45 - Inicia-se a procissão. Ciganos seguram a cruz da Igreja e atentamente aguardam a saída da Santa pela outra porta - a porta da cripta. Autoria: Regiane Rossi. Maio, 2004.



Fotografia 46- Cavaleiros do clã *Vlax Romani*¹⁰⁵ e demais ciganos e devotos aguardam Santa Sara. Acervo: Lucy Kaldersah. Maio, 2004.

¹⁰⁵Em 2004 os Cavaleiros *Vlax Romani*, foram os responsáveis pela proteção da imagem de Santa Sara até o Mar Mediterrâneo e seu retorno à cripta.



Fotografia 47 - Cigano e não-cigana olham admirados a Imagem de Santa Sara. Ao fundo o olhar da criança demonstra o sentimento que é desenvolvido desde pequenos à padroeira cigana. Lucy Kalderash, 2004.



Fotografia 48 - Imagem de Santa Sara em procissão é carregada em andor por 7 ciganos, representando todas as suas linhagens: *Kalderash, Lovara, Tchurara, Matchuara, Vlax Romani, Calón, Sintí ou Manouch*. Acervo Lucy Kalderash. Maio, 2004.

Padres católicos acompanham a procissão entoando cânticos religiosos que se misturam aos sons e melodias profanas das músicas ciganas e ao bater de palmas dos fiéis, que pouco lembra a seriedade das procissões católicas tradicionais.

Segundo Rubem César Fernandes¹⁰⁶ (1983) não há separação entre as esferas do sagrado e do profano, em peregrinações, mas uma sobreposição de ambas. Elas fazem parte de um mesmo mundo no qual a dualidade é irreduzível, *"e permite sempre a descoberta da manipulação profana nas coisas sagradas e, vice-versa, o sacrifício pelo sagrado nas lides profanas"*¹⁰⁷



Fotografia 49- Bispo e Padres católicos conduzem a procissão de Santa Sara. Ao lado do Bispo, o cigano mais idoso presente, pertencente ao clã *Vlax Romani*. Regiane Rossi, Maio, 2004.

¹⁰⁶ Doutor em História do Pensamento Social pela Columbia University, aprofunda estudos acerca da temática Religião e Identidade.

¹⁰⁷ Fernandes, 1983, p.55



Fotografia 50 - A procissão chega à praia com ciganos entoando canções, ladeados pelos cavaleiros de honra. Regiane Rossi. Maio, 2004.



Fotografias 51 e 52 - Padre católico aguarda na praia o andor de Santa Sara. Acervo de Lucy Kalderash. Maio, 2004.

Finalmente o andor chega às areias da praia e Sara é conduzida ao Mar.



Fotografia 53 -Multidões de ciganos apreciam a imagem de sua padroeira em frente ao Mar Mediterrâneo. Regiane Rossi. Maio, 2004.

Em seguida a procissão faz o caminho de volta, retornando Santa Sara à sua cripta subterrânea da igreja, onde prosseguem a visitação, as orações, as velas.



Fotografia 54 -Ciganos *Tchuraras* na praia, ao término da procissão de Santa Sara. Acervo de Lucy Kalderash. Maio, 2004.

O retorno e orações na cripta são momentos nos quais pode aparecer mais nitidamente a idéia de *communitas* de Victor Turner. A diversidade dos ciganos peregrinos, provenientes dos mais variados países, é momentaneamente homogeneizada e todos se voltam para um único interesse: entrar em contato com o sagrado por meio das orações.



Fotografia 55- Cigana *Kalderash* retorna à cripta de Sara após a procissão. Percebe-se também a presença de não-ciganos. No universo gadjô Santa Sara é considerada protetora das gestantes, pois diz uma das versões do mito de Sara, difundido entre os não-ciganos que Sara, uma serva cigana, foi quem fez o parto de Maria, trazendo ao mundo, Jesus. Os ciganos não concordam essa versão. Regiane Rossi. Maio, 2004.

Para fazer reverência ao santificado, antes de qualquer coisa, o peregrino deve visitar a sua casa. Essa possível sujeição à coisa ou à pessoa sagrada pressupõe um sacrifício que pode ser representado de diversas maneiras: viajar em caravanas durante dias em estradas tortuosas, fazer a romaria a pé, entrar de joelhos na igreja e deslocar-se de outros países, dentre outros atos. Segundo Fernandes (1983), é a dimensão simbólica do sacrifício que permite a passagem do plano profano, comum, ao sagrado, ideal.

A idéia do sacrifício e do encontro está sempre presente no discurso dos ciganos peregrinos quando estes se referem à peregrinação de Santa

Sara. Tem-se como pressuposto que fazer a peregrinação, além do encontro, é uma penitência.

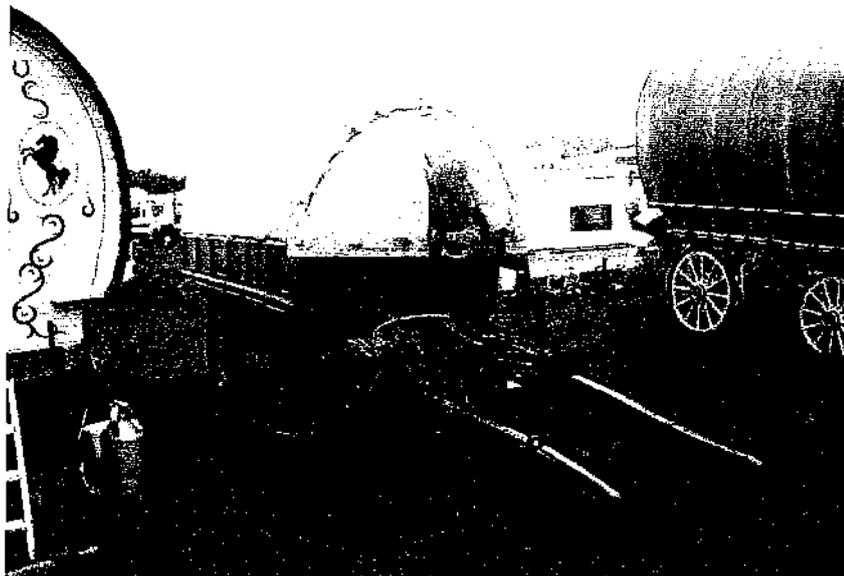
Compartilhar as orações, rezar, comer, viver em comum, fazer a viagem com peregrinos de diferentes regiões, com laços de parentesco distintos, implica um determinado sacrifício. Durante a festa, é preciso criar novas formas de sociabilidade para lidar não somente com seus parentes e amigos, mas também, com pessoas desconhecidas, de outro clã que são encaradas, muitas vezes, como um perigo em potencial.

Em Saintes Maries de La Mer, por muito tempo existiu a preocupação da Igreja em separar as dimensões consideradas sagradas e profanas da festa. Contudo, um dos traços mais característicos das festas do catolicismo popular, estava (e está) na mistura, na bricolagem, de ritos e festejos de devoção e diversão. Fernandes, (1983, p. 56), diz que:

[...] apesar dos esforços da Igreja para separar uma parte propriamente religiosa das outras, folclóricas ou das francamente profanas, para o devoto popular o sentido da festa não é outra coisa senão a sucessão cerimonial de todas essas situações, dentro e fora do âmbito restrito dos ritos da Igreja.

Nos acampamentos ciganos fogueiras são acesas, envoltas pela peculiaridade da música iniciando-se danças observadas por muitos espectadores.

Além dos ritos devocionais – orações, procissão e o banho da Santa no Mar Mediterrâneo –, os peregrinos estabelecem-se em tendas que são armadas ao longo da praia, num território comum e transformam-se em casas improvisadas.



Fotografia 56 - Carroções em acampamento cigano em Saintes Maries de La Mer. Acervo de Marcel Lovara. Maio, 2004.



Fotografia 57 - Não em típicos vurdóns, mas em modernos carros, casal improvisa sua tenda em estacionamento próximo à praia em Saintes Maries de La Mer. Regiane Rossi. Maio, 2004.

Segundo o antropólogo Roberto DaMatta (1997), nas situações normais e rotineiras, separam-se três visões de mundo complementares: o código da casa, o código da rua e o do outro mundo. No primeiro, encontramos as relações de parentesco, de intimidade, lugar propriamente das pessoas e, principalmente, da mulher; no segundo, um código regulado por leis impessoais, pelo mercado, lugar público onde as pessoas são identificadas como indivíduos; o terceiro refere-se à síntese dos outros dois, espaço de renúncia do mundo com suas dores e ilusões, que se refere aos momentos extraordinários, das festas e dos rituais.

Tendo como referência a classificação de DaMatta, no acampamento em Saintes Maries de la Mer, de um lado, reproduzem-se as mesmas atividades domésticas, cotidianas, como o preparo das comidas; de outro, e ao mesmo tempo, transformam-se essas atividades pela própria dinâmica da festa. Se as mulheres continuam exercendo as funções de donas de casa, os homens, por sua vez, interrompem o trabalho. Assim, a tradicional divisão do trabalho entre os sexos permanece, mas adaptada ao contexto festivo.



Fotografia 58 - Rotina de acampamento de ciganos em seus Vurdóns, nos dias do Ritual de Sara Kali, em Saintes Maries de La Mer. Acervo de Marcel Lovara. Maio, 2004.

As ciganas dedicam-se à leitura de mãos, a dança, aos afazeres domésticos e também confeccionam e comercializam ornamentos, lenços, amuletos de sorte com símbolos de Sara, a fim de que todo o dinheiro obtido possa ser doado à Santa e à Igreja local. Na verdade, todas as contribuições e os produtos vendidos têm mais importância simbólica do que econômica.



Fotografia 59 - Cigana na entrada do Vurdón oferece a arte da cartomancia (leitura de cartas) e quiromancia (leitura das mãos) aos não-ciganos. Sentado, cigano vende fotografias e artesanato. Todo o dinheiro arrecadado nestes dias é dedicado à igreja local, para a manutenção da cripta de Santa Sara. Regiane Rossi. Maio, 2004.



Fotografia 60- Interior do Vurdón, cigana pratica a quiromancia e cartomancia¹⁰⁸ para gadjê.¹⁰⁹ Autoria: F Marchall. Maio, 2004.



Fotografia 61 -Ciganas *Kalderash* e *Matchuara* dançam e solicitam doações que serão repassadas à igreja local. Regiane Rossi. Maio, 2004.

¹⁰⁸Todas as ciganas com 7 anos são iniciadas em um processo de aprendizagem das linhas e traços da quiromancia e só estarão aptas após 7 anos de estudos profundos, isto é, aos 14 anos. É vetada às ciganas a arte da cartomancia e quiromancia por remuneração. Somente no ritual de Sara é possível o recebimento que será doado à Igreja. A única tribo que transgride a regra é o tribo Calón, motivo este de divergência entre as Natsias Rom e Calón.

¹⁰⁹*Gadjê*: feminino de *gadjô* cujo significado na língua portuguesa corresponde a não-cigana.



Fotografia 62- Cigano *Vlax Romani* vende lembranças da Slava: copos, pratos, imagens de Santa Sara, de Santas Maria Jacobina e Maria Salomé e é auxiliado pelas senhoras da comunidade religiosa local. Regiane Rossi. Maio, 2004.

A aliança com o sagrado e conseqüentemente com Sara, existente na Slava em Saintes Maries de La Mer, permite uma multiplicidade de ações: as orações, a procissão, a peregrinação e o sacrifício. Embora a prática do sacrifício comumente associada ao passado com mortes e oferendas, ainda exista nas experiências religiosas de povos na atualidade, entre os ciganos o sacrifício está associado ao ato de peregrinar, às danças e às doações em bens ou dinheiro à igreja local.

Marcel Mauss (2005) sugere que todas as ações dedicadas ao sagrado, podem ser consideradas sacrifícios em um caráter simbólico. Assim, danças e performances rituais são expressões e manifestações para o divino: são sacrifícios, porque são comunicadores entre homens e o divino.

Romarias, procissões e peregrinações também são sacrifícios, pois como em um rito de passagem, homens e mulheres cobertos de pedidos e júbilos, retornam aos seus como peregrinos contemplados. A comunicação com o divino foi realizada.

(MAUSS, 2005, p.118)

Para os ciganos doações de bens materiais não podem ser considerados apenas utilidades, mas comunicadores com o sagrado. Steil (1996, p. 83) a esse respeito diz que: *“Assim como se podem alcançar favores materiais por intermédio de orações e penitência, também se podem alcançar graças sobrenaturais, através de doações em dinheiro”*.

2.4 - No acampamento

No acampamento, durante o dia, podem-se observar ciganas nas lidas domésticas, outras se dedicando à cartomancia, outras cozinhando – atividades comuns no cotidiano que aqui são improvisadas. Os homens realizam os serviços braçais como descarregar bagagens e mantimentos, buscar água em latões, além de comprar alguns alimentos no centro da cidade.

A peregrinação, então, não elimina propriamente as posições sociais. No tempo da festa, ao mesmo tempo em que se afirma o lugar social de cada participante, associado ao fato de ser cigano ou ser cigana, casado (a) ou solteiro (a), apresentam-se novos arranjos para as relações estabelecidas pela rotina.

Se, na festa, os peregrinos mantêm uma proximidade que intensifica as relações de intimidade e cria grupos de sociabilidade específicos, depois da intensa união que mantiveram durante a peregrinação, as famílias dispersam-se em seus países, em suas casas, acampamentos, suas relações entre clãs e diluem-se em meio a outras relações, articuladas por meio do parentesco.

O fim da peregrinação fecha o ciclo da Festa de Santa Sara e inaugura o retorno dos peregrinos às suas nações e à expectativa do retorno no próximo ano.

De forma atual, a peregrinação oferece a possibilidade para seus participantes de experimentarem um estilo de vida diferenciado e de estabelecerem redes de relações que intensificam, aglutinam e repensam as relações de intimidade/identidade e de alteridade. De um lado, há uma preservação dos laços familiares, condensando a unidade familiar até mesmo num único espaço físico das tendas (nos acampamentos). De outro, e ao mesmo tempo, há uma maior elasticidade do canal de comunicação entre redes de relações que se diferenciam no cotidiano.

A peregrinação a Saintes Maries de La Mer reúne ciganos de todas as faixas etárias, inclusive um grande número de jovens, famílias inteiras, dos avós aos netos, membros dos mais distintos clãs. Nesse grande encontro a vitalidade da cultura cigana é celebrada e renovada.



Fotografia 63 - As crianças também participam ativamente da Slava, em especial as meninas que, desde pequenas vestem-se de forma típica. A Slava de Sara é uma slava de gerações. Na fotografia, cigana e sua filha em Saintes Maries de La Mer. Regiane Rossi. Maio, 2004.



Fotografia 64- Mãe e filha do clã *Matchuara* na Slava de Santa Sara. Os ensinamentos sobre magia e religião sempre são transmitidos de mãe para filha e de pai para filho. Regiane Rossi. Maio, 2004.

A Slava de Sara Kali, apresenta-se como um espaço privilegiado para a compreensão do universo cigano e sua atualização. E, em outro prisma, para o estabelecimento de trocas entre valores e práticas distintas, rurais e urbanos. Em outras palavras, ela se apresenta como um lugar de encontro não somente entre seus atores, mas também entre visões de mundo e estilos de vida distintos, relativos aos mundos de cada clã e cada país de origem. Nesse sentido, a criação do novo, neste universo peregrino, não emerge necessariamente de uma relação estática ou passiva com a sociedade abrangente, mas de um processo interno e externo de permanência e transformação.

Em especial e de forma contundente, ressaltamos que a diversidade entre os ciganos estabelecidos por diferentes clãs não impede que haja unidade quanto ao sagrado rito. Os ciganos fazem da própria fluidez, da flexibilidade, de sua identidade um fator de fortalecimento de sua origem e credo. As várias comunidades irmanam-se em louvor a sua padroeira Sara Kali. Momento único em que a diversidade oferece espaço à unidade.



Fotografia 65- Ciganos de diversos clãs se unem aguardando a procissão de Saintes Maries de La Mer. Momento único em que a diversidade torna-se unidade entre os grupos –no sentido horário -*Sinti ou Manouch, Tchurara, Calón e Kalderash. Regiane Rossi, 2004.*

2.4.1 - De volta à narrativa...

“ São muitas lembranças, de objetos, de lugares, de práticas ainda praticadas e outras relegadas, de sentimentos, de sons, odores, são muitas... Mas, sobretudo de pessoas, das quais a memória dá um sentido de identidade e forma a identidade, não só daqueles que recorda, mas também dos que serão recordados” ¹¹⁰.

2.4.2 - Santa Sara Kali.



Fotografia 66- Imagem de madeira de Santa Sara, cuja pintura do rosto apresenta desgaste devido ao toque dos devotos. Regiane Rossi. Maio, 2004.

¹¹⁰Maria Cristina Menezes, 2001.

Karmin Garb Kalderash, 83 anos,

03/08/2002.

“Quem é esta? É nossa querida Sara! Vou contar o que meu bisavô, Miki Gard Kalderash me contava:

Antes do ano 50 depois de Cristo, uma embarcação cruzou os mares desde a Palestina, levando fugitivos da perseguição romana. Eles eram os primeiros cristãos: Jacobé (irmã da mãe de Jesus), Maria Salomé (mãe dos apóstolos Tiago e João), Maria Madalena, Marta, Lázaro e Sara, uma mulher com a pele morena, serva das mulheres santas.

A embarcação chegou às águas do mediterrâneo, na França. Sara morreu a serviço de suas companheiras de viagem e foi a primeira a acreditar em Cristo sem tê-lo visto.

Sara era uma sacerdotiza de Bel-Karrano. Ela fazia parte das virgens morenas e ela já apareceu aos ciganos em Montserrat, Negrette, Liesse, Mures, Marseille. Ela aparece aos ciganos, por isso a elegemos nossa padroeira.

Qualquer cigano que dirija suas súplicas e apelos a ela é atendido. Depois fazemos festas de agradecimentos pelas graças recebidas.

Todos os acampamentos ciganos possuem altares com a virgem morena com velas, muito incenso, frutas e alimentos.

Os restos de Sara foram encontrados em 1448 e estão na Igreja de São Miguel, na França¹¹¹, e tem também nesta Igreja um pedaço da pedra do altar onde nossos ancestrais cultuavam Bel Karrano que também é conhecido como Mitra.

Nutrimos um amor devotado e respeitoso a Sara. Bel-Karrano é generoso. Sara também, ela é a mãe universal, mas também é a sombra da morte. Sua pele é morena é da cor do cobre como a nossa, e ela devora aqueles que fazem mal aos ciganos. Ela tudo gera, ela tudo aniquila”

2.4.3 - A Festa de Santa Sara

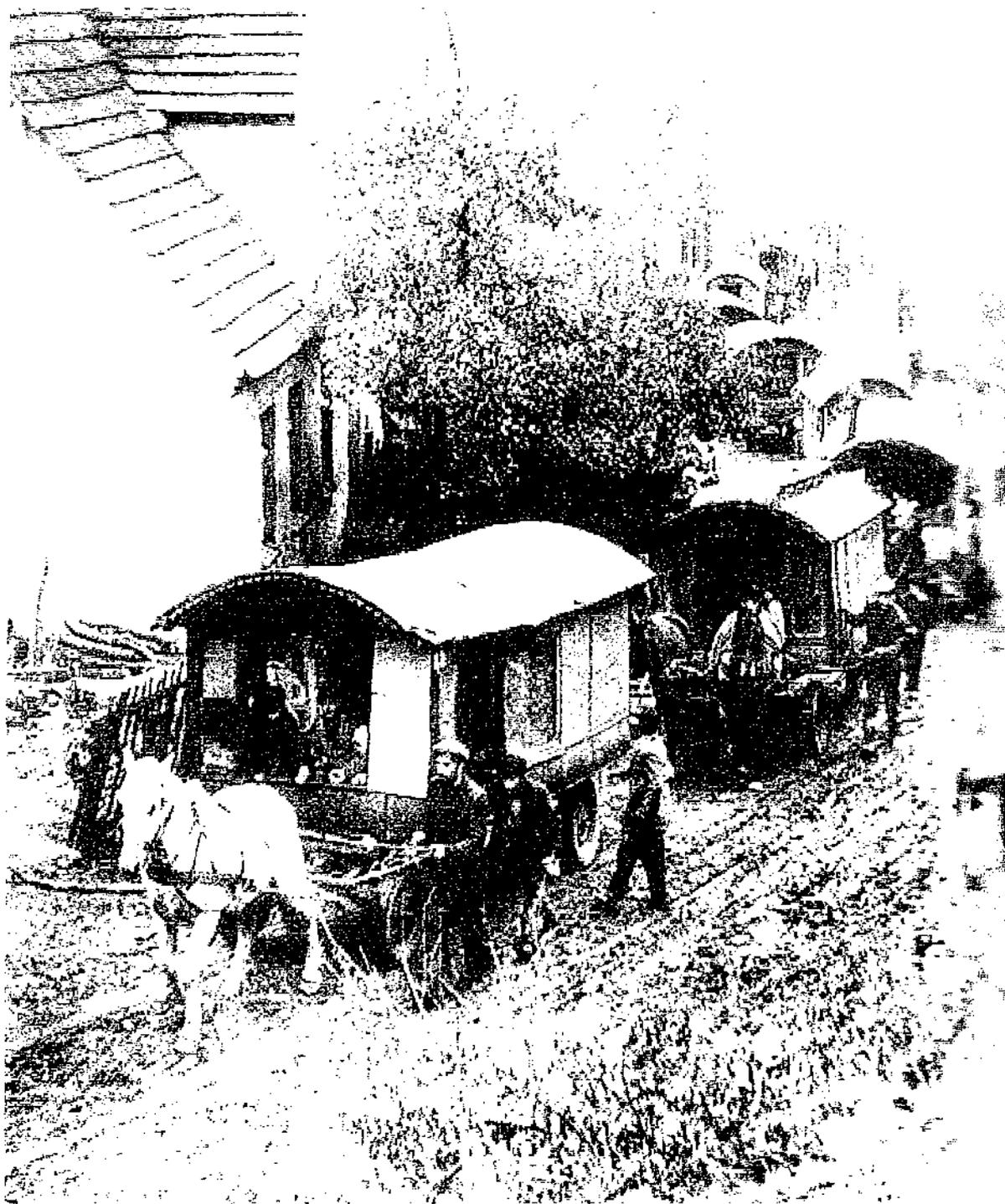
Mirko Falish Kalderash, 50 anos,

24/08/2002.

“Todos os anos, no dia 24 de maio, Saintes Maries de la Mer, que é uma cidadezinha francesa recebe mais de dez mil ciganos vindos de todos os lugares do mundo.

Sempre foi assim, íamos em grandes carroças. Hoje vamos de carros, mas olha o passado, olha aqui... íamos todos de carroça...

¹¹¹Diz a lenda que Santa Sara foi devolvida ao mar quando faleceu e seu corpo foi trazido de volta. A Igreja de São Miguel encontra-se em Nice, litoral da França.



Fotografia 67 - Vurdóns ciganos, rumo à peregrinação. Jersy Dorozynski.

Olha lá no alto a Igreja de Santa Sara. Lá está enterrado o nosso querido rei Dom Pepe.



Fotografia 68 - Cigana rumo a Saintes Maries de La Mer. Apresenta-se como viúva, pois está na condução do vurdón. As pernas de uma criança, ao lado das patas do cavalo, indiciam que a cigana conduz provavelmente seu filho. No alto a Igreja das Santas Marias, local que contém a cripta de Sara Kali. Acervo de Majur Manouch. A autoria da mesma é, por ele, desconhecida e supõe que seja da década de 30.

Aqui são fotografias antigas da Slava. Esta é do encontro de 1917:



Fotografia 69 - Encontro dos ciganos em Saintes Maries de La Mer.¹¹²Acervo de Chei Kaiderash. Sem autoria. Datação: maio, 1917.

¹¹²Como a característica da Slava é a união entre as *Natsias* e *Vitsas*, não podemos afirmar que nesta imagem contém apenas ciganos de uma linhagem. Assim, ao analisar as indumentárias, percebe-se a presença de Cigano *Sinti* ou *Manouch* (em pé, entre as crianças), característico por suas botas, grande brinco de argola e mãos dadas à sua esposa e provavelmente a sua filha. Percebe-se também a presença de ciganos *Vlax Romani*, pois são os únicos que utilizam roupas totalmente negras. Não é possível identificar a bandeira, mas aparenta ser uma bandeira *Sinti* ou *Manouch*, pois está na mão de um jovem que tem nos ombros a mão de uma cigana *Sinti* ou *Manouch*. A criança com um martelo na mão demonstra ser *Vlax Romani*, não só pelas roupas negras mas pela imposição das mãos ao alto, bem como a criança ao seu lado. Esse é um gestual de identificação desse clã que só é conhecida no interior dos códigos ciganos.

Você lembra da fotografia do campo de concentração?¹¹³ É o mesmo ritual. Algumas pessoas dizem que essa foto é de uma festa de casamento, mas não é não. É do ritual de Sara.



Fotografia 70- Ciganas *Tchuraras* em ritual comum a todas as tribos. É um ritual de nome *Hiuan*, tipicamente feminino e realizado somente em maio durante a Slava de Sara Kali, que consiste em um misto de culinária e magia no qual é evocada a ancestralidade cigana. Lumisinita Mihai.

¹¹³Vide fotografia 18, p. 74.

A dança é sagrada, é o principal modo que temos para dizer, vencemos a maldade, acabamos com o silêncio e afastamos a solidão. Dançamos para Sara.



Fotografia 71-Casal *Sinti ou Manouch* dança em *Saintes Maries de La Mer*. Essa dança é chamada *Kasgin*, isto é a dança do Júbilo. Essa dança só ocorre quando é dada a notícia da gravidez para o pai da criança. Autoria desconhecida. Acervo de *Majur Manouch*. Datação: Maio, 1979.



Fotografia 72- Ciganos *Kalderashs* dançam¹¹⁴ em Saintes Maries de la Mer. Atrás do grande muro percebem-se as cruzes da Igreja de Santas Marias. Acervo de Yan Kalderash. Datação: Maio, 1967.

¹¹⁴Essa é uma dança ritual, chamada *Baará*, que em português significa *Virada*, que consiste em uma dança com objetivo de virada do destino para os ciganos que sofrem e solicitam ajuda a Sara.

Até as crianças dançam. É o nosso futuro porque se elas não cultivarem nossa história perdemos para sempre. Sara deseja que nossas crianças continuem a Slava. Aqui elas dançam na frente do mar Mediterrâneo, esperando Sara...



Fotografia 73- Crianças Tchuraras dançam¹¹⁵ em frente ao Mar Mediterrâneo em Saintes Maries de La Mer. Acervo de Yanka Tchurara. Datação: maio, 1938.

¹¹⁵Sempre que crianças dançam os patriarcas exclamam: *Optcha!* Esse termo significa: "Eternidade". Eternidade pelo futuro cigano que sobrevive, isto é, pela história milenar cigana revivida pela infância e juventude.

Vestimos nossas melhores roupas e festejamos toda a noite. Durante o dia existem cavalgadas, corridas de touros e diversos jogos. Nestes dias transbordamos nostalgia de tempos passados quando éramos em maior número e mais freqüentes os encontros. Estes dias em que chamamos o passado, dura pouco tempo.

Temos um único objetivo: reverenciar e cultuar a Sara. Pagamos promessas e pedimos bênçãos protetoras. Sara para os gadjôs não é uma santa, aliás, é bem típico que nós, etemos forasteiros, tenhamos também uma santa padroeira que seja uma intrusa.

A estátua de Sara é de madeira negra e tem uma tiara de ouro e seu manto cor de rosa fica numa cripta fora da igreja local, pois como os gadjôs não consideram santa, sua imagem não pode ser exibida em solo consagrado da igreja.

Nós passamos a mão no rosto da Santa, já desgastado pelo toque, alguns deixam os sapatos aos pés da imagem, outros deixam rosas, fotos e oferendas.

A imagem no dia 24 passa pela lavagem no Mar mediterrâneo”.

2.4.4 - Dia 24 de Maio

Chei Gian Kalderash, 72 anos, 25/08/2002.

“Na madrugada do dia 24, acendemos uma grande fogueira, todos os ciganos devem neste dia vestir roupas que contenham tons dourados e

avermelhados,¹¹⁶ as mulheres devem usar no corpo ou cabelo, uma rosa. Velas devem ser acesas no interior da cripta onde está nossa amada padroeira Santa Sara. Rezamos:

Manglimos Katar Santa Sara Kali

Tu Ke San Pervo Icana Romli Anelumia

Tu Ke Biladiato Le Gajje Anassogodi Guindiças

Tu Ke daradiato Le Gajje, Tai Chudiato Anemaria

Thie Meres Bi Paiesco Tai Bocotar

Janes So Si e Dar, E Bock, Thai O Duck Ano Ilô

Thiena Mekes Murre Dusmaia Thie Açal

Mandar Thai Thie Bilavelma

Thie Aves Murri Dukata Angral O Dhiel

Thie Dhiesma Bar, Sastimôs

Thai Thie Blagois Murrô Traio

Thie Diel O Dhiel.

Minha doce Santa Sara Kali

Tu que és a única Santa Cigana do Mundo,

Tu que sofrestes todas as formas de humilhação e preconceito,

Tu que fostes amedrontada e jogada ao mar,

Para que morresses de sede e de fome.

Tu que sabes o que é o medo, a fome, a mágoa e a dor no coração.

Não permitas que meus inimigos zombem de mim ou me maltratem.

¹¹⁶As cores são extremamente importantes dentro do vestuário e indumentária cigana. As cores vermelha e amarela, simbolizam a pureza na cultura cigana, o vermelho por ser a cor do sangue vincula-se a tudo o que é puro e a cor do ouro e do Sol, é sempre valorizada em trajes ou adereços amarelos.

Que Tu sejas minha advogada perante Deus

Que Tu me concedas sorte, saúde, paz e que abençoe a minha vida.

Amém

A aura da cripta fica mágica, de uma vibração intensa que pode ser percebida até pelos não-ciganos que espiam nossa devoção.

Nossas músicas, nossas danças e orações prosseguem até às quinze horas da tarde do dia 24, quando colocamos a santa em um andor e a conduzimos em procissão até o mar de Saintes Maries de La Mer. A imagem vai pelas ruas protegida pelos cavaleiros ciganos.

É engraçado que padres católicos acompanham a procissão e rezam em uma língua desconhecida, acho que é o que eles chamam de latim, e a reza se mistura com nossos sons, nossas músicas com castanholas.

O andor de Sara é carregado por sete ciganos e quando chega à praia todos entram nas águas do mar até a cintura e Sara, de cima de seu andor, pode rever, pelo menos uma vez ao ano, o mar. Nesse momento ela está viva e contempla o mar e o horizonte, nesse momento todos se calam, respeitando o olhar de Sara, que sai da caverna subterrânea de uma igreja, para ver a luz do Sol, sentir o vento e, com saudades, as águas do mar.

Em seguida a procissão faz o caminho de volta, retornando Sara à sua cripta onde prosseguem a visitação, as orações e oferendas.

Acredito que os não-ciganos, dias após a procissão, ainda sintam o clima de encantamento e devoção que toma conta de sua cidade. Talvez

muitos não compreendam a nostalgia que abraça essa festividade. “É a saudade dos ciganos que partiram deixando para trás a imagem de sua adorada santa”.

2.5 - A Slava no Brasil

Que a tradição cultural cigana seja perpetuada com tudo o que lhe é de direito: esse é o principal objetivo da Slava de Sara Kali realizada no Brasil.

Todos os anos em Santos, litoral do Estado de São Paulo, Brasil, são retomados os rituais de Sara, nos mesmos dias 24 e 25 de maio. Isso não exclui dos ciganos o compromisso da participação em algum momento de sua vida, na Slava em Saintes Maries de La Mer, França. A Slava em Santos é uma forma de transmissão da prescrição cultural cigana, em especial por ser o único momento de união entre as diversas Natsias e Vitsas. É um fenômeno religioso capaz de ligar os ciganos através da solidariedade religiosa devotada a Sara Kali.

Na noite do dia 24 de maio, os ciganos reúnem-se e inicia-se o ritual com uma oração à Sara Kali.



Fotografia 74- Cigana Estrela do clã *Matchuara* faz oração à sua padroeira e é observada por ciganos de diversos clãs que irmanados rendem graças a Sara Kali. Maio, 2006.

Cumpre-se o objetivo da Slava, que além do fervor e reverência a Sara, integram tribos e perpetua-se a memória e o mito.



Fotografia 75 - Ciganos de diversas *Natsias* e *Vitsas* de mãos dados rezam na Slava de Sara Kali. Esse momento conta também com a presença de diversos *gadjôs* e *gadjês*. Maio, 2006.

Após as orações iniciam-se as danças rituais:



Fotografia 76-Cigana *Lovara* dança no círculo das 7 ciganas. Ritual no qual cada tribo pela dança louvará Sara Kali. Maio, 2006.

Após a dança das ciganas realiza-se uma dança ritual na qual somente homens participam e, em fila, oferecem chamas à Santa Sara.



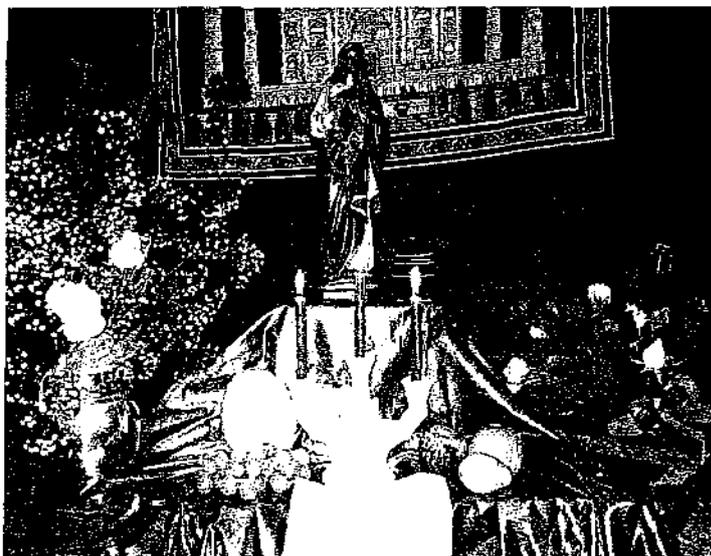
Fotografia 77- Homens de diversas tribos em dança circular que simboliza o retorno dos tempos. Maio 2006.

Assim como em *Saintes Maries de La Mer*, na Slava brasileira os dotes de cartomancia e quiromancia também são colocados em prática e as doações recebidas são oferecidas à organizadora da Slava, para manutenção da mesma.



Fotografia 78 Cigana *Lovara*, cartomante, atende gadjô na festa de Santa Sara. Maio, 2006.

A imagem de Sara fica em um altar com objetos simbólicos que lhes são dedicados: três velas azuis, rosas brancas e vermelhas, frutas tropicais



Fotografia 79 Altar de Sara Kali, na Slava do Brasil. As três velas azuis são dedicadas a Bel Karrano, à mãe Lilith e à Santa Sara. As rosas brancas e vermelhas clamam paz e pureza e retidão de ações Maio, 2006.

No dia 25 de maio, logo pela manhã, não em *vurdóns*, mas em carros, inicia-se a carreata à praia, para se completar o ritual de Sara.



Fotografia 80 Estrada para Santos. No primeiro carro da carreata encontra-se a imagem de Sara que é seguida pelos demais automóveis. Maio, 2006.

Sara chega às ruas da cidade...



Fotografia 81- Sara sobre um carro desfila pelas ruas de Santos. Maio, 2006.

... e é reverenciada em palco improvisado na praia onde são retomadas as orações e louvores.



Fotografia 82 - Ciganas *Kalderash* (de azul), *Sinti ou Manouch* (saia branca e azul), *Calón* (saia laranja), *Matchuara* (saia vermelha e dourada) e *Vlax Romani* (saia preta e vermelha) louvam Sara em palco improvisado na praia de Santos. Ao fundo os guardiões de azul, são ciganos *Kalderashs*.. Maio, 2006.

Sara é conduzida para o banho no mar e seus mantos são recolocados...



Fotografia 83 -Após o banho, os mantos oferecidos por devotos como agradecimento pelas graças recebidas são recolocados na imagem. Maio, 2006.

... e assim completa-se mais um ritual de Sara no Brasil, com o intuito da vivificação de um mito e da integração entre diversas tribos, o que na verdade, para muitos ciganos é o verdadeiro objetivo da Santa nestes dias: que seus devotos unidos possam se re-ligar pela solidariedade de valores, crenças e práticas transmitidas e assim, manter a memória na construção da identidade cultural cigana.

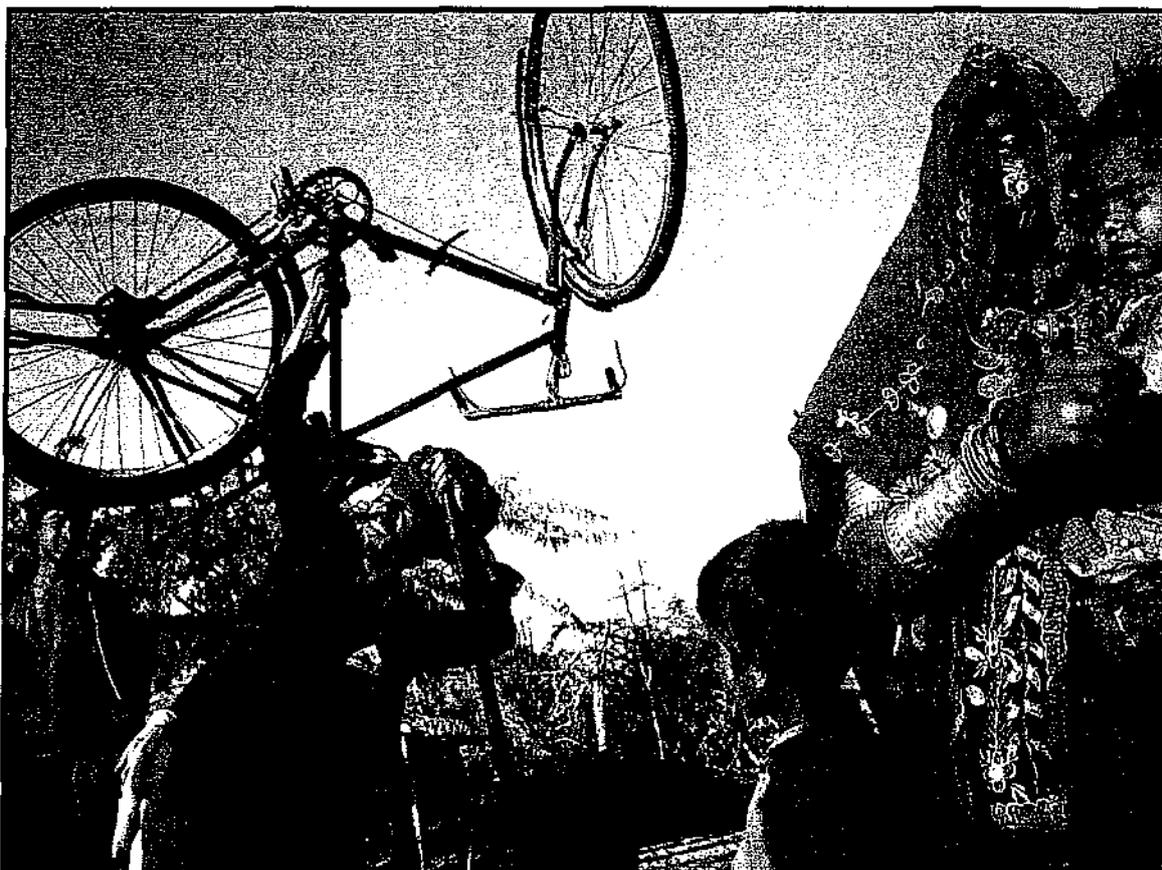


*Farol do meu caminho! Facho de Luz! Paz!
Manto Protetor! Suave conforto. Amor! Hino
de Alegria! Abertura dos meus caminhos!
Harmonia! Livra-me dos cortes. Afasta-me
das perdas. Dai-me a sorte! Faz da minha
vida um hino de alegria, e aos seus pés me
coloco, minha Sara, minha Virgem Cigana.
Toma-me como oferenda e me faz de flor
profana o mais puro lírio que orna e traz
bons presságios à Tenda. Salve! Salve!*

Salve!

TERCEIRO CAPÍTULO

A MEMÓRIA CORPORIFICADA



Fotografia 84 - Família *Tchurara* em acampamento em Vigazzio, Itália, no ano de 2004. A cigana *Tchurara* procura manter a memória de sua raiz hindu. Toda a tradição da vestimenta feminina contrapõe-se ao vestuário simples e atual do cigano. A mulher utiliza diversificados adereços, com o intuito de reativar todos os sentidos ciganos. Os enfeites e adereços procuram agradar a Bel Karrano. Enfeites faciais objetivam o domínio da magia. As ciganas *Tchuraras* não usam lenços, usam véus de proteção. Imagem cedida por Suzana Mianchi.

As sociedades ou grupos, como os ciganos, que têm na tradição oral sua principal fonte de manutenção da memória inscrevem em seus corpos suas memórias, porque o corpo representa lugar e temporalidade. Desta forma, o corpo-documento como relatou Tavares (1984, p. 42), pode ser entendido

“... como sendo a memória motora, a própria documentação escrita, só que pelas indumentárias, pelos gestos e movimentos corporais”.

Assim entendemos o corpo como documento e fonte de informações. A própria existência da vestimenta e dança cigana, resistindo ao longo do tempo, é uma prova desta memória corporificada. Dentro de uma situação de alta dramaticidade como a escravidão, a perseguição da inquisição e do nazismo, os povos ciganos agregaram aos seus corpos estratégias de manutenção étnica, resistência e a busca da liberdade em um sentido simbólico.

As vestimentas e danças ciganas, mesmo hoje, continuam buscando manter uma identidade de raiz, revivem pela utilização de adereços e pelas movimentações corporais a memória de seus ancestrais com os quais não conviveram, mas que se reconhecem como pertencentes a uma mesma história, sem dela terem compartilhado efetivamente.

O corpo passou, portanto, a ser lugar de arquivamento de uma memória coletiva¹¹⁷. E, por se tratar de ciganos, a ótica do próprio povo assume um caráter da maior importância, visto que se trata de um povo, como já dito, de tradição oral. Neste sentido é fundamental se destacarem as histórias do povo contadas/representadas por eles mesmos, não só por refletirem essencialmente a sua tradição, seus costumes, sua cosmovisão, mas também por ditarem normas de comportamento para os que as compartilham: são os mais velhos – a sabedoria cigana - passando o seu verdadeiro ouro aos mais jovens e, assim, de geração em geração.

¹¹⁷Sobre memória coletiva vide Halbwachs (1968), Pollack (1989), p. 09, 10 e 11 deste estudo.

Perceberemos neste capítulo, uma das mais belas expressões da história cigana, pois pelo corpo e pela memória oral vivificam um passado longínquo que se manifesta pela transmissão geracional de pais para filhos. Esses relatos tornaram-se substrato para a compreensão deste capítulo, pois como afirma Halbwachs (1968, p. 119):

Como sociedades ágrafas poderiam resistir, subsistir, tomar conhecimento de si mesma, se ela não considerasse um conjunto de acontecimentos do presente e do passado, se ela não pudesse reconstruir o curso do tempo e recuperar incessantemente os traços que deixou de si mesma?

Assim, fundamentalmente conheceremos o grande trunfo da condição cigana para a sua sobrevivência – seu corpo e sua memória - uma vez que por esses dois elementos puderam subverter várias situações que o contexto desfavorável lhes oferecia.

O corpo e a memória foram grandes trunfos para a sobrevivência da condição cigana frente as mais díspares circunstâncias. Criaram-se, recriaram-se, dançaram e sobreviveram - e a sobrevivência foi a realização mais duradoura, o grande evento da história cigana:

O dançarino é um espírito saltimbanco, carrega consigo o sonho, e com isso nos faz sonhar. Carrega nossos mitos, nossa subjetividade, e a

expressa conosco. Lembra-nos das performances, numa noite, onde espectadores e dançarinos compartilhavam o mito, ao sabor de uma fogueira, e cantavam e dançavam todos juntos. Esta era se foi, mas como vimos seu espírito não se perdeu. (Barba, 1985, p.102).

3.1 - "O CÉU É MEU TETO, A TERRA MINHA PÁTRIA, A DANÇA MINHA RELIGIÃO"¹¹⁸



Fotografia 85- Dança Circular *Geratriz*. Pelos movimentos corporais cigana *Kalderash* agradece o dom da vida e da liberdade.

¹¹⁸Provérbio cigano proferido ao término de toda festa cigana, nas quais se incluem as danças rituais.

O som do violino corta a noite. Ele acorda os espíritos ciganos que vêm da Espanha, onde moram em castelos de pedras ou nas praças de touros. Pandeiros, palmas, castanholas, cânticos de amor e ciúme, apologias de liberdade e lamentos dos sofrimentos desse anoitecer nas moradas ciganas. Saias vermelhas, xales negros, pulseiras prateadas como a Lua - Deusa de todos os ciganos. E, enquanto aumentam os cantos e se esquentam as dançarinas em torno da grande fogueira, vão os ciganos resgatar a poderosa e eterna magia das tribos – a dança cigana para reviver e ensinar pelos movimentos dos corpos tradições milenares desconhecidas no mundo gadjô¹¹⁹. O patriarca da tribo inicia um canto como este de autoria desconhecida:

Canta violino, bate com o pé descalço no chão, povo cigano, que é a sua noite e, suas são todas as estradas. E, entre moedas de ouro e talismãs de prata, ao cair das cartas do Tarô, ao tilintar dos pêndulos, mostremos nossa força védica dos Kalderahs. Dancemos, envolvendo a fogueira, reavivando nossa dança na esfinge de Gisé, nos castelos da Espanha, nas feiras portuguesas e nas capitânicas hereditárias no Brasil. Relembremos também muitos dos nossos condenados à fogueira, como bruxos, queimados à fogueira, acusados de andar voando em vassouras.

¹¹⁹Prosa do Lamento, de autoria desconhecida, proferida em festas ciganas.



Fotografia 86 - Dança da *Conservação*: cigana *Kalderash* em ritual cujo centro afetivo é Lilith, a mãe de todos os ciganos, 2005.

A dança cigana consiste em uma seqüência de movimentos corporais sinuosos, executados com passos cadenciados, ao som e ao ritmo da música flamenca¹²⁰. Tecnicamente esta dança possui movimentos-forma bem definidos, que vão desde a realização de deslocamentos que lembram o desdobrar-se das serpentes, até a inserção de movimentos de ballet clássico e formas geométricas presentes na natureza.

Primordialmente, as danças ciganas e, em especial, as ritualísticas têm no corpo o local da expressão divina.¹²¹ Para os ciganos, Deus é multifacetário, de modo que se manifesta através das “faces da eternidade”, ou seja, mitologicamente. Como Deus é, para os ciganos, a personificação dos fenômenos naturais, a relação com a natureza é (al)química. Enfim, “(...) as

¹²⁰O termo flamenco é derivado das palavras árabes “fallehu” e “mengu”, que significam nômades, errantes, sem posse de terras. A sociedade espanhola associava tais palavras aos ciganos, ao seu estilo de vida e, principalmente, ao seu ritmo musical.

¹²¹Todas as danças ciganas, mesmo as danças festivas, apresentam vínculo com o sagrado. Nem todas objetivam a prescrição de uma tradição cultural, ou revivem um mito de origem, mas inevitavelmente, pelas danças, solidificam-se memórias e as práticas corporais ciganas dão sentido à festa.

danças rituais são instrumentos de manutenção das tradições e poderosos pontos de união entre os membros do clã e as divindades, ou seja, a própria natureza".¹²²

Rudolf Laban¹²³ (1978) analisa o movimento humano como uma "arquitetura viva", na medida em que este ocorre no espaço, criando formas e caminhos, mudanças de relações e lugares.

Para Laban o homem expressa as emoções através do movimento de seu corpo, ou seja, o movimento gerado pela dança é a manifestação exterior de um sentimento interior. E acrescenta que é "*... na dança, pelo movimento que o homem atinge a harmonia total entre corpo e alma*" (1978, p. 67).

A dança, para este autor, é uma via relevante e estimulante para explorações sobre a natureza simbólica e lingüística do movimento, assim como para a (re)representação e (re)construção de memórias corporais e história social de povos e comunidades.

Sob esta ótica podemos compreender o texto corpóreo que os ciganos executam no ritual da dança. Victor Turner contribui de maneira significativa para um melhor entendimento sobre as discussões no âmbito ritual, em especial, o ritual como performance. Segundo Turner (1968, p. 67) "*... o conceito de performance tem se revelado, no decorrer dos anos cada vez mais adequado ao*

¹²²Citação de Salma Kalderash, 2002. As danças rituais ciganas serão explicitadas e aprofundadas, pelos próprios ciganos, ainda neste capítulo.

¹²³ Dançarino, coreógrafo, considerado como o maior teórico da dança do século XX e como o "pai da dança-teatro". Dedicou sua vida ao estudo e sistematização da linguagem do movimento em seus diversos aspectos: criação, notação, apreciação e educação.

estudo dos povos de tradições orais, na medida em que propõe a observação dos fenômenos culturais em uma perspectiva múltipla”.

Através do processo de performance, estabelecido por Turner, o contido ou o suprimido revela-se no ritual. As performances rituais privilegiam o fazer e o agir, reforçam o contexto, admitem o imponderável e a mudança.

John Cowart Dawsey (1997), baseado neste autor, afirma que existe a presença de uma estrutura processual de performance ritual que compreende que as imagens de experiências do passado são evocadas e delineadas; que emoções são associadas a lembranças do passado e revividas; que numa relação corporal, o passado articula-se com o presente, tornando possível a descoberta e a construção de significados; e por fim que a experiência ritual se completa através de uma forma de expressão, uma performance.¹²⁴

Eugênio Barba¹²⁵ (1985) enfatiza que o estudo da performance combina antropologia, artes performáticas e estudos culturais, usando lentes interdisciplinares para examinar um conjunto de atos sociais: rituais, festivais de teatro, dança e outros eventos ao vivo. *“Performance é étnica e intercultural, histórica e atemporal, estética e ritual, sociológica e política. Performance é um modo de comportamento, um tipo de abordagem da experiência humana.”* (1985, p. 45). Barba aponta para os modos em que as estruturas dramáticas envolvendo rupturas, crises e possíveis transformações de universos simbólicos se manifestam em rituais de passagem e conflitos sociais.

¹²⁴Performance deriva do francês antigo, parfournir, isto é “completar”, “realizar inteiramente”. Refere-se ao momento da expressão.

¹²⁵ Diretor de teatro italiano e figura central no teatro mundial e na antropologia teatral.

A antropologia deste autor enfatiza a presença da teatralidade nos rituais performáticos. *"... dentro de uma perspectiva simbólica comportamentos biológicos e culturais do homem são desenvolvidos em uma situação de representação, como um rito de transgressão e seu estágio liminar, ou seja, como um rito de passagem"* (1985, p. 46).

A performance, sob este enfoque é realmente uma arte de transformação do modo de saber e de sentir das pessoas ou comunidades envolvidas no ato performático. O resultado da performance é sempre estimulante e revigorante e, muitas vezes, também, uma experiência dramática à comunidade envolvida.

O drama social conceitualizado pelo historiador e filósofo romeno Mircea Eliade (1958) é outro aspecto importante ao se analisar a dança cigana. Tendo em vista que a antropologia da experiência aponta para a compreensão dos rituais como "unidades de observação" e "experiência concreta", permite relacionar processos históricos, culturais e sociais em um acontecimento dramático, que são os rituais performáticos. Nesta perspectiva, por meio da performance do ritual, especificamente da dança cigana, ocorre a atualização de experiência de eventos passados, que ao serem dramatizados os ativam e os re-vivificam, colocando a experiência em circulação, estabelecendo uma relação com os mitos de origem, as imagens e idéias que fazem um corpo mover-se.

O mito, para Eliade, constitui a tradição de um povo e é continuamente recriado nos rituais performáticos. Unidade de Observação das memórias de experiências passadas tornadas referências vivas para o presente e futuro. Os

mitos, nos rituais dramáticos, se reafirmam e se transformam dialogando com a história.

Regina Muller (2000) compactua com este pensamento ao afirmar que no rito performático - no qual se inclui a dança - a cultura não somente se expressa, mas também dialoga sobre sua condição. Não é uma comunicação unidirecional, mas sim reflexiva. Assim, para Muller, o rito está localizado em um processo de socialização onde são acionados diversos meios de comunicação, tais como música, dança, artes visuais, representação cênica e aspectos lingüísticos (narrativa mítica ou outras expressões verbais).

Sob este enfoque podemos inserir as danças ciganas, uma vez que Muller afirma que o momento do ritual serve para reelaborar os valores e tradições culturais em um presente com vista a um futuro. Nesse processo, a sociedade cigana se coloca historicamente. A performance expressiva do ritual reflete a sociedade cigana e a apresenta como se fosse um metacomentário.

As danças rituais ciganas evidenciam um processo de transformação e continuidade cultural. Também um processo de *"... produção de sentido que expressa a experiência vivida, nos quais as danças rituais são estruturas de experiência que integram aspectos cognitivos, afetivos e volitivos"* (MULLER, 2000 p.189).

Desta forma contextualizada, a dança cigana sonha o passado e dança o futuro através de uma experiência que se liga ao afeto, à experiência e ao

sagrado, providenciando um manancial para se compreender o corpo como memória das leis e códigos da cultura cigana.



Fotografia 87 -Ciganos *Kalderashs* dançam o Rito *Geratriz* e *Conservação* em honra a *Lilith* e *Bel Karrano*. O homem representa *Adão* e a mulher representa *Lilith*.¹²⁶ 2005.

3.2 - “UM GRITO QUE ECOA NO TEMPO E NO ESPAÇO”.

Angelin Kalderash. Patriarca da tribo Kalderash. 13/08/2005.

Retornando às narrativas como fonte inesgotável de informações, perguntou-se ao patriarca da tribo Kalderash. “O que é dança?” A resposta originou o presente subtítulo.

“A dança? A dança de nosso povo é um grito. Um grito que ecoa no tempo e no espaço. É arte, ritual e diversão. É uma das principais formas de

¹²⁶Nesta dança percebe-se claramente a representação cênica abordada por Eugênio Barba e também citada nas pesquisas de Regina Muller.

aproximação dos Deuses. Demonstramos a nossa religiosidade por meio da dança. O cigano tem dificuldade em exprimir seus pensamentos por palavras.

Ainda hoje, diante da fogueira, o som do violino, nos faz viajar no tempo e nos transporta ao lamento das fogueiras e aos campos de extermínio. Esse fogo aponta força e lamento. O fogo traz luz, consciência e sabedoria.



Fotografia 88 -Típica fogueira cigana, utilizada em festas e rituais. Para cada ritual a fogueira cumpre um significado. Momentos alegres, o fogo representa vida e em momentos tristes e, de reflexão, retoma-se o fogo como lamento e memória dos tempos de dor. Mas em ambos os casos trazem sabedoria e consciência, 2005.

A dança cigana atravessou séculos, entre a clandestinidade e as perseguições. Foi duramente combatida pela Igreja católica e dizíamos que alegraríamos os gadjôs. Só assim permitiram que disfarçássemos a realidade da dança. Até hoje. Essa é uma dança ritual, mas os gadjôs que assistem não

sabem o significado dessa roupa que representa o casamento, mas eles não estão casando, é a afinidade. Azul e Vermelho. Céu e fogo”.



Fotografia 89-Dança ritual *Geratriz*. Nesta dança busca-se sentimento de equilíbrio das forças da natureza. Os dois maiores elementos da natureza: Céu (ar) e Fogo se encontram e trazem equilíbrio e prosperidade a todos os que a assistem. Regiane Rossi, 2005.

Nós já nascemos impregnados pela música...



Fotografia 90 - Crianças ciganas tocam instrumentos e dançam ao lado do Vurdón em acampamento. Acervo de Miuni Semioch. Sem autoria. Datação: 1939.

Quando deixamos o Egito e a Índia, passamos pela Pérsia, Turquia e Armênia, chegando até a Grécia, e lá ficamos por vários séculos antes de nos espalharmos pelo resto da Europa. Na nossa dança, há traços hindus, russos, romenos, árabes e, no último século, predominantemente, espanhóis. Gostamos do flamenco. O flamenco não influenciou a música e dança cigana. A Espanha que se utilizou do nosso ritmo. Mas na música cigana, algumas tribos conservam a tradicional música e dança húngara, com forte presença do violino. Quanto ao flamenco, o som das palmas e castanholas espanta a negatividade.

Os ritmos ciganos são geralmente acompanhados de palmas e sapateados, ao som de guitarras, violas, violinos, acordeões, címbalos, castanholas e pandeiros, o que nos dá uma grande alegria. A dança é sedutora. Dependendo do grupo de origem, as ciganas podem dançar portando objetos como pandeiros ornamentados com longas fitas coloridas, lenços esvoaçantes, leques ou flores, roupas bordadas.



Fotografia 91- Cigana Kalderash dança em festa de Sara Kali.. Maio, 2006.

O homem, quando dança com a mulher, apenas reforça a presença feminina, protegendo-a. Não há toques. Nenhum contato físico entre os pares. Em grupo, os homens preferencialmente dançam reunidos, em movimentos com passos marcados.



Fotografia 92 - Ciganos Matchuaras dançam o Rito Geratriz e Conservação em honra a Lilith e Bel Karrano. O homem representa Adão e a mulher representa Lilith, 2005.

A dança cigana é arte de muitos séculos. Com seus rituais e mistérios nos aproxima de Deus e permite demonstrar o amor que sentimos pela vida e pela liberdade”.



Fotografia 93-Ciganas *Kalderashs* dançam na praia em Saintes Maries de La Mer, França. Autoria: J F Brook. Maio, 2004.

3.2.1 - As danças rituais

Wladimir Kalderash, 68 anos, 05/05/200).

Vou falar até onde me é permitido. Vou falar por que é para você que é cigana, para outros nós não falaríamos. Você tem autorização para divulgar o que eu disser. Então você bem sabe que a dança é espetáculo para os gadjôs, mas para nós é religião. É sagrado. É nossa união com Deus, então vou escolher algumas fotos e vou falando...

A dança é uma criação em movimento, a dança cigana conserva ainda hoje o mesmo significado que possuía nos tempos dos nossos ancestrais: os ciganos antigos e os ciganos da atualidade buscam atingir, através do aprofundamento da consciência, o contato com as forças superiores do universo. As danças rituais buscam agradar ao criador, o conservador da vida que simboliza a eterna transformação do universo.

A dança ritual nasceu de nossos ancestrais que a partir da ligação com Bel Karrano e Lilith gerou um movimento primordial, um gesto. Essa criação nós chamamos de uma dança Geratriz.¹²⁷

¹²⁷Vide fotografia 84, p.172.

A origem do mundo é o sopro divino, a voz, o alento de vida, a palavra que designa o nome das coisas, dando-lhes identidade e resgatando-os do caos. Nosso povo tem uma filiação corporal e espiritual com o criador. Então, espírito, respiração, alento, alma, sopro universal. Reproduzimos em uma dança a vivência pessoal da criação do mundo. A dança do Deus Bel Karrano, tem o objetivo de induzir a vivência da criação desde a semente primordial ao triunfo do amor, despertando em cada um de nós a exaltação à vida.

É uma dança de devoção e de agradecimento. Essa dança tem a base primordial que parte dos cinco elementos que são: a água, a terra, o fogo, o ar e o éter. Cada um destes elementos tem movimentos específicos na dança que os simbolizam.

De modo geral, o ar é dançado com os movimentos de véus; a água recebe ondulações de mãos, o movimento da sereia, o parto; a terra vem com o movimento de representação do crescimento de uma árvore; o fogo é representado por movimentos de serpente e ondulatórios de quadril ou pela roupa vermelha se algum homem faz parte da dança.

Nesta fotografia, cigana busca a energia da vida que é dada pelo fogo para realização do ritual da dança Geratriz.



Fotografia 94 - Diante da fogueira ciganos concentram-se, clamam a energia do fogo para dar início ao ritual da dança Geratriz. Lucy Kalderash, 2005.

Na próxima fotografia as ciganas dançam com as cores da vida. O vermelho do sangue, do fogo e o amarelo do Sol e nas fitas do pandeiro todas as cores que trazem alegria a todos nós.



Fotografia 95 - Após a concentração ante a fogueira, ciganas dançam o ritual Geratriz. Acervo de Lucy Kalderash, 2005.

Lilith é a deusa da conservação dos ciclos ciganos. Representa a força que conserva a vida e o universo. É a beleza do permanente, que gera segurança e confiança. A Dança da Conservação é uma dança noturna e ao anoitecer a lua aparece na escuridão e aí notamos se é possível pela estabilidade das estrelas no firmamento realizar a dança. Os ciganos já falecidos neste momento habitam em nós. Sentimos grande felicidade.

A Dança da Conservação induz a profunda necessidade de movermos dentro de padrões de estabilidade, com referência a um centro afetivo de Lilith. É a dança que conserva o amor, o cuidado do amor íntimo da vida e do lar, guardar o fogo dentro de nós, permanecer no êxtase do cotidiano, ligados à lua, dar a vida à solenidade necessária para fazer dela um lar de crescimento e maturação.

A dança de Lilith está cuidadosamente estruturada para induzir ao estado de serena harmonia, estabelecendo os eixos dentro de um sistema que proporciona equilíbrio ao nosso corpo, de nossa família e de nosso povo. Utilizamos a força animal. Normalmente enfeitamos um cavalo e ele nos acompanha nos ritos. Os cavalos representam a nossa força e gosto pela liberdade. Agradamos dessa forma Lilith.

Não sei se os gadjôs conhecem Lilith. Essa é a imagem de Lilith. Coloque no seu trabalho estas fotos. Na primeira imagem Lilith está com os punhais de proteção aos seus filhos ciganos E na outra a Lua que dá os poderes da vidência.

A fogueira ao fundo que é fonte de magia e de vida e pela bola de cristal sente-se feliz com o nosso comportamento.

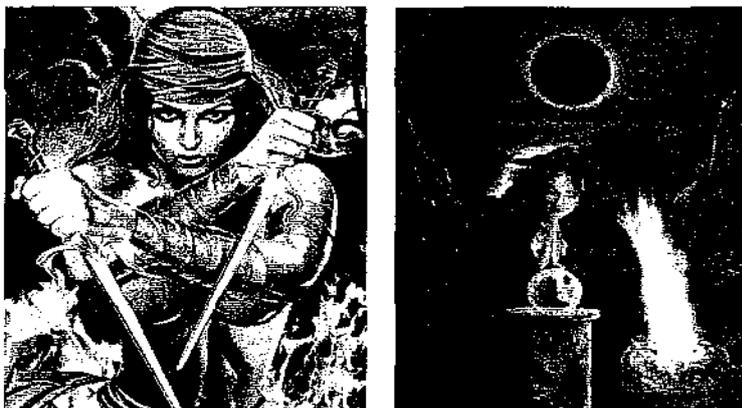


Figura 7 e 8- Representação de Lilith. Autoria desconhecida. Sem data.



Fotografias 96 e 97- Dança Ritual da *Conservação*. Na foto 101 cigana espectadora reage ao movimento do rito. E na fotografia 102 o cavalo representando a força animal e a liberdade cigana, 2005.

Buscamos o equilíbrio, mas sabemos que mudanças ocorrem e Lilith também reconhece as mudanças, tanto que onde habita- a Lua - está em constante transformação: assim também é a nossa vida.

A Lua é a personificação da dança e das transformações, simbolizando a eterna mutação do universo, que consiste na cíclica destruição e criação. O processo é a morte e a ressurreição, eterna renovação da vida. A Dança ritual da Transformação é realizada diferente das outras, durante o dia. Mas deve ser um dia claro e de muito Sol. Dentro de nós mesmos, a ação da Lua seria a de morrer para nosso velho corpo e renascer a um novo ciclo da vida. Claro e iluminado. A dança tem por tema a atividade da eterna transformação.

São cinco as atividades divinas da Lua:

- *O ritmo de mudança do universo.*
- *A conservação, baseada no equilíbrio e na medida dos movimentos.*
- *A destruição das formas já superadas, mediante o fogo interior.*
- *A eterna renovação.*
- *A encarnação da vida.*

Chama a atenção que a deusa e mãe de todos os ciganos, Lilith seja, ao mesmo tempo, a deusa da conservação e das mudanças. Os passos da dança induzem as mudanças. Os pés e não as mãos são essenciais nessa dança. Serão passos que suavemente pisarão na maldade, esmagando lentamente a crueldade. A dança total completa a vitória sobre as forças da destruição. Levantar os pés para o alto em movimentos suaves representa o equilíbrio e o impulso de ascensão. A dança simboliza a criação e a

destruição cíclica do mundo... A dança de Lilith é um movimento que destrói para gerar o processo de criação.



Fotografia 98,99,100,101 -Seqüência de passos da Dança Ritual da Transformação. Sérgio Kalderash, 2006.

Para cada momento de morte e recriação existe uma dança. Temos o nascimento – a vida - depois, a menarca, quando morre a criança e nasce a mulher, a dança do enlace- quando morre a filha e nasce a esposa e a dança do luto que é a morte nesse mundo mas o nascimento junto a mãe Lilith e Bel Karrano.

3.2.1.1- A Dança da Vida

Teríamos que falar por longo tempo para poder explicar o significado desta dança. Cada cigano que nasce é uma poesia, somos sócios de Bel Karrano que nos dá mais uma alma para compartilhar os conhecimentos ciganos. Recebemos essa sociedade com muita alegria. E por isso dançamos, e cada dança manifesta a Bel Karrano que aceitamos aquela alma. A Dança da Vida, como ela é chamada, possui atitudes e movimentos que têm sua origem num simbolismo muito antigo. Na realidade, esta dança representa uma cerimônia ritual cuja origem se perdeu nas névoas do tempo, mas continuamos com essa tradição como agradecimento a Bel Karrano.

As mulheres dançam com roupas brancas. O ritmo constante como a batida do coração reproduz o novo coração que bate. A pulsação se mantém através do ritmo e da misteriosa linguagem das que dançam. Naquele momento não nasceu somente uma criança, mas também nasceu uma mãe.



Fotografias 102 e 103-Cigana dança o *Ritual da Vida*, 2005.

3.2.1.2 - A Dança Menarca

Mais do que uma dança ritual festiva, essa dança representa a morte da criança e o nascimento da mulher. Adolescência é um conceito inexistente na cultura cigana. A dança mostra que é possível àquela cigana dar continuidade ao nosso povo.

A ciganinha ficará em média 12 dias presa com a sua boneca preferida. A quantidade de dias refere-se à idade da criança quando da primeira menstruação. Esse momento é para que se despeça de sua vida na infância, mostre coragem e amadureça para a vida adulta.

A menina será alimentada com comidas especiais de Lilith. No último dia será tatuada com o nome da tribo a qual pertence. Sentirá dores porque a pele será perfurada e sangrará e o sangue menstrual e o sangue do corpo significam pureza. Terá que demonstrar força e não poderá chorar. Deverá mostrar a coragem das mulheres ciganas.

A dança realizada após esses 12 dias é uma dança de feminilidade. Elas fazem os movimentos graciosos e omitem a força como uma moldura para seus movimentos corporais. Depois da dança a menina joga a boneca no chão e completa-se o ciclo da dança e mais um ciclo de sua vida...



Fotografia 104 - Menina dança o ritual da Menarca. A boneca jogada a separa da infância. Sem identificação. Acervo de Kralissa Kalderash, 1984.

3.2.1.3 - A Dança da União

Os casamentos ciganos cumprem uma espécie de acordo entre a família da noiva e a família do noivo. A família da noiva oferece o dote, que pode ser pago em cavalos, jóias, dinheiro, ou outros bens da família. Na cama de casados dos noivos, é colocado o dinheiro oferecido pelas famílias, e quem visita a casa também costuma contribuir com dinheiro para a nova vida dos noivos.

A maioria dos casamentos são celebrados especialmente em janeiro, pois é mais favorável para a proteção da mulher, porque este mês é dedicado a celebrar a deusa Lilith, primeira mulher de Adão e defensora das mulheres. O mês de janeiro é também considerado o mês da fertilidade. Os convites são entregues em mão juntamente com um doce ou com flores.

É prática comum a noiva levar consigo, grãos de cereais ou certas ervas como um ritual de fertilidade. O bolo de casamento é tipicamente feito com mel, sementes de sésamo e marmelo, simbolizando o bom e o mau que poderá aparecer pela vida afora. As ciganas mais antigas preparam a noiva e os alimentos para a festa e durante o preparativo compartilham a felicidade da união.

Durante a festa é servida uma bebida envolta em um tecido vermelho¹²⁸ que é guardada desde o nascimento pelos pais do menino e é aberta nesta festa. A noiva oferece um cravo vermelho e recebe dinheiro em troca.

Quem dirige a cerimônia do casamento é o patriarca da tribo. Ele recita orações quando corta delicadamente os pulsos dos noivos com uma lâmina. Depois os junta para consumir a "união de sangue". Os convidados gritam "Brau!" (Viva!). Então o pai da noiva faz essa declaração ao pai do rapaz:

- Sardento murrachá en surisardento, sararakêsa gadiá avelato. Gardiá sararakessa avela tu borí. Nassunakai nai galbi kaidalto umassi morrorat" (Eu te dei a minha filha em casamento, mas um dia posso pegá-la de novo. Se cuidares dela terás nora. Não é dinheiro e nem ouro que te dou, mas sim um sangue meu).

Os jurados aplaudem no momento em que o pai do rapaz beija a noiva do filho. O patriarca da cerimônia fala nesse momento:

- Messolaráu kessim pekakoabiaú me sai putráu o abiau, sarmé likau ke pukinel laxiar. (Eu testemunho que estou presente neste casamento e mais tarde posso ver o final dele. Como ele está vendo, diz o patriarca olhando para o pai da noiva, a filha está paga).

O patriarca beija os cônjuges. Os convidados batem palmas e gritam novamente Brau! Eles já estão casados. A orquestra começa a tocar várias

¹²⁸A cor vermelha, na cultura cigana, sugere pureza. Vide nota 116 , p.162.

"kaiaskê romanês" (músicas de entretenimento). Começa a grande festa de três dias e três noites.

Uma das músicas do repertório é "Nonô nanê gaji" (Não queremos mulheres não-ciganas). A letra é assim: Nonô nanê gaji // Barô lajau kan keresa // Barô manguin kanpukinasa // Galbenta mesuriuto // Chatraça kancarasa // (Não queremos mulheres não-ciganas // É uma vergonha para nosso povo // Vai sair uma fortuna para nós // Com ouro vou te casar // Com o casamento que vai ser feito).

No terceiro dia após a cerimônia de casamento é dada uma trégua na grande festa: os convidados esperam o resultado do ritual do desvirginamento. Os recém-casados manterão relações sexuais aguardados por uma comissão de parentes.

A cerimônia tem versões diferentes conforme as tribos. Há comunidades ciganas em que o desvirginamento é feito pela matriarca. A matriarca rompe o hímen e provoca o sangramento. Passa-se um pano para que se manche de sangue, uma prova da pureza da moça que é dada ao marido.

Quando é realizado pelo marido, os ciganos mais velhos aguardam do lado de fora da Tsara (tenda) e, consumado o casamento, passa-se um pano branco para recolher o sangue. Se não houver sangramento ou qualquer prova concreta de que a moça é virgem, o noivo pode decidir se a aceita ou não. A frase de recusa é:

- *Ertinangê ke me tigenauas godiabuki. (Senhores desculpem-me. Nem eu sabia o que estava acontecendo).*

Nesse caso o casamento é desfeito e se instala um clima de guerra entre as famílias: a moça é punida com uma violenta surra do pai que tem de devolver o ouro pago pelo casamento.

Se o rapaz quer a noiva apesar dela não ser virgem, ele comunica à comissão:

- *"Apô kanai voi cheibari melaula gadiá sarçi" (Já que ela não foi "moça", eu aceito do jeito que ela é).*

Nesse caso, o pai está impedido de dar uma surra na filha, mas tem de devolver o ouro ou o dinheiro recebido pelo casamento do mesmo jeito. Em todo caso, fica com a reputação manchada. Afinal, para os ciganos, a virgindade é o símbolo da honra da família.

Quase não falei da dança, não é? Mas a dança não existe se não compreendermos o que acontece antes...

A dança é a dança dos noivos, que de mãos dadas demonstram a felicidade do casal. A filha se torna esposa.



Fotografia 105- Dança dos noivos *Vlax Romani*. Acervo de Lucy Kalderash. Romênia.

Sem data.

3.2.1.4 - A Dança do Luto

Esta dança não faz parte de um espetáculo, mas de um caminho. Um caminho para o entendimento da morte. A morte é o nascimento e reencontro com Bel Karrano. A dança fúnebre faz parte da última transição, aquela que propicia a entrada no reino dos mortos e garante o retorno futuro ao mundo dos vivos.

A dança é triste e forte. Não há sorriso e os dançarinos usam negro. Os passos marcados e o girar do vestido da cigana mostra a dor, a tristeza. O

luto se concentra tanto no canto quanto na dança, como se a alma humana se liberasse de todos os seus pesos e temores.

As roupas utilizadas nesta dança são as mesmas utilizadas na dança da vida, porque morte é renascimento. No entanto são negras.



Fotografia 106 -A dança do luto executada por cigana. Ao fundo três ciganos acompanham o ritual. Acervo de Lucy Kalderash. Sem datação. Autoria desconhecida.

Além da dança pedimos que tirem fotografia de nossos mortos para que sua alma fique um pouco presente a nós e em seu retorno saiba a que família pertenceu.



Fotografia 107 - Menina é velada com indumentária e maquiagem típica Matchuara. Os ciganos atribuem à fotografia um poder mágico capaz de recuperar parte da alma dos fotografados.

Todas essas nossas danças, marcam pontos de desprendimento. As velhas atitudes são abandonadas e novas devem ser aceitas. A convivência com algumas pessoas deve ser deixada para trás e novas pessoas passam a constituir o grupo de relacionamento direto.

Existem valores sagrados e mágicos agregados à dança, na tradição cigana. Através da dança, os movimentos de nosso corpo adquirem atributos e poderes dos animais, dos fenômenos da natureza ou de qualquer outra ação que se imita ao dançar. Para o nosso povo as danças são essenciais. É através dela que entramos em comunhão com a natureza e expressamos pelo corpo as alegrias para Bel Karrano.

Não existe uma separação clara entre a dança sagrada e a profana, uma vez que é unicamente a expressão de sentimentos. A dor, o sofrimento, o amor, a alegria, a vida ou o luto, se concentram tanto no canto quanto na dança, como se a alma humana se liberasse, assim, de todos os seus pesos e temores.

A diferença entre as danças deve-se unicamente à entidade e o ritual que está sendo celebrado. Geralmente as danças profanas e alegres são reservadas aos momentos de vida e renascimento. Na Dança do Luto são evocados movimentos circulares com ritmo de tambores e pandeiros que são palavras dos espíritos que já partiram e seus compassos podem se alterar de triste para alegre.

Os tambores e pandeiros rituais são fabricados com troncos escolhidos, peles sem defeitos, com muito esmero e, durante o processo de fabricação, são celebrados ritos especiais no intuito de trazer uma alma própria para esses instrumentos.

É claro que existem os nossos rituais mais secretos e em muitos destes descarregamos toda a nossa tristeza. Nesses rituais fluem todas as injustiças e humilhações sofridas desde a época da escravidão até a morte no nazismo. Nesses rituais os iniciados adquirem todo o dom da magia, do feitiço. Ingerimos sucos de plantas medicinais de conhecimentos específicos de certas entidades. Clamamos ajuda às forças da natureza. Só por ser cigana que deixamos que os gadjôs tomem conhecimento disso. Essa é a foto, mas não poderá dizer dos detalhes.



Fotografia 108- Foto de Ritual Cigano. Nesse ritual um representante de cada tribo e clã apresenta-se em torno da fogueira, 2005.

Hoje em dia, os sagrados rituais de dança são em poucos lugares praticados na sociedade abrangente, mas para nós ciganos persiste. Mas ainda, persiste a necessidade de expressarmos as nossas emoções através de nossos movimentos. Reacendemos, assim, dentro de cada um, a chama sagrada da vida, resgatando, nas vivências de Danças Sagradas, o contato com as forças que regem o nosso universo.

A dança é uma manifestação divina que se traduz pelo corpo e pela alma. Ciganos dançam nas datas marcantes para dar vazão à alegria; dançam quando estão tristes para espantar a tristeza. Transmitem pelo movimento corporal o que lhes vai ao sentimento.

Agora, vou lhe declamar poesias...

*Alma cigana liberta-te
dos grilhões das conveniências
e alça vôo pelo espaço afora...*

Vai onde te leva teu sonho de liberdade...

Vai... segue o vento...

Sobe no mais alto dos cumes

e ali te deixa ficar

mas apenas por um momento:

O suficiente par absorver

a sensação de plenitude e de paz...

Depois, continua tua jornada,

Livre

pelos mares,

pelos ares,

pelo mundo...

Pára por um momento

e ouve a música

suave, mas vibrante,

emanada de mil violinos...

Deixa-te envolver pelos acordes

e dança...

leve...

solta...

*Deixa-te arrebatado num frenesi,
como se as notas fossem o próprio amor
tomando conta de ti.*

Entrega-te

sem medo...

Sem reserva...

Sem culpa...

Até à exaustão completa.

E na calada da noite,

serena e feliz,

chega-te sorrateira

e te deita

ao lado de teu amado

e adormece o sono dos inocentes.

E quando os raios de sol

vierem te aquecer,

desperta e segue:

livre!

Plena!

Absoluta!

3.3 - MEU CORPO, MINHA HISTÓRIA.

MEU CORPO, MINHA MEMÓRIA.

Encantado sejas corpo cigano

único responsável pela magia

que encanta meu povo.

Bendito sejas, corpo cigano

que carregas o sangue e séculos de dor,

que semeado em teu ventre

vai nosso povo...

Basta teu olhar...

Para derramar o encanto

Que nos cerca...

E nos traz vivos até agora

com tua graça e tua dança...

Remontas nossa história...

E nossos costumes...

Com tuas mãos...

Carregas nossas crianças...

E nossa tradição...

Com teu sorriso...

Fascinas o ar de qualquer lugar...

Com teus pés caminhas...

Como leal memória do passado...

Corpo encantador...

Faz dos ciganos...

Homens premiados por Deus

portadores da magia...

E das sábias palavras...

*Que movimentam os dons tão
propagados*

corpo cigano

orgulho do nosso povo

mistério no mundo

de amor profundo.

Meu corpo minha história

meu corpo, minha memória.

Ciganos, unidade complexa, mosaico étnico. Ritmos, imagens. Materialidade e significação. O corpo cigano produz e é portador de significado, fonte de sentido.

No seu clássico a respeito das técnicas corporais, Marcel Mauss (1974) nos ensina que o corpo deve ser pensado a um só tempo enquanto significação, ferramenta, agente e objeto: ele é, ao mesmo tempo, o instrumento original com que os humanos moldam o seu mundo e a substância original a partir da qual o mundo e a cultura são moldados. Assim, para ele, toda a expressão corporal é apreendida, tendo em mente a sua preocupação em demonstrar a interdependência entre o que chama de

domínio físico, psicossocial, social e cultural. A sua principal contribuição talvez seja a demonstração de que o corpo humano nunca pode ser encontrado num suposto “estado natural”. É no corpo que a matéria prima e a cultura são moldadas e inscritas.

Essa perspectiva encontra eco na teoria do antropólogo francês Pierre Clastres (1990), ao afirmar que nas sociedades - e em especial as sociedades sem escrita - os corpos se transformam em memória no tempo e no espaço. Os ritos tribais são inscritos no corpo como se fosse o texto da lei. Para que ninguém se esqueça de que a lei é o fundamento da vida social daquela tribo.

Assim, o corpo é pensado na sua relação estreita com os processos culturais, seja no sentido de seus condicionantes estruturais ou ainda na expressão de suas mudanças ou rupturas – “a cultura cresce no corpo humano” (CLASTRES, 1990, p.65).

O corpo configura-se como um mapa onde a identidade cultural se torna aparente, decifrável, e ao mesmo tempo, intrínseca (como nossos órgãos). Mapa que precisa ser estudado, desvendado, para podermos melhor entender o significado simbólico de sua concepção de mundo. E é por meio do corpo, no qual cresce a cultura que esta se identifica e se diferencia.

No entanto, a marca que identifica também diferencia, classifica, ordena, segrega... Segundo Mauss (1974, p.75)

No corpo-imagem estão inscritos os marcadores de identidade, mas também

212

os símbolos da diferença. A lógica dominante resignificou tais escrituras transformando-as em marcas classificatórias, levando-nos a usá-las como categorias para a ordenação do humano. Usadas como memórias corporais catalográficas, essas marcas foram e são, muitas vezes, argumentos para justificar submissões, segregações, expurgos e até mesmo genocídios. São diamantes encravados, recobertos de infinitas camadas e epidermicamente absorvidos.

Nas sociedades ágrafas, como a cigana, só resta o corpo, funcionando como um livro ou um álbum, a pele como um pergaminho onde se inscreve uma história, uma recordação, um grito, uma esperança.

Que mais seriam as pinturas e indumentárias corporais nos rituais que não o grito impresso dos corpos da comunidade? As cores da festa, da dor, da esperança: linguagens do corpo.

As marcas corporais ciganas funcionam como uma veste. Em seus corpos incontestavelmente, estão registradas marcas visuais que, por vezes, usando a fantasia e o simbolismo, buscam espelhar a sua história e a sua ancestralidade. Há muitos séculos, ciganos partiram da Índia, mas ainda

mantém em seus trajes a perpetuação dessa memória. O corpo cigano é uma representação forte que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e idéias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo.

Em outras palavras, por maior que pareça ser criativa uma nova forma de representação, ela virá sempre impregnada daquela memória cultural e vivencial, que acaba impregnando nossas atitudes. Independentemente da época e do local, o corpo cigano se inscreve obrigatoriamente em seu sistema cultural, alicerçado nas experiências assimiladas pela tribo, pelo clã, de acordo com os códigos que esse grupo reconhece e que é capaz de colocar no interior da fronteira móvel que delimita o imaginário do real



Fotografia 109 -Cigana Susy Kalderash. Acervo de Lucy Kalderash, Autoria desconhecida, 1945.

Cada cigano, consciente ou inconscientemente, traz no corpo as marcas que foram se sobrepondo, se entrelaçando, se somando e se reescrevendo. Tão profundas que delas se esquecem e as repetem sem pensar. Mauss chama de “técnicas corporais”, “*as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos*” (1974, p. 112).

Além do corpo, a palavra verbal, a fala, assume uma dimensão importante para uma cultura ágrafa. Corpo e palavra-inseparáveis para os ciganos. Neste sentido, buscamos aliar essas duas dimensões no presente estudo. Ciganos que vivem entre palavras, movimentos e marcações corporais.

Assim, a partir de memórias e conhecimentos narrados pelos próprios ciganos, construiremos um olhar sobre o corpo, mais especificamente, sobre o corpo cigano como um “território de auto-expressão”, capaz de provocar o espectador e interessá-lo pelo que vê.

Objetiva-se, pois, mostrar que o “corpo-memória” se projeta como um laboratório dos sentidos e um gestor de todas as artes. O que parece uma silenciosa manifestação, ao ser analisado e pesquisado em sua origem e construção, nos oferece informações valiosas.

Objetivamos, também neste sentido, demonstrar como já citado, não somente os elementos culturais dos ciganos que os aproximam ou os distanciam da cultura predominante, mas a verificação de como organizam suas memórias impressas em seus corpos, uma vez que mesmo espalhados

pelo mundo mantêm sua identidade de grupo, fazendo do corpo cigano uma misteriosa memória a ser estudada e desvendada.

3.4 - Corpo e Palavra-Inseparáveis: a narrativa sobre o corpo

Angelino Kalderash, 72 anos, 23/09/2004.

“As práticas de marcação corporal sempre existiram ao longo da história de nosso povo.

O hábito das tribos ciganas submeterem-se às práticas de transformação corporal é milenar. Seja pela colocação de ornamentos, da realização de tatuagens ou dos ritos de passagem.¹²⁹ O corpo sempre foi o foco de nossa sociedade.

A própria história dos ciganos se confunde com as práticas corporais. A quem interessar é possível aprender muito sobre a nossa formação social e a nossa cultura através de nossas práticas corporais.

As marcas corporais servem para a proteção e identificação dos ciganos.

Nossos ornamentos estão associados à posição social estabelecida no interior de cada clã ou tribo.

¹²⁹Nos ritos de passagem existe a utilização de indumentárias e ornamentos específicos, bem como a marcação corporal das tatuagens.

Nos nossos corpos existem marcas utilizadas como forma de punição, de modo a marcar os corpos daqueles que infringem o código de conduta. Podemos dar o exemplo dos dentes de ouro, tão utilizados por uma natsia rival. Quando um Kalderash pratica algo que nós não apoiamos, ele não é mais Kalderash, torna-se outra pessoa, de outra natsia. É um stigma que carregará. Ele terá os dentes marcados.

Assim, serão obrigados a carregar a marca rival para nunca dizer que são Kalderashs. Essa foto mostra mulheres Calóns e percebemos também os dentes de ouro. Qualquer outra tribo não pode ter dentes de ouro porque determina a ausência da pureza. O dente deve permanecer puro. O sorriso só pode ser realizado em rituais. Veja as fotos. Os nossos dentes são sagrados.

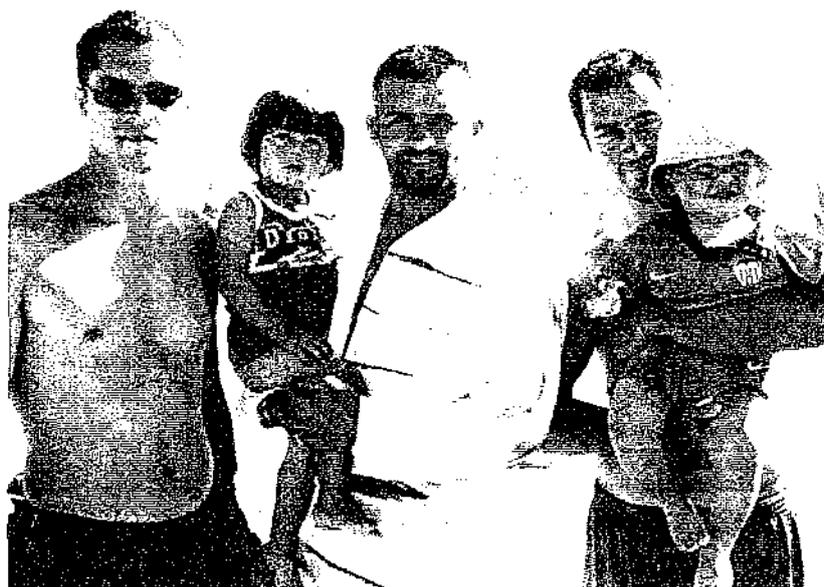


Fotografia 110. Mulheres Calóns com a marca do metal nos dentes. Símbolo típico Calón. Datação, 2000.

Um outro hábito da tribo rival e que nos deixa muito triste e que nenhuma outra natsia faz é deixar que as crianças fumem. Quando uma criança fuma se afasta de Bel Karrano. Prejudica o seu corpo que é um local que deve ser puro, foi criado para a música, para a festa e não para as impurezas.

Como nós não escrevemos, as marcas corporais são obrigatórias e permanentes e possuem um caráter coletivo. Isso significa que, por partilharmos uma cultura coletiva, os significados são compreendidos por todos os membros ciganos.

Nessa foto, se não falássemos que se trata de ciganos, provavelmente se passasse por gadjôs, no mundo gadjô... mas são ciganos e ciganos Kalderashs. A tatuagem de Lua e estrela na mão os identificam.¹³⁰ Essa tatuagem é feita quando completam 14 anos e se tornam homens.



Fotografia 111 - Ciganos e crianças *Kalderashs* em Saintes Maries de La Mer, após o ritual do banho de Sara no Mar Mediterrâneo. Regiane Rossi, 2004.

¹³⁰Vide fotografia 4, página 28 deste estudo.

A mulher apresenta na nuca ou nas costas a marca de defesa contra feitiço, proteção e significado do nome.



Fotografia 112 - Cigana Kalderash, com marca tatuada na nuca, dança em festa.

Regiane Rossi, 2006.

E de modo geral as mulheres apresentam tatuagens nos pés. Os homens usam na mão que é o sinal do trabalho e as mulheres no pé cujo simbolismo é a força, o alicerce. Esse pé é de uma cigana Matchuara. Normalmente as Kalderashs usam o mesmo desenho do homem. Os Matchuaras são aqueles que se tatuam com animais buscando destes a força para prosseguir essa jornada. A borboleta significa agilidade e beleza. Renovação da vida.



Fotografia 113- Pé de Cigana *Matchuara*. Regiane Rossi. 2006.

As tatuagens assumem diferentes significações de acordo com a natsia e vitsa que o cigano pertence. Alguns usam a tatuagem como garantia de saúde e proteção, outros para afastar os maus espíritos, outros, como nós, anunciam pela tatuagem a nossa tribo e o nosso nome cigano. Outros usam a tatuagem em memória de algum parente falecido que representa uma transição no ciclo de vida. Não posso dizer os mistérios das tribos. Não tenho permissão para isso. Só posso dizer que há variações de lugares, cada um com diferentes significados. Essa foto é de um Manouch. A tatuagem dela é no braço e não na nuca, mas é uma tatuagem de proteção.



Fotografia 114- Ciganos *Manouch* em tenda. Cigana com a marca talismânica no braço. Acervo de Yago Calón, 2006.

As tatuagens, então, representam um pertencimento a um determinado grupo e também às transições de ciclos de vida dos indivíduos, sendo o desenvolvimento marcado desta forma. Isto é, correspondem a rituais que representam a passagem de um determinado ciclo de vida a outro.

Há três tipos distintos de aplicação das marcas corporais na sociedade cigana. A primeira seria como marca de identidade coletiva, ou seja, representando o pertencimento a determinado grupo. Marcas sempre foram feitas nos dignos. Mesmo que seja uma criança que se torna mulher. Esperamos para dar-lhe a marca de nossa tribo se percebemos que ela é frágil em conduta. Então, temos especial atenção aos não tatuados. A ausência da marca é sinal de inferioridade.

O segundo tipo é relativo à religiosidade, pois nos protege dos maus espíritos e, por último, as marcas que simbolizam uma mudança na vida, a fronteira do ciclo de vida.

A tatuagem é uma forma de comunicação e expressão e possui importante papel na construção da personalidade cigana, isto porque não é moda como no mundo gadjô, mas faz parte de um rito, somos tatuados e a dor nos ajuda a tornarmo-nos fortes. Essa tatuagem feita no Giark Kalderash é de proteção, mas foi feita em uma passagem de ciclo. Quando saiu da “meninice” e se tornou homem.



Fotografia 115- Cigano Kalderash tatuado no peito. Saintes Maries de La Mer. Autoria:Christine Colombo, 2004.

As nossas marcas, no passado, foram criticadas pela Igreja que considerava um ato de violência contra o corpo natural, uma injúria à criação,

pois o homem não poderia alterar uma forma divina, já que somos a imagem e semelhança de Deus.

Ao contrário! Nossas marcas, nossa roupa, nossas jóias também têm um sentido religioso. Enfeitamos-nos para Bel Karrano. Mas as nossas marcas e nossa vestimenta apresentaram a diferença. Por isso, muitos ciganos passaram a se apresentar em feiras e circos chamando atenção do público em geral.

Hoje no mundo gadjô, as nossas tatuagens nem chamam mais a atenção, porque qualquer um agora tem... Mas é a tal da indústria do consumo! Você já viu aquelas letras japonesas tatuadas? Elas saíram de sua cultura para fazer o quê no braço do branco, do negro? Saíram da sua cultura e viraram consumo! Isso é muito feio.

A tatuagem cigana, a verdadeira marca deve ser compreendida dentro de um contexto no qual existe uma ligação entre a pessoa, a marca e o processo. Portanto relacionamos à pessoa, à sua tribo, à sua posição à ausência ou presença das tatuagens. Nossa vida é partilhada por essas marcas com os membros de nossa natsia.

3.4.1 – Indumentárias Ciganas

Yan Kalderash 68 anos , 25/09/2002.

Nossas vestimentas trazem um vínculo consistente entre todos os membros da tribo. Vínculos que envolvem uma forte noção de solidariedade, no qual a lealdade a um passado demonstrado pela roupa é noção de

memória e respeito. Já na sociedade gadjô, os vínculos são efêmeros! Deixe-me explicar melhor: na sociedade cigana as marcas e roupas são inseridas na comunidade e possui um forte significado tanto para o grupo, quanto para o cigano que se submete a esta prática. Na sociedade gadjô, as marcas corporais são opcionais e decorativas. As roupas mudam. A roupa e a tatuagem deve trazer a essência do mundo e cumpre a sua função no mundo gadjô– o egoísmo e a futilidade.

A roupa é a nossa segunda pele. Na cultura cigana, a arte da indumentária acontece em íntima relação com os efeitos mágicos que é capaz de produzir. Até mesmo sem intenção exerce influência sobre quem a veste. Assim como as demais pessoas e o ambiente.

Nós somos um povo vaidoso e amante da beleza. Somos conhecedores da magia que as vestes abrigam e irradiam.

Sabemos perfeitamente como combinar cores, estampas, e tecidos para atrair aquilo que desejamos ou para evitar o que não é favorável.

Quando nós nos trajamos nós o fazemos como na forma de um ritual cotidiano que realizado com harmonia e concentração proporciona bem estar e desperta poderes mágicos. Por mais simples o local ou as condições econômicas, a cigana sempre se enfeita com brincos, pulseiras, colares e lindos lenços.



Fotografia 116 - Cigana *Tchurara* com criança em acampamento cigano. Nordeste do Brasil. Acervo de Maria Tchurara, 2004.

Mas o principal sentido de nossas indumentárias: cada calça, cada vestido, cada anel, cada brinco, cada lenço diz quem nós somos e recobra o nosso passado.

O corpo para nós ciganos funciona como um instrumento e lugar de reviver o passado e demonstrar a nossa cultura e a nossa história. Honramos assim a nossa ancestralidade. Revive-se a raiz hindu.



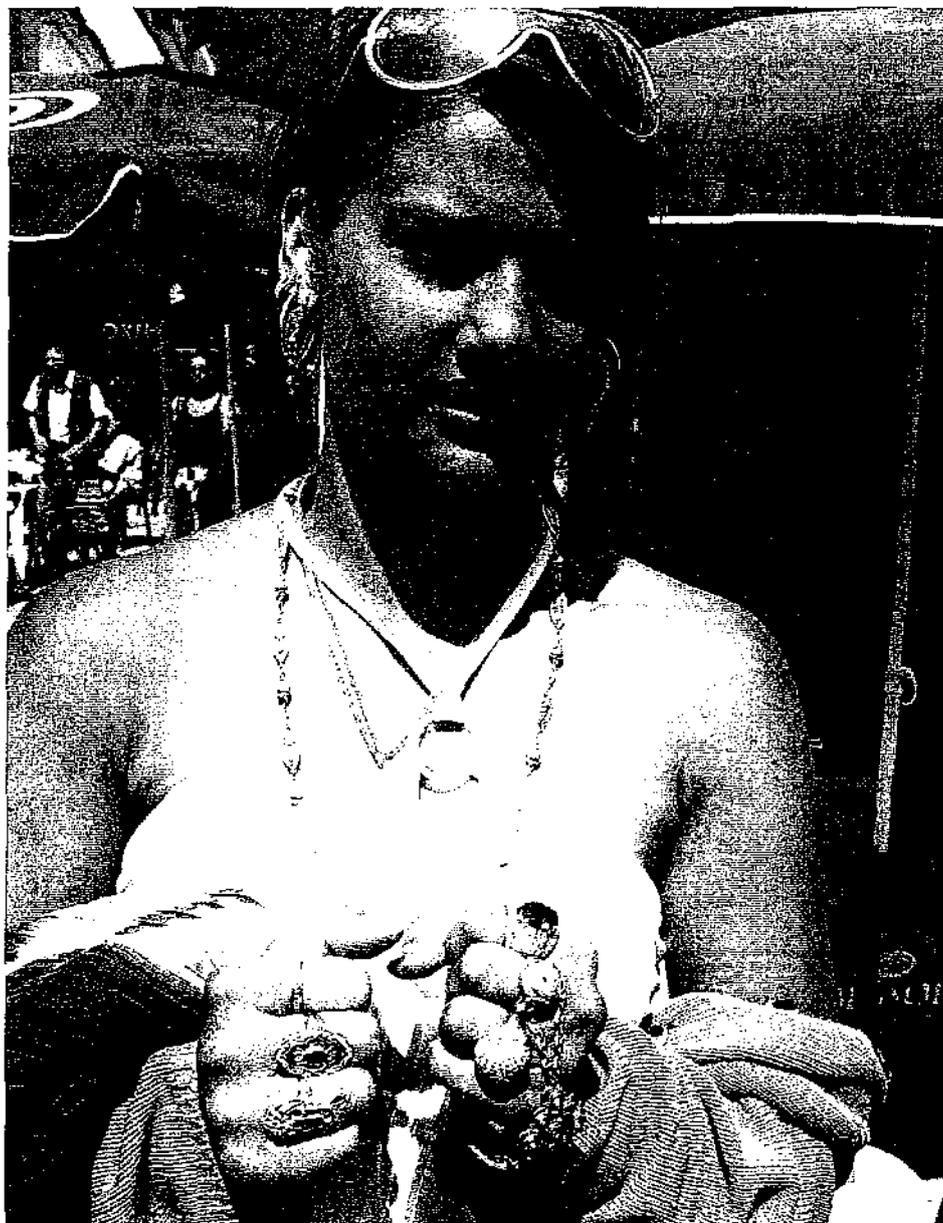
Fotografias 117 e 118- Ciganos *Kalderashs* com indumentárias típicas. Acervo de Maria Kalderash. Presentes de fotógrafos sem identificação. Datação: 1952.

As roupas masculinas também apresentam todo o simbolismo que envolve a cultura cigana. No chapéu buscamos proteção. Com nossas jóias agradamos a Bel Karrano. As cores que usamos alegram a todos à nossa volta. É claro que não causamos o mesmo impacto da cigana, mas procuramos agradar Lilith e nossa querida Sara. Usa-se o brinco para ouvir a inspiração e sussurros de Bel Karrano.



Fotografia 119-Cigano Kalderash em Saintes Maries de La Mer. Regiane Rossi, 2004.

O brinco é muito importante para o homem. O uso do anel também apresenta relevância para ambos os sexos. Para o homem simboliza o patriarcado e, para as mulheres, liderança. Demais acessórios são talismânicos e possuem poderes mágicos.



Fotografia 120- Cigana *Calón* apresenta anéis que simbolizam a liderança junto a um grupo de ciganas. Regiane Rossi, 2004.

Além do que usamos, o que fazemos dita a nossa conduta. Isso quer dizer que o gestual exibido por cada cigano possui um sentido único e

facilmente reconhecido pelos ciganos, independentemente da natsia a que façam parte.

Cada tribo e clã possui gestuais que identificam e distanciam ciganos de outros clãs. Não nos foi permitido apresentar aqui estes símbolos. Mas adianto. Aqui nesta fotografia apresenta-se um gesto sagrado.



Fotografia 121- Cigana Kalderash em gestual de reconhecimento. Acervo de Yan Kalderash , 2002.

Esses símbolos são reconhecidos pelos ciganos e serão também reconhecidos no encontro com Bel Karrano, com Lilith e com Sara, que dará a cada sinal cigano o lugar deste entre as tribos de Israel.

Acho que tudo o que poderíamos dizer, foi aqui dito, mas só para terminar é importante deixar evidente aos não-ciganos que, nós ciganos somos corpo, consciência encarnada. Nossa vestimenta produz sentido. Nosso corpo é o espelho de nosso ser, veículo no mundo."

"Faz-se um gesto não somente para agir, mas para que os outros homens e os espíritos o vejam e o compreendam".

Marcel Mauss.¹³¹

¹³¹Mauss, M., 1974. "Ensaio Sobre a Dádiva". In *Sociologia e Antropologia*, II vol. São Paulo, EPU/Edusp.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deparar-se com um cigano é estar diante da diferença extrema.

Elemento de desconstrução da suposta igualdade que constitui a sociedade cigana, essa pesquisa objetivou romper com a enganosa generalização da imagem do cigano típico, do esteriótipo, ao apresentar os diferentes grupos e subgrupos que se consagram como a grande distinção cigana.

Ao longo deste estudo verificou-se que os ciganos pensam em si de forma fragmentária. Cada cigano possui forte identificação com o seu grupo familiar ou com famílias com o mesmo ofício.

No domínio dos ciganos, não existem, senão múltiplas identidades, uma imbricação de comunidades, um mosaico étnico.

Este estudo mostra-nos que nascer cigano é ter o seu destino já traçado, mas não como impôs o preconceito, ou seja, nascer cigano é estar do lado oposto da boa sociedade. Esta visão, por tantos séculos perpetuada gerou o cigano-síntese: síntese de tudo aquilo que se pensava sobre os ciganos. Pré-julgamentos...

Assim, vinculados a um conjunto de estereótipos, predominantemente negativos, os ciganos foram identificados como possuidores de natureza perigosa, uma encarnação da ameaça.

Seja como “ladrões ou assassinos” como admirados “músicos e saltimbancos”, os ciganos sempre estiveram distante dos homens de bem.

No entanto, os ciganos souberam subverter quase todas as situações que o contexto desfavorável lhe oferecia. Adaptaram-se penetrando nas lacunas que a dinâmica econômica e social criava.

Mesmo aos olhos não-ciganos, apresentando uma identidade aparentemente frágil, eles se recriam frente às mais díspares circunstâncias: da inquisição ao extermínio nazista. A sobrevivência foi a grande e mais duradoura realização cigana, o grande evento de sua história.

Escrever a história dos ciganos é escrever a história dos que os rejeitaram. Lidando com esta escrita perpassamos por muitas duplicidades: sedentarismo e nomadismo, tradição e renovação, fascínio e repulsa, unidade e fragmentação.

Mas o universo cigano, mais do que duplicidade é repleto de multiplicidade; entre as quais estão as relações com os não-ciganos, a identidade dos grupos e as imagens forjadas pela sociedade abrangente.

De pertencimento e distanciamento, esta pesquisa, fundamentalmente, buscou nas imagens fotográficas e na narrativa cigana o embasamento para este estudo. As fotografias e as narrativas assumiram múltiplos papéis, de valor antropológico e histórico, constituindo-se método, objeto e conteúdo deste trabalho, sutilmente superando a dicotomia entre texto e imagem, a partir de um método

constelar, de textos e imagens como tessituras em que em um entrecruzamento de fios, linhas se encontram, expandem-se sem limites e formam um tecido.

Ancoradas nas memórias compartilhadas, a partir do patriarcado de diversos clãs, a pesquisa sugere o confronto do nômade cigano para o leitor *gadjiô* com o intuito da transformação e da aprendizagem mútua.

Ouvir múltiplas vozes se fez oportuno neste estudo, com o intuito de compartilhar vivências e histórias de diferentes tribos, espaços e lugares. Todos os sujeitos desta pesquisa foram ciganos pertencentes às sete tribos existentes: Calón, Kalderash, Matchuara, Lovara, Sinti ou Manouch, Tchurara e Vlax Romani.

Portanto, com o intuito da reconstrução da saga cigana, ressalvamos neste trabalho a utilização da metodologia da História Oral como um aporte importante na orientação deste estudo, uma vez que abriu a possibilidade de se trabalhar com fontes variadas: das narrativas às fontes imagéticas orientando o diálogo entre elas.

Assim, o interesse pelas narrativas, no interior desta pesquisa, decorreu da possibilidade da obtenção e desenvolvimento de conhecimentos e da fundamentação de análises com base na criação de fontes inéditas ou novas. Ao se interessar pela oralidade, procurou-se destacar e deixar como centro de sua análise a visão e versão das experiências mais profundas dos seus atores sociais, os ciganos.

As narrativas percorreram caminhos sinuosos, rompendo barreiras e permitiram, pela multiplicidade de nuances, reconstruir parte da saga cigana, sua origem, seus mitos e ritos.

Essa pesquisa ofereceu oportunidade para que os ciganos lessem o seu mundo. Como ágrafos leram de uma maneira muito peculiar e própria.

Cada história que nos foi contada e cada fotografia admirada¹³² carregou um sentido social que não se restringiu a um olhar individual e neutro de quem narra. Cada ação e cada palavra, como afirma Bakhtin, traz a marca de sua própria visão de mundo, visão construída, historicizada e contextualizada culturalmente.

Para um povo ágrafo isto se tornou evidente, neste estudo, imagens e palavras são indissolúveis e se completam.

Para os sujeitos envolvidos na pesquisa, tanto as imagens, as fotografias apresentadas e por eles escolhidas, analisadas e interpretadas provocaram o imaginário cigano como uma pedra que lançada à água desenha círculos.

Os ciganos têm em seu corpo o mapa onde a sua identidade cultural se torna aparente, decifrável e ao mesmo tempo intrínseca. Mapa estudado e desvendado nesta pesquisa, e que nos possibilitou uma melhor compreensão dos significados simbólicos da concepção cigana no mundo. Assim procurou-se, apresentar como o corpo é um

¹³²Utilizamos o sentido admirada, pois os ciganos não viam simplesmente as fotos, admiravam-na, comentavam-na, vivenciavam-na.

paradigma privilegiado para a compreensão do universo simbólico cigano. O corpo cigano então, moldado pelo contexto social e cultural no qual submerge é o vetor semântico através do qual se constrói a evidência de sua relação com o mundo. E é ainda por meio desta ordenação corporal que os ciganos se diferenciam e se identificam. Assim, entre os ciganos há uma unidade multifacetada, que se torna aparente na diversidade entre si.

Parafraseando Marcel Mauss, o corpo, instrumento inato da espécie *Homo sapiens*, é transformado em corpo-representação, ou seja, um artefato cultural para se contrapor à fronteira que delimita aquilo que toda cultura chama de selvagem, promovendo assim a separação entre natureza e cultura, constructo filosófico que nos ajuda a esquecer que somos parte da espécie animal *Homo sapiens*.

Século XXI: momento de grande efervescência e valorização da diversidade cultural - os ciganos hoje - cada vez menos vistos “ típicos” pelas ruas, cada vez menos ouvida a sua dimensão criadora. Cada vez mais solitários e ignorados nas ruas, nas telas eletrônicas, nas páginas impressas, nos censos... Os ciganos têm estado ao longo dos séculos, à margem da sociedade e especialmente da atual, caracterizada pela globalização, slogans de consumo, emoções sem natureza, idéias homogêneas. Com suas ressonâncias, este estudo objetivou fazer ressurgir vozes que não têm tido voz, sejam gritos, gemidos ou cantos.

Faz emergir, nas teias trêmulas e fragmentadas dos dias, sinais de destinos silenciados¹³³.

Por isso é necessário escutar as vozes que muitos esqueceram de ouvir, ou não pararam para ouvir ou as escutaram sem ouvir. É necessário, também, segundo Benjamin, ler o que nunca foi escrito...

*“Ler o que nunca foi escrito. Tal leitura é a mais antiga, anterior a toda língua- a leitura das vísceras, das estrelas ou das danças. Mais tarde se constituíram anéis intermediários de uma nova leitura, runas e hieróglifos...”*¹³⁴

Ciganos: caminantes seculares, cujo solo moral é a itinerância. Sem uma pátria mãe encontram no ritual de Santa Sara a oportunidade de criar e recriar seus lugares do mundo, para além de onde partiram. Em uma caminhada de gerações homens, mulheres, idosos e crianças cobertos de chagas e júbilos retornam aos seus como peregrinos contemplados. Cumpriram a sua missão da unidade ritual na diversidade tribal em honra a padroeira de todos os ciganos- Santa Sara Kali.

¹³³ Parágrafo inspirado e adaptado do livro *A Utopia da Palavra: Linguagem, poesia e educação: algumas travessias*. Barbosa, Severino Antônio, 2002.

¹³⁴ Bordeloirs, Ivonne. “ A etimologia das paixões”, p. 162. RJ. Odisséia Editorial, 2007.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ABELHA, Alberto. *Sete Loas aos ciganos*. Lisboa: Edição do autor, 1974.
- ABDALA JR., Benjamin. *Literatura: história e política*. São Paulo: Ática, 2006.
- ALMEIDA, André. *Vida e morte do tropeiro*. Governo do Estado de São Paulo: Secretaria Estadual de Cultura, 1991.
- AUMONT, Jacques. *A imagem*. 3ª edição. Campinas: Papyrus, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais*. São Paulo-Brasília: Editora Universidade de Brasília - Hucitec, 4ª Edição, 1999.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Anna Blume Editora - Hucitec, 10ª Edição, 2002.
- _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2ª Edição, 1997.
- _____. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1998.
- BARÃO, Adriana. *O ritual performático na roda de capoeira*. Dissertação de Mestrado: Unicamp, 2000.
- BARBA, Eugênio & SAVARESE, Nicola. *A Arte secreta do ator – Dicionário de Antropologia Teatral*. São Paulo: Hucitec, 1985.
- _____. *Le canoë de papier. Traité d'anthropologie théâtrale*. Cazilhac: Bouffonries, 1996.
- BARBOSA, Severino A. *Utopia da Palavra*. SP: Madras, 2002.
- BARROSO, Gerson. *História secreta do Brasil*. SP, Cia Editura Nacional, 1989.

BARTHES, Roland. *A Aula*. São Paulo: Cultrix, 1987.

_____. *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984.

_____. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1987.

BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura, documentos de barbárie*. São Paulo: Cultrix, EDUSP, 1985.

_____. *Experiência e pobreza*. In: *Obras escolhidas - I*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BLATEAU, Rudolph. "Cigano". In: *Vocabulário português, & latino, aulico, anatomico, architectonico*. Tombo II, Coimbra, Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus; Lisboa Ocidental, Pascoal da Sylva, 1712. p. 311-312.

BLIKSTEIN, I. *Imagem e verdade semiótica do discurso dos sobreviventes na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Loyola, 1991.

BORDELOIS, Ivonne. *A Etimologia das paixões*. RJ: Odisséia Editorial, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. RJ: Nova Fronteira, 1983.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Plantar, Colher, Comer*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

_____. *A Cultura na Rua*, Campinas: Papyrus, 1989.

BUENO, Eugênio. *Náufragos, traficantes e degredados: as primeiras expedições ao Brasil*. SP: Objetiva, 1995.

BURTON, Frank. *The gipsy*, 1999.

CAMPOS, Cláudia. *Os ciganos e suas tradições*. São Paulo: Madras, 1985.

CANDIDA, Niandra. *Trajectoria cigana: um povo fiel a si mesmo*. BH: PUC, 1995.

CERTEAU, Michel. *A invenção do Cotidiano. Artes do Fazer*. 3ª ed. Petrópolis. RJ:Vozes, 1999.

CHINA, João. "Os ciganos no Brasil". In: Revista do Museu Paulista, 1936.

CLASTRES, Pierre. (1990). "A Sociedade contra o Estado". In:Pesquisas de Antropologia Política . Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

COHEN, Renato. *Performance como linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

COLLIER Jr, John. *Antropologia Visual*. São Paulo: EPU, 1976.

CONNELLY, M. F. & CLANDININ, J. D. "Relatos de experiência e investigação narrativa". In: LARROSA, J. (org.). Dejame que te cuente: ensayos sobre narrativa e educación – Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

COSTA, Melissa. *A magia do povo cigano*. São Paulo: Imago, 1978.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papius, 1994.

DaMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. *A Casa e a Rua*, São Paulo: Brasiliense, 1997.

DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papius, 1995.

DAVIES, Natalie. Zemon. *Culturas do Povo. Sociedade e Cultura*. RJ: Paz e Terra, 1990.

DAWSEY, Jonh Cowart. "A pedagogia do xamã: risos nas entrelinhas de rituais na escola". In: Educação e Realidade, v. 20, n. 2, P A, 1997.

_____ "Caindo na cana com Marilyn Monroe: tempo, espaço e bóias-frias". In: Revista de Antropologia. Vol 40, no. 1. SP. 2002.

D'OLIVEIRA, Celso. *Os ciganos no Brasil*. SP: Saraiva, 1999.

DOMBRE, Rafael. *A Herança do Cigano*. SP: Nova fronteira, 2001.

DURKHEIN, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. SP: Melhoramentos, 1989.

_____. *Educação e Sociologia*. SP: Melhoramentos, 1982.

ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. Lisboa: Cores, 1959.

_____. *O sagrado e o profano – a essência das religiões*. Lisboa; Livros do Brasil, 1958.

ENTLER, Ronaldo. "Entre a memória e o esquecimento: o realismo da obra de Sophie Calle". In Revista Eletrônica Studium, Campinas - São Paulo, v. 22, 2005.

_____ "Para reler a câmara clara". In: FACOM- Revista da Faculdade de Comunicação-FAAP, v. 14. SPFAAP, 2006.

_____ "O corte fotográfico e a representação do tempo pela imagem fixa". In Revista Eletrônica Studium. Campinas - São Paulo, v. 12, 2004.

_____. *Testemunhos silenciosos: uma nova concepção de realismo na fotografia contemporânea*. Ars, São Paulo, 2006.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Nobel, 1995.

FERNANDES, Rubem César. *Delicadeza. Virtudes*. Rio de Janeiro: Editora PUC 2000.

_____. *Os cavaleiros do Bom Jesus*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FONTANA, Roseli Cação. *Como nos tornamos humanas?*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FRANCE, Claudine de. *Cinema e antropologia*. Tradução: Marcius Freire. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

FRAZER, Antony. *The Gipsies*. Oxford: Blackwell Publishers, 1992.

FURGERI, Denise Krahenbuhl Padula. *Do enorme ao pequeno, do dizer à escuta do prescrever à leitura*. Dissertação de mestrado. UNICAMP. 2002.

GAGNEBIN, J. M. Prefácio – “Walter Benjamin ou a história aberta”. In: *Obras escolhidas - I*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. *O saber local*. Petrópolis: Vozes, 1988.

GERALDI, Corinta Maria. (Org.). *Cartografias do trabalho docente*. Campinas: Mercado das Letras & ALB, 1998.

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. SP: Vértice, 2004.

_____. *Lês cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

_____. *Tratado da memória social*. RJ: Zahar Editores 1999.

HELLER, Ágnes. *Sociología de la vida cotidiana*. Barcelona Ediciones: Península, 1993.

HUIZINGA, Paulo. *Sociedade Obscura*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1984.

IVATTS, Arthur. *O cigano no mundo moderno*. Rio de Janeiro: UNESCO, 1998.

KOFES, Maria Suely. "E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala?". In: Conversando sobre o corpo. Campinas: Papyrus, 1987.

LABAN, Rudolf. *Dança educativa moderna*. São Paulo: Summus, 1990.

_____. *Domínio do movimento*. São Paulo: Summus, 1978.

LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura: Estudios sobre literatura e formación*. Barcelona: Laertes, 1998.

_____. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascarados*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. "Nota sobre a Experiência e o Saber da Experiência". In: Leituras SME de Campinas. Nº 04. Julho de 2001.

LIMA, Batista de. *Sobre Roland Barthes*. PA: Artes Médicas, 2003.

MARTINEZ, Nereide. *Os ciganos*. Campinas: Papyrus, 1989.

MARTINS, Luiz Marcelo. "É proibido negociar com ciganos e suspeitos". Anais do I Colóquio do Lahes, 2002.

MAUSS, Marcel. "A alma, o nome e a pessoa.". In: Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 2005.

_____. "Contre la violence. Pour la force". In: La socialiste, Paris, 1947.

_____. "Ensaio Sobre a Dádiva". In Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU/Edusp, 1974.

McEWAN, Hunter. "The functions of narrative and research on teaching". In: Teaching and Teacher Education. Vol.13, nº. 1, 1997.

MEIHY, José Carlos Sebe. *A colônia brasilianista. História Oral de vida acadêmica*. São Paulo: Nova Stella, 1995.

MILGRAN, Abrahan. *Os judeus do Vaticano. A tentativa de salvação dos católicos não-arianos – da Alemanha ao Brasil através do Vaticano. (1939 – 1945)*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1994.

MORAES FILHO, Antonio. *Os ciganos no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

MORIN, Edgar. *Terra-Pátria*. Lisboa: Instituto Jean Piaget, 1993.

MOTA, Leonardo. *Cantadores de poesias e linguagem no sertão cearense*. Ceará: Imprensa Universitária, 1987.

MULLER, Regina. "Maraká, Ritual xamanístico dos asuriní do Xingu". In: Xamanismo no Brasil, Florianópolis: Novas Perspectivas, Editora da UFSC, 2000.

_____. "Ritual e performance artística e contemporânea". In: Teixeira, J.G.L.C. (org), Performáticos, Performance & Sociedade, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

NOVAES, Sylvia. *Jogo de Espelhos. Imagem da Representação de Si Através dos Outros*. São Paulo: Edusp, 1993.

NÓVOA, Antônio. *Vidas de professor*. Porto: Porto, 1992.

PAZ, Octávio. *O Arco e a Lira*. RJ: Nova Fronteira, 1982.

PIERONI, Giorgio. *Vadios e ciganos, heréticos e bruxas: os degredados do Brasil Colônia*. Bertrand do Brasil, 2000.

PIETTE, Albert. *Ethnographie de l'action*. Paris: Metalié, 1996.

_____. *Le fait religieux: Une théorie de la religion ordinaire*. Paris: Econômica, 2003.

PLATÃO. "O banquete". In: Coleção Os Pensadores, 1979.

POLLACK, Michael. "Memória e identidade social". In: Estudos Históricos, Cpdoc/FGV. Rio de Janeiro, 1992.

_____. "Memória, Esquecimento, Silêncio". In: Estudos Históricos, Cpdoc/FGV: Rio de Janeiro, 1989.

ROCKWELL, E e EZPELETA, J. *Relato de um processo inacabado*. São Paulo: Nova Stella, 1989.

ROUSSO, Henry. *La Hantise de Passé*. Paris: Textuel, 1996

_____. *Le Syndrome de Vichy*. Paris: Ed. Du Seuil, 2002.

RUDE, Gian. *A multidão na história*. RJ: Campos, 1991.

SAMAIN, Etienne. "Memórias antropológicas em torno de um álbum fotográfico: fotografia, morte e história II". In: In Revista Eletrônica Studium. Campinas - São Paulo, 2000.

_____. *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. "Oralidade, escrita visualidade: meios e modos da construção dos Indivíduos e das sociedades.", In: Perturbador Novo Mundo. História, Psicanálise e Sociedade Contemporânea. São Paulo: Escuta, 1994.

_____. "Quando a fotografia (já) fazia os antropólogos sonharem: O Jornal La Lumiere (1851-1860).", In: Revista de Antropologia. São Paulo: USP, 2001.

SCHEPIS, Regina. *Ciganos, fadas e duendes: filhos mágicos da natureza*. São Paulo: Masdras, 2002.

SCHWARCZ, Lilia. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1800 – 1930*, São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SENNET, Richard. *Carne e Pedra: o corpo na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 20ª. ed., São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, Antônio de Moraes. "Cigano". Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Oficinas de S.A. Litho-Typographia Fluminense, 1922.

STEIL, Carlos A. *O sertão das romarias - um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *Uma antropologia da peregrinação e do turismo religioso. Algumas questões teóricas e metodológicas*. Imaginário, EDUSP8, v. 8, n. 8, 2002.

STRAUSS, Levi Claude. *A eficácia simbólica*. Rio de Janeiro: Zahar.1999.

TAVARES, Marília.. "História do corpo.", In: A escrita da história. São Paulo: Novas Perspectivas, 1984.

TEIXEIRA, Ivone. "Assunção de Castro. Cadências escolares, ritmos docentes". In: Educação e Pesquisa. Vol.25, nº2, São Paulo July/Dec. 1999.

THIER, Samuel. *Ritos e Rituais*. RJ: Zahar, 1999.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em Comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

TURNER, Victor & TURNER Edith. *Imagem e Peregrinação*. Rio de Janeiro: Ed. Ouro, 1978.

TURNER, Victor. *Forest of symbols*. Ithaca: Cornell University Press, 1967.

_____. *O ritual do teatro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

_____. *The anthropology of performance*. New York: P.A.J, 1987.

_____. *The ritual process: structure and anti-structure*. Chicago: Aldine Publishing, 1969.

VAN GENNEP, Arnold. *A formação da lendas*. Porto Alegre: Antiquas, 1969.

_____. *Os Ritos de Passagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1978.

VON SIMSON. Olga de Moraes. *Branços e Negros no Carnaval Popular Paulistano (1914- 1988)*. Tese de Doutorado, FFLCH/USP. São Paulo, 1989.